



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO PROFISSIONAL

**QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA:
ANALISANDO HQS EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA
O TRABALHO EM SALA DE AULA**

STANLEY AMARANTE RODRIGUES

BRASÍLIA, DF
MAIO/2025

STANLEY AMARANTE RODRIGUES

**QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA:
ANALISANDO HQS EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA
O TRABALHO EM SALA DE AULA**

Dissertação de Mestrado apresentada como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Campus Darcy Ribeiro, sob orientação do Professor Dr. Fernando Bomfim Mariana.

BRASÍLIA, DF

MAIO/2025

QUADRINHOS NO ENSINO DE HISTÓRIA:
ANALISANDO HQS EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA O TRABALHO
EM SALA DE AULA

STANLEY AMARANTE RODRIGUES

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência para a obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Modalidade Profissional da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, área de concentração: Ensino de História e Práticas Pedagógicas Inovadoras, defendido em 26 de maio de 2025.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Fernando Bomfim Mariana
Orientador
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FEUnB)

Prof. Dr. Francisco Thiago Silva
Examinador – membro interno
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FEUnB)

Prof. Dr. Daniel Figueiredo de Oliveira
Examinador – membro externo
Departamento de Fundamentação da Educação da Universidade Federal da Paraíba
(DFE-CE/UFPB)

Prof. Dr^a. Liliane Campos Machado
Examinadora – membro suplente
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FEUnB)

Dedico este trabalho aos apreciadores de quadrinhos, literatura e História, assim como aqueles que estão iniciando sua aventura no mundo da História e da Ficção.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais Mirian Alberta Amarante de Sousa e Ricardo Pereira Rodrigues que muito me ajudaram durante toda a graduação, proporcionando as condições práticas para que eu pudesse me dedicar aos estudos, o que inclui este trabalho, tanto do ponto de vista financeiro quanto em relação a paciência em ouvir minhas divagações durante a pesquisa, em particular minha mãe.

Também gostaria de agradecer aos meus professores ao longo de toda a vida escolar, mais especialmente aos que tive o prazer de acompanhar no superior e que me permitiram perceber como os caminhos para a aprendizagem podem ser diversos e mostraram a possibilidade de trabalho com quadrinhos e/ou incentivaram o meu trabalho de pesquisa e prática pedagógica a partir de quadrinhos e outras formas de entretenimento.

Gratidão também a meus amigos, colegas de trabalho e estudo, além de outros familiares que tiveram paciência de me escutar divagar sobre minhas ideias e estudos. E um agradecimento especial aos docentes: Ana Tereza Reis da Silva, Patrícia Lima Martins Pederiva, Yves Félix Montagne e meu orientador Fernando Bomfim Mariana, assim como Francisco Thiago Silva e Daniel Figueiredo de Oliveira por serem os principais instigadores e viabilizadores dessa pesquisa.

RESUMO

Essa dissertação analisa as histórias em quadrinhos “Cumbe” de Marcelo D’Saete, “Persépolis” de Marjane Satrapi e “Palestina” de Joe Sacco, publicadas no Brasil a partir dos anos 2000. A pesquisa tem como objetivo analisar as referidas obras observando seus contextos internos e externos, aspectos estruturais da linguagem quadrinística e fazer uma apreciação qualitativa de elementos passíveis de serem abordados a partir de uma Perspectiva Decolonial para aplicação pedagógica no ensino de História. Tal perspectiva traz a este estudo categorias e conceitos tais como: modernidade e colonialidade, colonialidade do poder e dominação, colonialidade do saber e epistemologias do Sul, os impactos da decolonialidade, colonialidade do ser e resistência, pedagogia decolonial e educação. Também são mobilizados referenciais da ciência histórica trazendo os caminhos de pesquisa e ensino abertos a partir do movimento da História Cultural e o levantamento da narrativa e literatura como fonte e recurso de aprendizagem no campo da História. Utilizando uma abordagem qualitativa, baseada na Metodologia de Análise de Histórias em Quadrinhos de Márcia Tavares Chico e na Metodologia de Análise de Conteúdo, o estudo faz uma sumarização das principais temáticas decoloniais abordadas nas obras e sugestões de pautas a serem consideradas para o trabalho pedagógico com estes quadrinhos no Ensino de História. Observou-se que essas três HQs trazem diferentes visões quanto à questão decolonial, especialmente sobre as perspectivas marginais, suas histórias conhecidas e as silenciadas. Elas também permitem discutir a respeito de histórias de luta e resistência, envolvendo questões de identidade e cultura, impacto de opressões políticas, de perspectiva de gênero e representação feminina e das relações humano-natureza. Com isso, essas HQs permitem um olhar decolonial, trazendo questões diretamente ligadas a essas temáticas para pauta pedagógica. Tais observações resultaram na elaboração de tabelas esquemáticas com a descrição das cenas de cada obra e sínteses temáticas ressaltando os aspectos decoloniais que podem ser discutidos a partir de cada cena, assim como propostas de planos de aula envolvendo a utilização dos dados coletados.

Palavras-chave: História em Quadrinhos, Ensino de História, Decolonialidade, Metodologia de Análise de Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the comic books “Cumbe” by Marcelo D’Saete, “Persepolis” by Marjane Satrapi, and “Palestina” by Joe Sacco, published in Brazil from the 2000s onward. The research aims to examine these works by observing their internal and external contexts, structural aspects of comic language, and conducting a qualitative assessment of elements that can be addressed from a Decolonial Perspective for pedagogical application in History Teaching. This perspective brings to the study categories and concepts such as: modernity and coloniality, the coloniality of power and domination, coloniality of knowledge and epistemologies of the South, the impacts of decoloniality, coloniality of being and resistance, decolonial pedagogy, and education. It also draws on references from historical science, exploring research and teaching pathways opened by the Cultural History movement and the use of narrative and literature as sources and learning tools in the field of History. Using a qualitative approach based on Márcia Tavares Chico’s Comic Book Analysis Methodology and Content Analysis Method, the study summarizes the main decolonial themes addressed in the works and suggests pedagogical guidelines for applying these comics in History Education. It was observed that these three graphic novels offer different perspectives on decolonial issues, especially regarding marginal viewpoints—those that are known and those that have been silenced. They also enable discussion about narratives of struggle and resistance, involving topics such as identity and culture, political oppression, gender perspectives and female representation, and the relationship between humans and nature. In doing so, these comics allow for a decolonial gaze, introducing these issues directly into the educational agenda. These findings resulted in the development of schematic tables describing scenes from each work and thematic summaries emphasizing decolonial aspects that can be discussed based on each scene, along with proposed lesson plans based on the data collected.

Keywords: Comics, History Teaching, Decoloniality, Comic Book Analysis Methodology.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – CUMBE: ESQUEMA DE CENAS	41
TABELA 2 – PERSÉPOLIS: ESQUEMA DE CENAS	43
TABELA 3 – PALESTINA: ESQUEMA DE CENAS	48
Plano de Aula – Cumbe.....	106
Plano de Aula – Persépolis.....	119
Plano de Aula – Palestina.....	130

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Nhô Quim, de Angelo Agostini.....	20
Figura 2 – Quadrinhos da Disney das décadas de 80 e 90 em leilão de colecionismo	20
Figura 3 - Seis variações da personagem Mônica criada por Mauricio de Sousa em 1963 ..	21
Figura 4 - Capa internacional do livro Contos dos Orixás.....	23
Figura 5- Primeira edição do Esquadrão Amazônia	23
Figura 6 - Capa do livro Cumbe.....	24
Figura 7 - Capa do livro Maus	25
Figura 8 - Capa de Persépolis.....	27
Figura 9 – Capa de Cómics y memoria en América Latina	28
Figura 10 - Cena da tapeçaria de Bayeux.....	29
Figura 11- Tintin e Asterix (respectivamente)	29
Figura 12 - O senhor deixa a fazenda.....	98
Figura 13 - A senhora leva o filho de Calu embora enquanto esta trabalha	98
Figura 14 - Calu percebe o possível destino de seu filho.....	99
Figura 15 - Calu vai em busca de ajuda do padre	99
Figura 16 - O senhor conversa com o padre e busca Calu	100
Figura 17 - O senhor bebe e decide pela punição de Calu	100
Figura 18 - Calu leva seu filho a mata	102
Figura 19 - Marjane conversa com a mãe sobre os mártires.....	109
Figura 20 - Flashback de Marjane nas aulas durante a guerra	110
Figura 21- Marjane e colegas ironizam a exaltação dos mártires	111
Figura 22 - Marjane e sua mãe conversam com a faxineira sobre a chave do paraíso	112
Figura 23 - Conversa com o primo Chahab sobre o destino dos jovens na guerra	113
Figura 24 - Contraste entre as realidades de garotos pobres e Marjane.....	113
Figura 25 - Sacco aguarda sua vez de conversar e escuta sobre a situação de uma jovem palestina.....	123
Figura 26 – Mulheres da FPCM conversam com Sacco	123
Figura 27 - Mulheres da FPCM falam sobre conciliar fé e leis com a perspectiva feminista	124
Figura 28 - Sacco conversa com uma palestina sobre o véu.....	124
Figura 29 - Sacco conversa com várias palestinas sobre o hijab	125

LISTA DE SIGLAS

<i>SIGLA</i>	<i>SIGNIFICADO</i>
CCA	Comics Code Authority
CSS	Comics Studies Society
DFE-CE/UFPB	Departamento de Fundamentação da Educação da Universidade Federal da Paraíba
FEUnB	Faculdade de Educação da Universidade de Brasília
FPCM	Federação Palestina dos Comitês de Mulheres
HQ ou HQs/HQ's	História(s) em Quadrinho(s)
ICAA	International Comic Arts Association
MAC	Metodologia de Análise de Conteúdos
MAHQ	Metodologia de Análise de Histórias em Quadrinhos
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
O que é a pesquisa e a que ela se pretende?.....	11
Como cheguei aqui e quem sou eu?.....	12
Por que decolonial?.....	14
O que esperar?	16
1. UM RECORTE SOBRE A PESQUISA NO CAMPO DOS QUADRINHOS	18
Panorama das pesquisas sobre quadrinhos no Brasil e fora.....	18
Enquadramento teórico-metodológico.....	31
Fase exploratória.....	33
Fase de campo.....	35
Fase de tratamento e análise do material	40
2. OS QUADRINHOS NA HISTÓRIA E NA PEDAGOGIA.....	52
História dos quadrinhos	53
História e Pedagogia	55
3. CONSTRUINDO PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DECOLONIAIS COM QUADRINHOS	69
O uso pedagógico das histórias em quadrinhos	69
Estudando quadrinhos por uma perspectiva histórica.....	73
Os quadrinhos como ferramenta decolonial	80
4. ANALISANDO OS QUADRINHOS E CONSTRUINDO PLANOS DE AULA: UM OLHAR DECOLONIAL	89
Contextualizando os quadrinhos e montando os planos de aula.....	89
Cumbe: uma história de luta e resistência contra a escravização no Brasil.....	97
Persépolis: uma perspectiva feminina sobre a Revolução Iraniana	108
Palestina: uma narrativa sobre o impacto da ocupação Israelense	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS.....	138
PRODUTO TÉCNICO: GUIAS DE ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA E PLANEJAMENTO DA PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRABALHO PEDAGÓGICO COM HQ'S EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL	143
Parte I: Tabelas de esquema cenas (unidades de registro/contexto) por obra	144
Parte II: Planos de aula por obra	153

INTRODUÇÃO

O que é a pesquisa e a que ela se pretende?

A presente pesquisa apresenta o panorama das histórias em quadrinhos e sua utilização pedagógica de forma breve, assim como aborda uma síntese das pesquisas acadêmicas sobre quadrinhos no Brasil e no exterior. Contudo seu foco principal é a análise de três Histórias em Quadrinhos (HQs)¹ com as quais seja possível trabalhar para construir planos de aula com uma Perspectiva Decolonial, os quadrinhos escolhidos foram: “Cumbe” de Marcelo D’Saete, “Persépolis” de Marjane Satrapi e “Palestina” de Joe Sacco.

O uso pedagógico dos quadrinhos não é novo no ambiente escolar, vem ganhando bastante atenção de acadêmicos de várias áreas, inclusive a História. Especialistas de áreas diversas – História, Geografia, Literatura, “Ciências”², Pedagogia, entre outros – vem buscando mecanismo que possibilitem abordagens de ensino e aprendizagem mais lúdicas em suas respectivas áreas do conhecimento. Este é um fenômeno que vem ganhando bastante espaço no ambiente acadêmico nas últimas décadas (Moraes; Zara, 2021).

Há muito percebe-se que os modelos de educação escolar/formal baseados no paradigma da instrução (Pacheco, 2019) vêm se mostrando ineficaz na formação para o desenvolvimento de autonomia e criatividade entre os estudantes do ensino básico e predomina um desinteresse e/ou mecanicidade latente com relação aos conteúdos e métodos escolares por parte dos estudantes. Em vista disso, um dos caminhos recorrentes para a busca do rompimento destas barreiras é a adoção de uma abordagem pedagógica lúdica. E aqui percebe-se os quadrinhos como uma possibilidade, especialmente no ensino de História, como veremos a seguir.

A chamada História Cultural (Chartier, 2002) abriu as portas para uma nova percepção da produção narrativa (discursos, imagens, histórias, entre outros produtos da cultura) enquanto formas de representação e significação da realidade por parte do ser humano, permitindo ao mesmo tempo compreender sua história como indivíduo e espécie a partir de seus produtos culturais. É por essa perspectiva que encaramos os quadrinhos enquanto ferramentas pedagógicas que facilitam o processo de aprendizagem dos conhecimentos históricos.

Sobre as HQs pairou por muito tempo uma suspeita por parte dos educadores do mundo inteiro, desde sua invenção – no formato que conhecemos hoje – entre fins do século XIX e

¹ Passarei a usar preferencialmente “HQs” ou “quadrinhos” para “Histórias em Quadrinhos” e “HQ” ou “quadrinho” para representar o termo no singular.

² Aqui me refiro especificamente as áreas de Biologia, Química e Física.

início do XX³ tal formato de narrativa conquistou as massas, em particular os jovens. Seu apelo imagético, indo além do meramente textual, teve muito impacto em sua fácil popularização, pois muitas vezes conquistava até os não alfabetizados. Esse caráter popular, além de muitas vezes abordarem violência e o fantástico, afastaram os educadores por muito tempo (Rama; Vergueiro, 2018).

No entanto, nas últimas décadas fazem cada vez mais uso das histórias em quadrinhos nos mais diversos métodos de ensino, seja por trazer uma carga política e histórica intrínseca enquanto representação da realidade, seja por permitir associações diversas com os conteúdos escolares de formas mais palatáveis aos estudantes (Arantes; Gomes, 2014). Atualmente não é possível negar seu valor enquanto mecanismo pedagógico viável e com alto grau de afetividade na aprendizagem dos estudantes ao criar uma relação positiva do estudante com o estudo. Porém, para que esse potencial se concretize em aprendizagem no ambiente escolar faz-se essencial um uso pedagógico competente e é nesse sentido que o tema será tratado.

Dito isto, o presente trabalho busca uma mudança de perspectiva por parte dos educadores com relação à perspectiva e escolha das obras a serem trabalhadas durante o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes para que tal utilização não se restrinja aos estudos mais específicos de literatura; podendo ir além, inclusive, alcançando um patamar de interdisciplinaridade ímpar em comparação com outras ferramentas pedagógicas; nos levando a repensar práticas e refletir sobre a sociedade e sua herança colonial.

Como cheguei aqui e quem sou eu?

Parece a mim um tanto difícil responder a essas perguntas, poderia dizer meu nome e contar minha história, mas isso seria muito demorado. Poderia fazer um texto frio e sintético resumindo os principais pontos, mas se aprendi algo tanto como professor, quanto como pesquisador em áreas de humanidades é que a frieza tende a afastar aqueles que mais poderiam se beneficiar de algum conhecimento. Então falarei de mim como se estivesse conversando casualmente, ao menos nessa introdução.

No momento em que escrevo, sou uma pessoa relativamente jovem (28 anos), homem, professor, filho, irmão como muitos outros por aí. O que tenho para dizer que me diferencie? Desde criança adorava ler, tanto obras de ficção quanto os livros didáticos da escola – especialmente os de História e Ciências. Filho de um professor, rapidamente me interessei pela profissão e já na escola, ao ajudar colegas a estudar, criei interesse pela profissão.

³ há disputas entre os especialistas.

No caminho para me tornar professor interessei-me por ficção, especialmente obras de fantasia medievais, o que me aproximou ainda mais da História. Mas também fui um assíduo leitor de quadrinhos da Marvel e DC com seus heróis e de mangás (quadrinhos japoneses). À medida que estudava mais, fazia várias correlações entre as obras que lia e as coisas que estudava e, já formado em História, acabei indo para um campo de pesquisa um tanto distante desses gostos originais, a História da Educação no Brasil.

No curso de História dei um pequeno passo no sentido acadêmico para esses meus gostos literários, quando em uma atividade interventiva acabamos dando aula a estudantes do ensino médio e fiz minha primeira pesquisa acadêmica sobre quadrinhos para construir uma sequência didática. Lembro de pensar que isso poderia ser o tema do meu TCC, mas o meu processo já tinha começado e já estava tão adiantado com o tema anterior (legislação educacional na Era Vargas) que decidi deixar para depois. É aí que essa pesquisa tem seu preâmbulo, sua inspiração.

Seu início de fato deu-se no curso de Pedagogia, como uma produção avaliativa da disciplina de História da Educação da UnB, orientada pelo professor José Luiz Villar, no segundo semestre de 2017, em que a proposta foi que se trabalhasse um tema que permeasse toda a história da educação. Em vista disso, optei por trabalhar o campo das imagens, mais especificamente as histórias em quadrinhos (HQ) de super-heróis e o como podemos utilizá-las no ensino de história.

Por que História? Na verdade, a resposta para isso é bem clichê: sempre fui fascinado pela história humana, a disciplina História se manteve como uma de minhas favoritas durante praticamente toda minha vida acadêmica. A licenciatura em História foi minha primeira graduação e a Pedagogia veio como consequência quando percebi que para ser um professor melhor teria que ter um maior entendimento sobre educação.

A escolha do curso de Pedagogia acabou se mostrando bastante acertada, pois ao longo dele acabei trilhando um caminho voltado para práticas pedagógicas inovadoras, foi quando esbarrei no Projeto Autonomia. Este é um projeto de extensão sob a denominação oficial de Projeto Práticas Pedagógicas Inovadoras, mas conhecido e chamado internamente de “Autonomia”. O projeto funciona no formato de roda de conversa, em que as pessoas compartilham suas experiências com práticas pedagógicas inovadoras, em especial com as escolas que o grupo acompanha. Nesse espaço são compartilhadas ações, materiais culturais, conceitos e vivências com essas práticas. O Autonomia funciona como um espaço livre⁴

⁴Entendo espaço livre por um local em que as pessoas se reúnem voluntariamente para desenvolver alguma ação/reflexão sobre algo, sem imposições, limitações e rigidez que costumam marcar espaços oficiais e o interior

destinado ao compartilhamento de experiências, socialização de problemáticas e elaboração de propostas de soluções construídas de forma solidária e afetiva com vistas a pensar/fazer uma educação e escolarização mais humana. Essas ações ocorreram na forma de participação em congressos, observações, intervenções nas escolas, palestras, estudos e produções escritas (artigos, ensaios, relatos de pesquisa e/ou de experiência, etc.).

As vivências que tive a partir do projeto de extensão me levaram a pensar como diferentes filosofias educacionais poderiam se agregar a algumas de minhas formas favoritas de analisar e refletir sobre as realidades: a ficção e as linguagens do entretenimento. Em vista dessa linha de raciocínio, pensei inicialmente em abordar diversos tipos de linguagens que me permitissem utilizar a narrativa como ferramenta pedagógica.

Decidido isso, em minha monografia do curso de Pedagogia segui com a ideia de fundir alguns dos princípios pedagógicos e filosofias educacionais, aos quais fui me aproximando ao longo da graduação, a essas formas de entretenimento com as quais aprendi tanto ao longo de minha vida.

Quanto mais aprendia sobre os quadrinhos e seu uso nas escolas, foi ficando aparente para mim o caráter instrumentalista adotado no ambiente escolar e a forma negativa como isso afetava a relação dos estudantes com as obras e o próprio estudo em si. Outra coisa que pude perceber ao ler sobre os estudos acadêmicos de quadrinhos no Brasil é que, com muita frequência, o interesse pelos quadrinhos não surge nas atividades de sala de aula, mas em leituras puramente recreativas.

Meu envolvimento com o pensamento decolonial e a teoria histórico-crítica me levou a um questionamento da necessidade de sempre trazer os quadrinhos para sala de aula de forma instrumentalista, visando quase que exclusivamente o desenvolvimento dos conteúdos. O resultado disso foi uma abertura para outras formas de construir o conhecimento, potencialmente mais significativas para os estudantes: a Perspectiva Decolonial, mais aberta a vivência artística.

A dissertação que se segue é uma espécie de continuação natural da minha pesquisa de monografia, uma tentativa de trazer para a prática a experiência teórica adquirida nessa e em outras pesquisas, afim de chegar a considerações mais consistentes a partir de uma pesquisa mais aprofundada.

Por que decolonial?

das famílias, ou seja, um espaço em que se pode falar com liberdade sem se preocupar com hierarquias, e, consciência de que se está em um lugar em que você vai ser ouvido e praticar a escuta sensível/ativa.

Durante meus estudos superiores acabei por conhecer a corrente de pensamento decolonial. Considero essa perspectiva principalmente a partir da ótica de Mignolo (2021), uma direção de pensamento que busca uma ruptura com o atual sistema, marcado pela colonialidade do poder.

Assim, o pensamento decolonial parte do encontro de uma multitude de decoloniais, reunidos pela ferida colonial (regiões e pessoas classificadas como subdesenvolvidas econômica e mentalmente); da perspectiva de que o racismo afeta pessoas, lugares e os recursos naturais necessários à humanidade presentes em lugares habitados pelo ser humano; e do desejo de romper essa estrutura fundada na colonialidade do poder.

Tal perspectiva rejeita a colonização epistêmica⁵ imposta/sugerida pelo chamado primeiro mundo, a lógica eurocentrista e estadunidense que se colocou sob todos os cantos do mundo a partir das práticas de colonização e imperialismo. A decolonialidade é cética com relação a visão ocidentalizante, dessa “civilização da morte” (capitalista, moderna, caracterizada pela colonialidade do poder, que subalterniza, desumaniza e destrói em nome de um suposto progresso) que se apresenta como portadora de ideais universais. Os caminhos decoloniais partem do princípio de que a proteção e regeneração da vida deve prevalecer sobre a primazia da produção e reprodução de bens, principalmente quando à custa da vida; ou seja, parte em busca de outros projetos de sociedade.

Não se trata de negar conhecimentos advindo da matriz cultural europeia, mas de perceber suas origens e refletir sobre elas antes de internalizá-las e considerá-las como verdades pré-estabelecidas. Há uma grande variedade de conhecimentos e formas de epistemologia a se considerar. Por isso, este trabalho há de considerar referenciais teóricos e práticos não tradicionais, embora não se privará deles.

Em síntese, a colonialidade é um conceito que vai além do colonialismo histórico. Trata das persistentes estruturas de poder, conhecimento e relações sociais que foram estabelecidas durante o período colonial e que continuam a influenciar as sociedades pós-coloniais. Ela destaca como a exploração e dominação colonial não terminaram com a independência política, mas continuam a moldar a economia, cultura e vida social dos países anteriormente colonizados e colonizadores. A colonialidade atua através de quatro eixos principais: o poder, o ser, o saber e o viver.

A colonialidade do poder se refere à maneira como o poder político, econômico e social foi organizado durante o período colonial e como essas estruturas continuam a influenciar as

⁵ O termo "epistêmica" refere-se ao que está relacionado ao conhecimento, à natureza do conhecimento, ou às condições para adquiri-lo.

sociedades contemporâneas. Isso inclui a hierarquização racial, onde grupos étnicos não brancos são frequentemente marginalizados e colocados em posições de desvantagem. Além disso, aborda a continuidade das elites coloniais na forma de instituições e sistemas de governança que favorecem interesses coloniais sobre os locais (Grosfoguel, 2021).

Já a colonialidade do ser trata da desumanização e da imposição de identidades inferiores sobre os povos colonizados. Aborda como os colonizadores decidiram o que significa ser humano de uma forma que privilegia os colonizadores e desvaloriza as culturas e modos de vida dos povos colonizados. Isso ainda se reflete na forma como certos grupos étnicos são percebidos e tratados na sociedade atual, perpetuando preconceitos e discriminações (Walsh, 2012).

O eixo da colonialidade do saber aborda a hegemonia do conhecimento ocidental e a marginalização ou desvalorização dos saberes e conhecimentos indígenas e não ocidentais. Durante o colonialismo, as epistemologias locais foram muitas vezes desprezadas ou eliminadas em favor do conhecimento europeu, e essas dinâmicas continuam a existir nas instituições educacionais e científicas de hoje. A colonialidade do saber desafia essa exclusividade, promovendo a valorização e integração de saberes diversos e locais. (Mignolo, 2021)

Por fim, a colonialidade do viver fala a respeito da maneira como as práticas culturais e os modos de vida foram influenciados pelo colonialismo. Isso abrange a imposição de valores, normas e formas de vida ocidentais sobre os povos colonizados, muitas vezes suprimindo ou transformando suas próprias práticas culturais e formas de existência. Também se refere as questões de justiça ambiental e sustentabilidade, examinando como as práticas coloniais de exploração de recursos continuam a afetar as comunidades e o meio ambiente (Walsh, 2013).

Em vista disso, aqui proponho um trabalho alinhado com uma pedagogia decolonial sugerida por Catherine Walsh (2013) que sugere uma abordagem educacional para desafiar e transformar as estruturas de poder e conhecimento impostas pelo colonialismo. Ela argumenta que a educação deve ser uma prática insurgente que rompa com a modernidade/colonialidade, permitindo novas formas de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver.

O que esperar?

A seguir você encontrará uma dissertação que busca apresentar de forma coerente o fruto de vários anos de estudo e pesquisa relacionados às HQs e seu uso como ferramenta pedagógica com o intuito de encontrar algumas formas de trabalhar quadrinhos em uma

Perspectiva Decolonial, assim como ajudar docentes e discentes a aprender com essa forma de narrativa tão acessível que são os quadrinhos.

A primeira parte dessa dissertação, chamada “Um recorte sobre a pesquisa no campo dos quadrinhos”, vai tratar da forma como a pesquisa foi organizada e de cada uma de suas etapas. Começará tratando um pouco do histórico da pesquisa sobre quadrinhos no Brasil e fora para em seguida abordar as etapas pelas quais essa pesquisa passou: (I) a fase exploratória, (II) a fase de campo e (III) a fase do tratamento e análise do material.

A segunda parte, “Um contexto sobre os quadrinhos e seu uso pedagógico no Ensino de História”, fará uma contextualização histórica sobre os quadrinhos para em seguida situar minha visão quanto à Pedagogia e História, dois conceitos basilares para o entendimento do que estou propondo. Nela discorrerei sobre o uso pedagógico dos quadrinhos e seu potencial enquanto ferramenta decolonial.

Na terceira parte, denominada “Os quadrinhos como ferramenta de estudo da História e a Decolonialidade como perspectiva teórica”, trato do uso pedagógico dos quadrinhos alinhando uma perspectiva mais histórica focada no ensino de História, mas também trazendo um olhar decolonial.

A quarta parte, “Analisando os quadrinhos e construindo planos de aula: um olhar decolonial”, traz as análises de forma detalhada; especificando os elementos estruturais, contextuais e qualitativos em cada uma das obras analisadas. O capítulo inicia com uma apresentação dos quadrinhos Cumbe, Persépolis e Palestina e uma breve retomada da metodologia para seguir com as análises e a construção dos planos de aula para as cenas escolhidas de cada obra.

Por fim, apresentarei as considerações finais quanto ao que foi observado/analizado e como se pode preparar um plano de aula a partir do entrelaçamento entre Perspectiva Decolonial e a prática do uso pedagógico dos quadrinhos no ensino de História. Eis o convite para ficar até o final da leitura.

1. UM RECORTE SOBRE A PESQUISA NO CAMPO DOS QUADRINHOS

Nesse capítulo será explicada a forma como a pesquisa foi construída, mas antes será traçado um breve panorama da pesquisa acadêmica sobre HQs no Brasil e no exterior, assim como sobre os principais tipos de pesquisa feitas neste sentido. Em seguida será apresentado o enquadramento teórico-metodológico da pesquisa para permitir um melhor entendimento de sua posição dentro do escopo das pesquisas já feitas, especialmente no Brasil, encerrando a primeira metade deste capítulo inicial.

A segunda metade foca nas etapas/fases da pesquisa tratando do processo propriamente dito, das definições do problema e confecção dos planos de aula. A primeira fase, exploratória, concentrara-se na questão problema, no objeto de pesquisa e seus objetivos, assim como um apanhado rápido da bibliografia utilizada e fundamentação teórica e metodológica.

A segunda fase da pesquisa de campo abordará as metodologias utilizadas: elementos da Metodologia de Análise de Conteúdo (MAC) na perspectiva de Maria Cecília de Souza Minayo (2021) e a Metodologia de Análise de Histórias em Quadrinhos (MAHQ) apresentada aqui no Brasil por Márcia Tavares Chico (2020); ambas as quais recorri para formular meus processos de seleção, análise e interpretação dos dados coletados, buscando um olhar decolonial para fundamentação teórica.

A terceira fase consiste em uma descrição detalhada da forma como foi organizada a redação dos resultados da análise e interpretação dos dados e da maneira como foram construídos os planos de aula.

Panorama das pesquisas sobre quadrinhos no Brasil e fora

As histórias em quadrinhos (HQs) têm desempenhado um papel significativo na cultura brasileira, sendo um meio popular de entretenimento e expressão artística. Além de sua relevância cultural, as HQs também são objeto de estudo acadêmico, proporcionando um campo rico para pesquisas interdisciplinares que abrangem literatura, comunicação, sociologia e educação. Nesse texto, serão exploradas algumas das principais abordagens e temas das pesquisas acadêmicas sobre histórias em quadrinhos no Brasil.

Um dos temas recorrentes nas pesquisas acadêmicas é a origem e evolução das histórias em quadrinhos no Brasil. Este campo de estudo investiga as primeiras produções nacionais, como "O Tico-Tico", lançado em 1905, que é considerado um dos primeiros quadrinhos brasileiros. Estudos sobre esse período destacam a influência das HQs estrangeiras, especialmente as norte-americanas e europeias, no desenvolvimento dos quadrinhos brasileiros. Entre os pesquisadores

deste tema podemos destacar Angelo Agostini, Waldomiro Vergueiro, João Elias Nery, Cristina Lima Souza Silva. Além disso, os pesquisadores analisam como as HQs refletiram as mudanças sociais e políticas ao longo do século XX.

Embora os quadrinhos tenha sido alvo de grande rejeição de boa parte da sociedade na primeira metade do século XX, sendo alvo de preconceitos, perseguições e até medidas judiciais em alguns casos sempre houveram vozes que advogaram em sua defesa. Esse cenário também se repetiu no Brasil, como pontua Vergueiro, Ramos e Chinen (2013):

[...] E aqui, igualmente, também existiram intrépidos defensores do meio, que com tenacidade fizeram reverter as expectativas e conseguiram que, aos poucos, os quadrinhos fossem melhor aceitos pela sociedade em geral, bem como inseridos nas áreas de produção e preservação do conhecimento - escolas, bibliotecas, universidades. Foram visionários, homens e mulheres à frente de seu tempo e conectados com o avanço do conhecimento. (p. 7)

Em livro sobre os pioneiros do estudo de quadrinhos no Brasil, os referidos autores destacam alguns dos principais nomes dos estudos dos quadrinhos: José Marques de Melo, professor da Universidade de São Paulo (USP) e coordenador da primeira pesquisa científica sobre histórias em quadrinhos no país, em 1967, quando atuava na Faculdade Casper Líbero; Álvaro de Moya, jornalista e professor aposentado do Departamento de Cinema, Televisão e Rádio da Escola de Comunicação e Artes da USP e organizador da Primeira Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos no Brasil; Moacyr Cirne, professor aposentado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF) e autor de várias obras sobre quadrinhos; Sonia Bibe Luyten, doutora em Ciências da Comunicação pela USP, onde também foi professora, criadora da disciplina de Editoração de Histórias em Quadrinhos, assim como autora de diversos livros sobre quadrinhos e mangá; e Antônio Luiz Cagnin, também professor aposentado do Departamento de Comunicação Social da UFF, autor de pesquisas sobre quadrinhos desde a década de 1970 (Vergueiro; Ramos; Chinen, 2013).

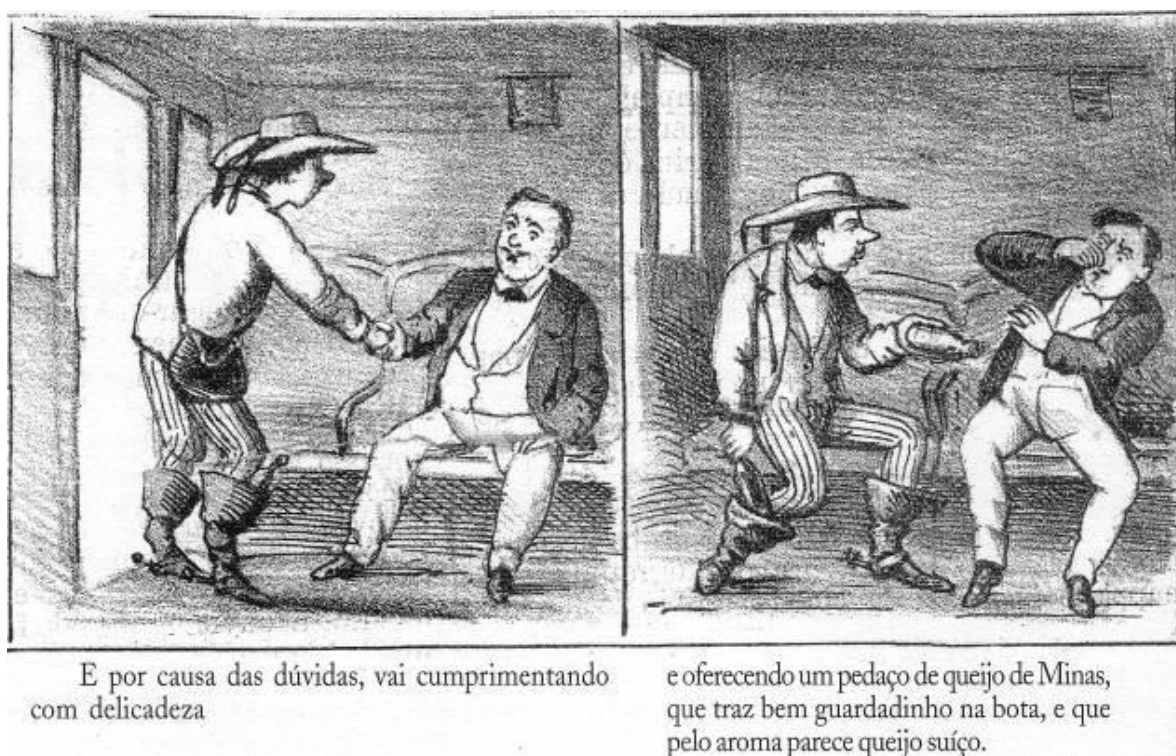
Já em 1951, em São Paulo, houve uma Primeira Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos organizado por um grupo de admiradores de quadrinhos constituídos por vários entusiastas, entre os quais Álvaro Moya. O grupo optou por uma exposição aberta ao público trazendo várias obras originais de autores estadunidenses consagrados e análises realizadas pelos organizadores na busca de apresentar uma abordagem mais favorável aos quadrinhos.

O evento teve forte impacto midiático e foi umas das primeiras tentativas de lançar um olhar mais científico para os quadrinhos ao mobilizarem um aporte teórico de análises de imagem já utilizadas no cinema. Como único desse grupo a ingressar na docência universitária nesse período, Moya manteve ligação com os quadrinhos em suas atividades produtivas. Um dos frutos desse trabalho foi a obra “Shazam!”, uma antologia sobre quadrinhos com a

participação de vários outros de diversas áreas (psicologia, arte, jornalismo e arquitetura) publicada em 1970. Sua participação continha o primeiro relato histórico sobre o desenvolvimento das HQs e foi muito importante para incentivar e inspirar produções futuras (Vergueiro, 2017).

Mesmo com esses trabalhos iniciais ainda foram muitas e variadas as dificuldades enfrentadas por autores e editores para o estabelecimento de uma indústria de HQs mais independente no Brasil. Mesmo ao considerarmos algumas obras de humor gráfico e caricatura presentes em obras desde o século XIX, tais como charges, cartuns, quadrinhos e outras ilustrações são poucos os autores consagrados (o desenhista, cartunista e escritor ítalo-brasileiro Angelo Agostini sendo talvez um dos mais famosos por “As Aventuras de Nhô Quim”) que são relativamente bem conhecidas entre os entusiastas, mesmo hoje.

Figura 1- Nhô Quim, de Angelo Agostini



Fonte:
https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Nho-Quim-de-Angelo-Agostini_fig1_49428753

Figura 2 – Quadrinhos da Disney das décadas de 80 e 90 em leilão de colecionismo

Como destacado anteriormente, a entrada dos quadrinhos nas universidades brasileiras se deu em 1967, na USP, em um grupo de pesquisa coordenado pelo professor José Marques de Melo. A pesquisa inserida na linha funcionalista dos estudos de comunicação fez um diagnóstico apresentando as circunstâncias em que se encontrava a produção de revistas em

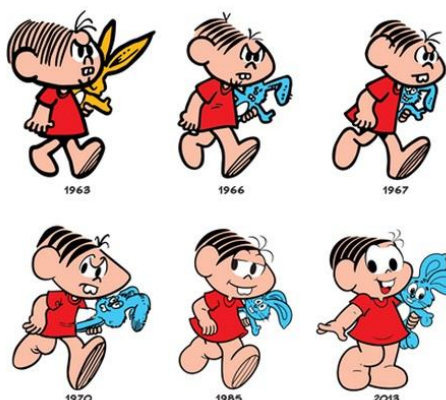
quadrinhos disponibilizadas pela indústria brasileira à época. Os dados evidenciaram o sucesso de vendas das revistas relacionadas a Disney (como as do Mickey, Pato Donald, Zé Carioca, etc.), sendo as mais vendidas do país (Melo, 1970).

Tal situação foi modificada apenas a partir de 1970 com o sucesso das obras de Maurício de Sousa (criador da Turma da Mônica).



Fonte:

Figura 3 - Seis variações da <https://www.leilaodecoleccionismo.com.br/peca.asp?ID=12094492>



personagem Mônica criada por Mauricio de Sousa em 1963

Fonte:

<https://www.aredacao.com.br/cultura/25327/mauricio-de-sousa-comemora-cinco-decadas-de-monica-com-rodada-de-eventos>

Isso evidencia que o mercado e a indústria das HQs no Brasil também são objeto de estudo. De acordo com Vergueiro (2017), há uma série de pesquisas analisam o impacto econômico das HQs, as dinâmicas de produção e distribuição, e os desafios enfrentados pelos artistas e editoras nacionais. Estudos sobre a digitalização e o consumo de HQs online também são relevantes, considerando as mudanças nas formas de publicação e leitura no contexto contemporâneo.

Contudo foi na década de 1970 que surgiram disciplinas de graduação dedicadas aos quadrinhos: na Universidade de Brasília (UNB) e na USP; respectivamente ministradas em seu início pelo professor Francisco Araújo e a já citada professora Sonia Luyten. Destas, especialmente na última, surgiram vários grupos de estudantes que se dedicaram a produção de eventos e produção de fanzines (publicações independentes e geralmente não comerciais, criadas por entusiastas).

Esse período também foi marcado pela influência da teoria crítica e o marxismo no estudo dos quadrinhos no país, assim como do uso de conceitos referentes aos teóricos da Escola de Frankfurt que viam os quadrinhos a partir de sua posição na indústria cultural da época.

Moacyr Cirne é um dos mais alinhados a essas teorias entre os pioneiros já citados, foi fortemente influenciado pelo socialismo científico e a semiótica (Souza, 2014).

O que não o impediu de fazer críticas a proposições de autores alinhados à esquerda política a fim de contrapor críticas aos quadrinhos situando algumas produções como obedientes “... a todo um contexto ideológico, contexto que produz ‘filosofias’ burguesas que só sabem gerar respostas reacionárias [...] também por uma ideologia de classe) o radicalmente novo dos possíveis tecnicistas” (Cirne, 1974, p. 315 apud Vergueiro, 2017, p. 68). Contudo, seu principal alvo de críticas ainda eram os quadrinhos estadunidenses de super-heróis em que identificava um produto nazificante e uma espécie de mito da classe média. Esse tipo de crítica fica evidente em muitas de suas obras, tais como “Ideologia e crítica dos quadrinhos” e “Ideologia dos super-heróis”.

Sonia Luyten, também pesquisadora que também adotou uma perspectiva crítica, porém mais moderada que Cirne, trouxe destaque para a temática dos mangás (quadrinhos japoneses) dando especial atenção aos produzidos por descendentes de imigrantes japoneses no Brasil. Ela também criou o primeiro núcleo de pesquisa sobre mangá no país.

Houve também muita influência da perspectiva estruturalista no Brasil, entre os pioneiros se destaca Antônio Luiz Cagnin que adotou essa perspectiva mais focada em observar a estrutura narrativa e os elementos constitutivos da linguagem nos quadrinhos. Cagnin publicou a obra “Os quadrinhos” em 1975 que virou referência para esse tipo de abordagem.

A partir dos anos 1990 vão surgindo alguns outros grupos ou iniciativas voltadas ao estudo dos quadrinhos, especialmente em programas de pós-graduação levando a um crescente número de pesquisas sobre o assunto em vários lugares no Brasil. Vergueiro (2017) aponta que:

o crescimento das pesquisas não se restringiu à área de Comunicação. O interesse pelo tema começou a aparecer também em outras áreas de conhecimento e, paulatinamente, outros cursos de pós-graduação do país passaram a receber alunos interessados em desenvolver pesquisas sobre histórias em quadrinhos em nível de mestrado e doutorado. Timidamente de início, alguns professores dispuseram-se a orientar trabalhos esparsos sobre o tema e, vendo que o resultado era satisfatório e, ao mesmo tempo, na medida em que ficavam mais familiarizados com ele, passaram a oferecer novas vagas e influenciaram seus colegas a também orientar pesquisas sobre histórias em quadrinhos. Minha experiência pessoal na área, participando em bancas de defesa de mestrado e doutorado no Brasil inteiro, mostrou-me que nas últimas três décadas ocorreu um crescimento vertiginoso de pesquisas sobre quadrinhos desenvolvidas em programas de pós-graduação nas mais diversas áreas. Tendo participado de mais de duas centenas de bancas de avaliação de dissertações e teses - nas áreas de Comunicação, Letras e Literatura, Educação, História, Medicina, Fisioterapia, Teologia, Ciências Sociais, Tradução, Física, Ciência da Informação, entre outras, posso com tranquilidade afirmar que atualmente é possível desenvolver pesquisas sobre histórias em quadrinhos, no Brasil, em praticamente todas as áreas do conhecimento. (p. 74)

As histórias em quadrinhos no Brasil representam um campo fértil para pesquisas acadêmicas, com múltiplas abordagens que revelam a riqueza e a complexidade desse meio artístico. Desde suas origens e impacto cultural até sua utilização como ferramenta educacional, as HQs continuam a inspirar estudos que contribuem para a compreensão da sociedade brasileira e suas diversas expressões culturais.

Um exemplo de obra que envereda pela perspectiva decolonial aqui no Brasil é a dissertação de mestrado de Kassiano Ademir Amorim Ferreira, “Decolonialidade Quadrinística na Educação em Ciências: um olhar para heróis de Histórias em Quadrinhos brasileiras” apresentada em 2020 no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Sua pesquisa analisa duas histórias em quadrinhos brasileiras, “Contos dos Orixás” e “Esquadrão Amazônia”, e sua aplicação na Educação em Ciências. Utilizando a Perspectiva Decolonial e a Análise de Discurso franco-brasileira, a investigação explora como essas HQs representam corpos não-brancos e femininos, e a relação ser humano-natureza-espiritualidade. Em sua análise as HQs desafiam hegemonias coloniais e promovem novas formas de educação. Elas trazem protagonismo a indígenas e negros e discutem a ciência conhecida e silenciada, bem como a relação exploratória versus

Figura 4 - Capa internacional do livro Contos dos Orixás

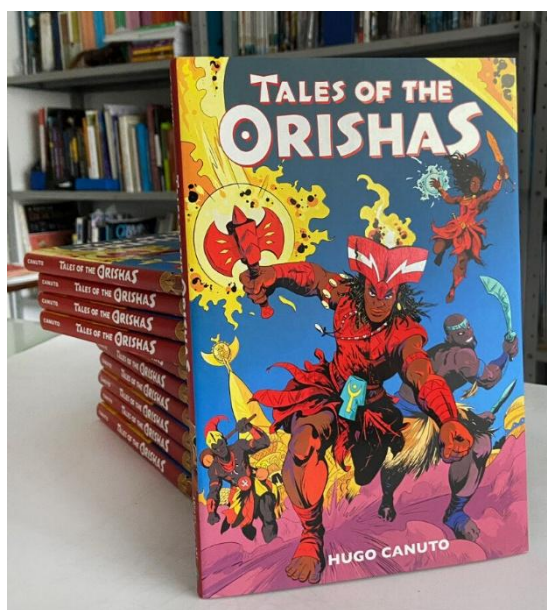
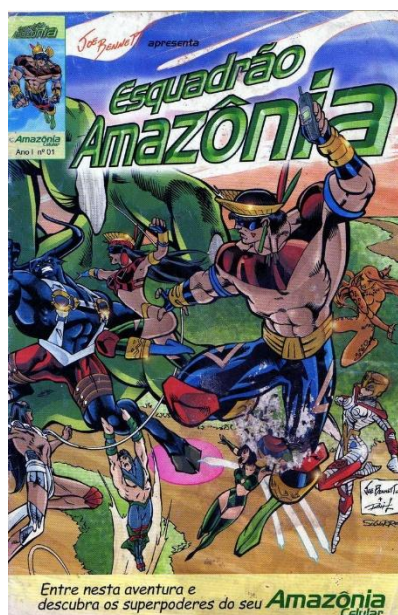


Figura 5- Primeira edição do Esquadrão Amazônia

preservacionista.

O trabalho de Ferreira (2020)

traz vários pontos interessantes sobre as obras: (1) seu escopo temático traz heróis e super-heróis inspirados nos Orixás da cultura yorubá, lendas indígenas e fauna amazônica; (2) busca entender como essas HQs podem ser integradas na Educação em Ciências e quais suas contribuições potenciais; (3) utiliza a perspectiva decolonial como base teórica, que promove uma mudança epistêmica e social, desafiando as hegemonias que regulam a sociedade; (4) a pesquisa destaca as pedagogias decoloniais, defendidas por Catherine Walsh, que propõem



novas formas de educação que não perpetuem os eixos da colonialidade (poder, ser, saber e viver); (5) As HQs analisadas trazem diferentes visões sobre o corpo feminino e destacam indígenas e negros como protagonistas; e (6) as HQs permitem discutir a relação entre ser humano e natureza, confrontando perspectivas exploratórias e preservacionistas.

Uma outra obra que possibilita leituras e análises mais aprofundadas em um enfoque decolonial aqui no Brasil é o quadrinho “Cumbe” é um quadrinho escrito e ilustrado por Marcelo D'Saleta. Sob uma ótica decolonial, "Cumbe" pode ser analisado como uma obra que busca decolonizar a narrativa histórica brasileira, trazendo à tona as vozes e experiências dos negros escravizados no Brasil colonial.

experiências dos negros

D'Saleta (2018) utiliza

para contar histórias de

resistência e luta contra a opressão, destacando a importância dos quilombos e das insurreições como formas de resistência. A obra desafia a visão eurocêntrica e hegemônica da história, oferecendo uma perspectiva que valoriza as experiências e a resistência dos povos oprimidos.

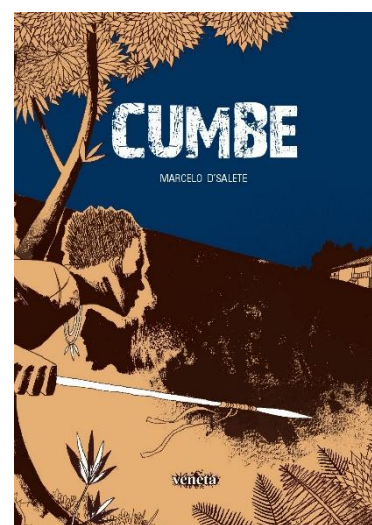
Além disso, "Cumbe" contribui para a desconstrução das narrativas coloniais, promovendo uma compreensão mais completa e justa da história brasileira. A obra de D'Saleta é um exemplo de como a arte pode ser usada como uma ferramenta de resistência e de decolonização, ajudando a redefinir a história e a cultura de uma sociedade. Será feita uma apresentação mais extensa da obra no capítulo 4, etapa em que são relatados os resultados da análise feita.

Tendo isso em vista, a atual pesquisa pretende ampliar o leque de opções para a perspectiva decolonial no ensino de História e trazer novas formas de análise e utilização de quadrinhos no ensino.

A história dos quadrinhos na academia mostra uma trajetória de crescente reconhecimento e valorização como já pontuado anteriormente, refletindo a riqueza e a diversidade desse meio como objeto de estudo acadêmico sério.

Figura 6 - Capa do livro Cumbe

a linguagem dos quadrinhos



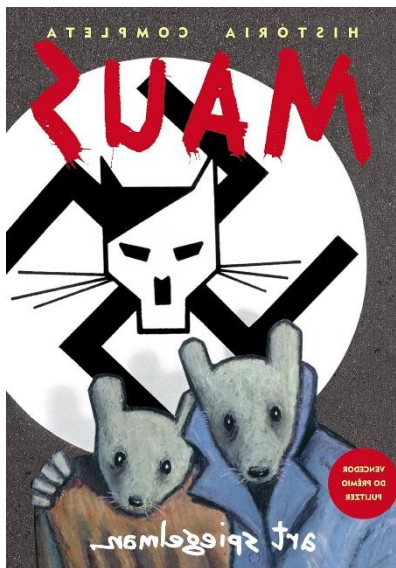
Quanto às pesquisas sobre quadrinhos no exterior, serão abordados apenas três núcleos principais em função das limitações culturais e linguísticas que dificultam a exploração do cenário oriental, estes cenários são: os Estados Unidos, a América Latina e a Europa. O panorama traçado é breve, pois tais núcleos acabam por extrapolar um pouco o escopo da presente pesquisa.

A história dos quadrinhos na academia é relativamente recente, mas tem evoluído rapidamente nas últimas décadas. Inicialmente, os quadrinhos eram frequentemente vistos como um meio de entretenimento popular, destinado principalmente a crianças e adolescentes, e não recebiam muita atenção do mundo acadêmico. No entanto, essa percepção começou a mudar gradualmente ao longo do tempo.

Nos anos 1940 e 1950, alguns estudiosos começaram a analisar os quadrinhos, mas muitas vezes de uma perspectiva crítica. Um marco importante foi o livro "Seduction of the Innocent" (1954), do psiquiatra Fredric Wertham, que alegava que os quadrinhos influenciavam negativamente os jovens, associando-os à delinquência juvenil. Isso levou à criação do "Comics Code Authority" (CCA), um código de autocensura que regulava o conteúdo dos quadrinhos

nos Estados Unidos, limitando significativamente o tipo de histórias que poderiam ser publicadas (Vergueiro, 2017).

Figura 7 - Capa do livro Maus



Nos anos 1970, a atitude em relação aos quadrinhos começou a mudar, com um aumento no interesse acadêmico. Livros como "The Seduction of the Innocent" (1972) foram revisados criticamente, e os quadrinhos começaram a ser reconhecidos como um meio de expressão artística e cultural. A fundação de revistas acadêmicas dedicadas ao estudo dos quadrinhos, como o "Journal of Popular Culture"⁶, ajudou a legitimar o campo. Além disso, a publicação de graphic novels como "Maus" de Art Spiegelman, que ganhou o Prêmio Pulitzer em 1992, demonstrou que os quadrinhos

poderiam abordar temas sérios e complexos.

Nos anos 1990 e 2000, o campo dos estudos de quadrinhos se consolidou ainda mais. Várias universidades começaram a oferecer cursos e programas focados em quadrinhos. A criação da "International Comic Arts Association" (ICAA) e o lançamento de revistas

⁶ <https://onlinelibrary.wiley.com/journal/15405931>

especializadas, como a “International Journal of Comic Art”⁷ e a “ImageText: Interdisciplinary Comics Studies”⁸, forneceram plataformas para pesquisadores publicarem seus trabalhos e trocarem ideias. Autores de quadrinhos, como Scott McCloud, com seu livro "Understanding Comics", também contribuíram para a teoria dos quadrinhos, ajudando a definir e analisar a linguagem única desse meio.

Na última década, os estudos de quadrinhos se tornaram uma parte estabelecida e respeitada do mundo acadêmico. Conferências internacionais, como a “Comics Studies Society Annual Conference”⁹, reúnem pesquisadores de todo o mundo. As graphic novels continuaram a ganhar prêmios literários importantes, e autores como Alison Bechdel, com "Fun Home", e Marjane Satrapi, com "Persépolis", são frequentemente estudados em contextos acadêmicos.

O campo agora é reconhecido por sua interdisciplinaridade, abrangendo áreas como estudos de mídia, história, literatura, psicologia, sociologia e estudos culturais. A pesquisa sobre quadrinhos também tem se expandido para incluir quadrinhos de diferentes culturas e tradições, como os mangás japoneses e as “bandes dessinées” europeias, promovendo uma compreensão mais global do meio.

Uma iniciativa significativa nesse campo foi a criação da “Comics Studies Society” (CSS), uma associação acadêmica dedicada ao estudo de quadrinhos. A CSS organiza conferências anuais, publica a revista *Inks* e promove a troca de conhecimento entre pesquisadores, artistas e entusiastas dos quadrinhos. Além disso, várias universidades nos Estados Unidos oferecem cursos e programas de graduação e pós-graduação focados no estudo dos quadrinhos, como a “Ohio State University”, a University of Florida” e a “University of Oregon”.

Revistas acadêmicas como a “ImageText: Interdisciplinary Comics Studies”, “The Comics Grid: Journal of Comics Scholarship”¹⁰ e “Journal of Graphic Novels and Comics”¹¹ são algumas das principais publicações dedicadas à pesquisa em quadrinhos. Esses periódicos publicam artigos que abordam uma variedade de temas, desde a análise de obras específicas até estudos sobre a indústria dos quadrinhos e sua influência cultural e social. A presença desses periódicos reflete o amadurecimento e a legitimidade do campo de estudos sobre quadrinhos nos Estados Unidos.

⁷ <http://ijoca.net/>

⁸ <https://imagnetextjournal.com/>

⁹ comicsstudies.org

¹⁰ <https://doaj.org/toc/2048-0792>

¹¹ <https://www.tandfonline.com/journals/rcom20>

A pesquisa acadêmica em quadrinhos nos Estados Unidos tem se consolidado como um campo interdisciplinar dinâmico e diversificado, abrangendo uma ampla gama de disciplinas, como História, estudos de mídia, artes visuais, filosofia e teoria literária. Nos últimos anos, os quadrinhos deixaram de ser vistos apenas como entretenimento popular e passaram a ser reconhecidos como uma forma de arte legítima e um objeto de estudo acadêmico sério.

Os pesquisadores de quadrinhos nos Estados Unidos também exploram a relação entre quadrinhos e outras formas de mídia, como cinema, televisão e videogames. A adaptação de quadrinhos para outros meios tem gerado debates sobre questões de fidelidade, interpretação e a interação entre diferentes linguagens visuais e narrativas. Além disso, estudos sobre a história dos quadrinhos nos Estados Unidos frequentemente investigam temas como censura, propaganda, representação de gênero e raça, e o impacto dos quadrinhos na formação da identidade cultural americana.

Uma área de destaque na pesquisa acadêmica em quadrinhos nos Estados Unidos é o estudo das graphic novels, que são frequentemente consideradas uma forma mais madura e sofisticada de quadrinhos. Autores como Art Spiegelman, com sua obra “Maus”, Alison Bechdel, com “Fun Home”, e Marjane Satrapi, com “Persépolis”, são frequentemente objeto de análise e discussão acadêmica. Essas obras não apenas expandem os limites do que os quadrinhos podem representar, mas também desafiam as percepções tradicionais sobre o meio.

Aqui dou destaque ao livro “Persépolis uma autobiografia em quadrinhos escrita e ilustrada por Marjane Satrapi. Sob uma ótica decolonial, *Figura 8 - Capa de Persépolis* “Persépolis” pode ser vista como uma obra que desafia as narrativas ocidentais sobre o Oriente Médio e a vida em um país islâmico. Satrapi utiliza sua própria história pessoal para oferecer uma perspectiva íntima e autêntica sobre a Revolução Iraniana e suas consequências, algo que muitas vezes é omitido ou distorcido nas narrativas ocidentais (Satrapi, 2022).

A obra de Satrapi descoloniza a história ao trazer à tona as experiências de uma mulher iraniana que cresceu durante um período de intensa repressão política e social. Ela aborda temas como a opressão, a resistência, a identidade e a luta pela liberdade, oferecendo uma visão crítica e humanizada da vida no Irã. Além disso, “Persépolis” desafia os estereótipos e preconceitos sobre a cultura iraniana, mostrando a complexidade e a diversidade das vidas dos iranianos. Essa é outra das obras que será analisada no capítulo 4.



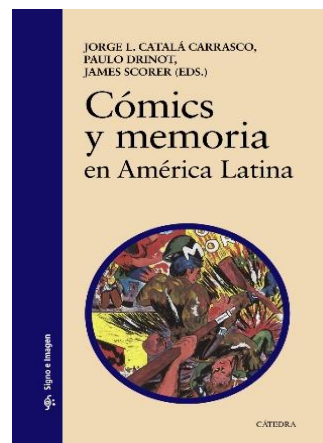
Além disso, o estudo dos quadrinhos nos Estados Unidos não se limita apenas às publicações americanas. Pesquisadores frequentemente exploram quadrinhos de outras partes do mundo, como mangás japoneses e bandes dessinées europeias, para entender as influências e interações culturais globais. Essa abordagem comparativa enriquece o campo de estudos sobre quadrinhos e promove uma compreensão mais abrangente do meio.

Em resumo, a pesquisa acadêmica em quadrinhos nos Estados Unidos é um campo vibrante e em constante evolução. Com um número crescente de conferências, publicações e programas acadêmicos dedicados ao estudo dos quadrinhos, o campo continua a se expandir e a atrair novos pesquisadores interessados em explorar as múltiplas dimensões dessa forma de arte única.

A pesquisa acadêmica sobre HQs na América Latina tem se desenvolvido significativamente nos últimos anos, destacando-se como um campo de estudos diversificado e interdisciplinar. Esse crescimento é evidenciado pela publicação de diversos livros e artigos que abordam temas como memória, identidade, cotidiano e linguagem a partir das HQs.

Um exemplo notável dessa produção acadêmica é o livro "El Eternauta, Daytripper, and Beyond: Graphic Narrative in Argentina and Brazil" de David William Foster, que explora narrativas gráficas na Argentina e no Brasil. Outro trabalho importante é "Las historietas en Chile 1962–1982: Industria, ideología y prácticas sociales" de Jorge Rojas Flores, que analisa a indústria de quadrinhos em Chile durante esse período (Gomes, 2020). Esses estudos mostram como as HQs podem ser usadas como ferramentas para discutir questões sociais e culturais relevantes.

Figura 9 – Capa de Cómics y memoria en América Latina



Além disso, a pesquisa sobre HQs na América Latina tem se beneficiado da criação de periódicos acadêmicos dedicados exclusivamente a esse campo, como o "International Journal of Comic Art" e o "European Journal of Comic Art". Esses periódicos oferecem um espaço para a publicação de artigos que contribuem para a teoria e a história das HQs, consolidando ainda mais o campo de estudos.

A diversidade de abordagens e temas abordados nas HQs latino-americanas também é refletida na publicação de coleções de leituras fundamentais para a teoria das HQs. Essas coleções ajudam a consolidar o conhecimento existente e a fornecer uma base sólida para futuras pesquisas. Um exemplo é a coleção "Comics and Memory in Latin America",

organizada por Jorge Catalá Carrasco, Paulo Drinot e James Scorer, que explora como as HQs lidam com a memória na América Latina (Gomes, 2020).

Como evidenciado no referido livro a América Latina é um continente com uma rica tradição de quadrinhos. No entanto, ainda não foi explorado de maneira sistemática o como os quadrinhos ajudam a lembrar, esquecer ou dar sentido a uma multitude de temáticas, desde a construção da identidade nacional até as narrativas de resistência ao colonialismo e ao imperialismo, passando pela construção de tradições revolucionárias ou o autoritarismo, a violência política e seus legados traumáticos (Carrasco; Drinot; Scorer, 2019).

Em síntese, a pesquisa acadêmica sobre histórias em quadrinhos na América Latina é um campo em crescimento, que oferece uma rica variedade de perspectivas e abordagens para entender a complexidade das narrativas gráficas e seu impacto na sociedade.

Quanto à pesquisa na Europa, esta tem uma rica tradição de quadrinhos, com obras icônicas como "Tintin" da Bélgica e "Asterix" da França, que não só conquistaram leitores locais, mas também alcançaram um público global. Além de disputas e controvérsias com relação a origem dos quadrinhos, ou arte sequencial como foi popularizado por Will Eisner, envolvendo a tapeçaria de Bayeux. Estudos acadêmicos têm explorado como essas HQs refletem e influenciam a cultura, a política e a sociedade europeias.

Figura 10 - Cena da tapeçaria de Bayeux

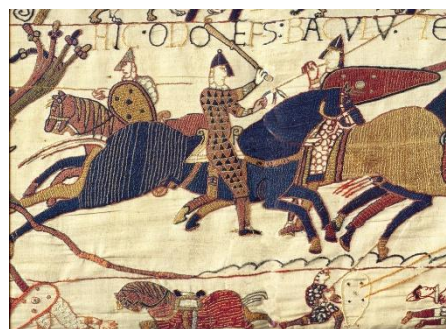
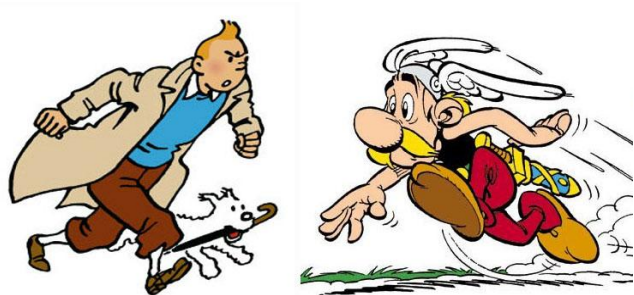


Figura 11- Tintin e Asterix (respectivamente)



Um dos focos da pesquisa é a análise de como as HQs europeias lidam com questões históricas e sociais. Por exemplo, a obra "Tintin" tem sido estudada por sua representação de diferentes culturas e épocas históricas, enquanto "Asterix" é analisada por seu humor e crítica social. Esses estudos mostram como as HQs podem ser usadas como ferramentas para entender melhor a história e a cultura europeias.

Outro aspecto importante da pesquisa é a análise da linguagem e das técnicas narrativas utilizadas nas HQs europeias. Estudos têm investigado como os quadrinhos combinam texto e imagem para criar narrativas complexas e envolventes. A interação entre as palavras e as imagens é um tema recorrente, com pesquisadores explorando como essa combinação contribui para a compreensão e a apreciação das HQs.

Alguns nomes conhecidos na pesquisa em quadrinhos europeia são: o professor de literatura e semiólogo italiano Umberto Eco; os franceses Francis Lacassin (escritor, roteirista e produtor de cinema), Pierre Fresnalt-Deruelle (professor e pesquisador dedicado a linguagem dos quadrinhos), Claude Moliterni (escritor e roteirista) e Pierre Couperie (historiador); assim como os intelectuais espanhóis Luis Gasca e Javier Coma (Vergueiro, 2017).

A pesquisa acadêmica também tem se concentrado na diversidade e na inclusão nas HQs europeias. Estudos têm analisado como as HQs representam diferentes grupos sociais, étnicos e culturais, e como essas representações influenciam a percepção pública desses grupos. A inclusão de personagens de diferentes origens é vista como um reflexo da sociedade europeia contemporânea e um meio de promover a diversidade.

Em resumo, a pesquisa acadêmica sobre histórias em quadrinhos na Europa oferece uma rica variedade de perspectivas e abordagens para entender a complexidade das narrativas gráficas e seu impacto na sociedade europeia.

Antes de partir para a parte propriamente metodológica tratarei de três autores extremamente citados nos trabalhos relacionados a quadrinhos pela grande influência que no meio, estes são o já citado Will Eisner, assim como Scott McCloud e Thierry Groensteen.

Will Eisner é frequentemente referido como um dos pioneiros na teoria dos quadrinhos e é uma figura importante no desenvolvimento dos quadrinhos como forma de arte. Ele é conhecido por seu trabalho inovador tanto como criador quanto como teórico. Eisner popularizou o termo "arte sequencial" para descrever os quadrinhos, enfatizando a natureza narrativa e visual do meio. Seus livros "Comics and Sequential Art" (1985) e "Graphic Storytelling and Visual Narrative" (1996) são considerados essenciais para o estudo acadêmico dos quadrinhos. Eisner também é famoso por sua série "The Spirit" e por graphic novels como "A Contract with God", que ajudaram a legitimar os quadrinhos como uma forma de arte madura e complexa.

Scott McCloud é amplamente reconhecido por seu trabalho inovador na teoria dos quadrinhos. Seu livro "Understanding Comics: The Invisible Art" (1993) é uma obra fundamental que oferece uma análise detalhada da linguagem, estrutura e potencial dos quadrinhos. Usando ele próprio o formato de quadrinhos para apresentar suas ideias, McCloud explora conceitos como o espaço entre os quadros (conhecido como "gutter"), o papel do tempo e do movimento, e a relação entre texto e imagem. Seus outros livros, "Reinventing Comics" (2000) e "Making Comics" (2006), continuam a expandir e aprofundar seu estudo sobre o meio, explorando temas como o impacto das novas tecnologias e práticas de criação.

Por sua vez, Thierry Groensteen é um dos principais teóricos europeus no campo dos estudos de quadrinhos e é conhecido por suas contribuições à semiótica dos quadrinhos. Seu livro "The System of Comics" (1999) é uma obra fundamental que introduz um quadro teórico abrangente para a análise dos quadrinhos, centrado no conceito de "sistema". Groensteen argumenta que os quadrinhos devem ser entendidos como um sistema de significação composto por múltiplas camadas de interação entre imagem e texto. Ele também é autor de "Comics and Narration" (2011), que expande suas ideias e explora a narrativa visual e suas especificidades. Groensteen é conhecido por sua análise meticulosa e sua capacidade de articular de maneira clara e precisa a complexidade da narrativa em quadrinhos.

Esses três autores têm sido fundamentais para o desenvolvimento dos estudos acadêmicos sobre quadrinhos, cada um trazendo suas perspectivas únicas e contribuindo para a compreensão e valorização do meio. Dado o panorama geral da pesquisa sobre quadrinhos, vamos ao enquadramento teórico-metodológico dessa pesquisa.

Enquadramento teórico-metodológico

Vergueiro (2017) considera algumas perspectivas que podem ser adotadas quanto ao estudo de Histórias em Quadrinhos. Ao se referir a perspectiva considera a lente pela qual o pesquisador observa algum aspecto dos quadrinhos enquanto expressão cultural complexa. Nesse sentido considera as seguintes perspectivas:

1. Sociológica, enfoca agentes das forças sociais e como eles influenciam a estrutura da sociedade, como as HQs refletem normas sociais, atitudes, conflitos de valores e lutas pelo poder;
2. Psicológica, como retratam ou afetam os indivíduos quando eles interagem com o meio ambiente, analisando os pensamentos, sentimentos e comportamentos dos personagens;
3. Artística, analisa a partir das técnicas artísticas, das influências das escolas artísticas e literárias, coisas como o uso de espaço, das sombras, da cor, formatos, relações específicas com outras obras, etc.;
4. Econômica, direciona o olhar para as instituições econômicas e problemas relacionados, tais como a forma como os segmentos da indústria se organizam, os elementos que os afetam, o mercado consumidor e distribuidor, a evolução das publicações, do colecionismo, etc.;
5. Histórica, sobre o desenvolvimento geral das HQs, retratando eventos ou fenômenos históricos, bem como personalidades históricas específicas, assim como as condições de produção;

6. Filosófica, como as HQs refletem valores, maneiras de pensar, normas, ou senso de ética dado que estes elementos estão relacionados a uma visão de mundo específica que pode ser relacionado com determinados pontos de vista filosóficos.

O autor destaca que ainda existem várias outras perspectivas que podem ser usadas, como já pontuei anteriormente, essa pesquisa tem um enfoque na Perspectiva Decolonial. Nesse sentido se aproxima de algumas das perspectivas citadas anteriormente, em especial a filosófica e a histórica uma vez que abarca a reflexão sobre diferentes formas de ver o mundo e discutem questões relacionadas a eventos históricos passados ou contemporâneos.

Esta é uma pesquisa qualitativa em educação, portanto se enquadrando no campo das Ciências Sociais. Isso quer dizer que seu enfoque está principalmente vinculado “com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2021, p. 20). Uma abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados, partindo da compreensão de que tal nível da realidade não é evidente e compreensível de imediato, mas algo que precisa ser exposto e interpretado pelo pesquisador de forma contextualizada.

Tal contextualização será feita a partir do enquadramento teórico-metodológico que melhor se adequa ao objetivo principal da pesquisa dadas as condições práticas, a análise de quadrinhos sob uma perspectiva decolonial com fins de aplicação pedagógica. Encaro teoria como “um conjunto de proposições, um discurso abstrato sobre a realidade. Há grandes teorias, conhecidas por *macroteorias*, que são verdadeiras narrativas ou discursos escritos por cientistas sociais muito importantes, autores de referência para interpretar a realidade” (Minayo, 2021, p.16).

Esta dissertação encara a Perspectiva Decolonial como uma teoria que vem se encaminhando para macroteoria. Percebendo-a como capaz de cumprir funções importantes enquanto teoria para explicar a realidade: é capaz de colaborar no esclarecimento do objeto investigado (as HQs); ajuda no levantamento de questões para focalizar o problema e construir hipóteses; permite clareza na organização dos dados; além de dar uma contribuição fundamental para análise dos dados.

É nesse sentido que defini como principal aporte teórico a Perspectiva Decolonial como forma de escrutinar os quadrinhos que evidenciam a colonialidade presente em vários aspectos das sociedades contemporâneas e evidenciar possibilidades outras.

Quanto à metodologia, a entendo tal qual definida por Minayo (2021):

o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os

instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade crítica e sua sensibilidade). (p. 14)

Nesse sentido, escolhi como método o Método de Análise de Histórias em Quadrinhos (MAHQ), assim como elementos do Método de Análise de Conteúdo (MAC). O primeiro consistindo em análises de cenas dos quadrinhos em três aspectos: o da análise estrutural, o da análise contextual e o da análise qualitativa. Enquanto o MAC contribui em sua forma de análise temática e ao ajudar com a categorização das unidades de registro e de contexto para a elaboração de uma análise mais sistemática e clara. Ambos serão tratados mais à frente.

Para facilitar o entendimento abordarei a metodologia de trabalho da pesquisa a partir de três etapas: a fase exploratória abordará o objeto de pesquisa, os objetivos, a revisão bibliográfica, as principais referências para a fundamentação teórica e metodológica, os instrumentos de construção e coleta de dados, além dos pressupostos e hipóteses elaboradas; em seguida, a fase de campo trará o detalhamento quanto as metodologias e sua aplicação na pesquisa, assim como os critérios para a seleção dos quadrinhos escolhidos para análise; e por fim, a fase de tratamento e análise do material que conta com descrição dos procedimentos de análise e interpretação dos dados.

Fase exploratória

A fase exploratória se deu na busca de delimitação do problema e do objeto de pesquisa. O problema originador do interesse da pesquisa foi o “como trazer temáticas decoloniais utilizando Histórias em Quadrinhos no ensino de História” e à medida que mais se foi explorando o tema observou-se que no Brasil há poucos trabalhos que unissem as temáticas decolonial e os quadrinhos, sendo o trabalho mais aprofundado no assunto a já citada dissertação de Ferreira (2020), “Decolonialidade Quadrinística na Educação de Ciências: um olhar para heróis de Histórias em Quadrinhos brasileiras”.

Dadas as condições e recursos disponíveis para a pesquisa foi definido que a opção mais pragmática seria a adoção de quadrinhos específicos que pudessem ser caracterizados como decoloniais como objeto da pesquisa. Tais quadrinhos deveriam atender a três requisitos básicos que o caracterizassem como decolonial para serem elegíveis como objeto de análise da pesquisa.

O primeiro critério escolhido foi o da autoria, uma vez que a temática decolonial tem por premissa dar voz aos marginalizados pelo processo colonial e suas práticas decorrentes, os autores deveriam ser representativos de grupos que sofreram com as heranças da colonialidade ou dar voz a estes grupos. O segundo critério foi a temática dos quadrinhos, este deveria

trabalhar com temas diretamente relevantes a pauta decolonial, tais como racismo, luta pela liberdade, valorização de culturas não hegemônicas, valorização do papel da mulher na história, relação harmônica com meio ambiente, resistência a situações de opressão, etc. E o terceiro critério foi o da relevância e acessibilidade (facilidade de encontrar as obras) no contexto brasileiro a partir dos anos 2000.

Ao fim, três obras foram selecionadas e foram traçados os objetivos do trabalho, sendo o objetivo geral a análise de HQs para utilização no ensino de História para elaborar um método trabalho com quadrinhos em sala de aula em uma perspectiva decolonial. Daí traçamos três objetivos específicos: a) selecionar quadrinhos decoloniais que possam ser utilizados em sala de aula com facilidade; b) analisar estes quadrinhos de forma a evidenciar aspectos que possibilitem o trabalho com temáticas decoloniais no ensino de História; e c) propor estratégias de trabalho para explorar os aspectos levantados na análise dos quadrinhos.

Tendo em vista a importância da temática decolonial, essa perspectiva se sobressaiu como principal base de fundamentação teórica do trabalho. Além disso, no campo da História optou-se pelas bases teóricas da História Cultural, em função da grande abertura deste campo para com o uso de produções culturais como material de estudo e pesquisa na área da História.

No campo dos quadrinhos a pesquisa se alinhou com uma base mais pedagógica, com abordagens voltadas para uso da imagem ou dos próprios quadrinhos em contexto pedagógico, trazendo autores como: Dantas e Pereira (2012), Blitz (2008), Neves (2012) e Vilela (2014). Ainda em um sentido mais pedagógico, vale destacar a influência de alguns conceitos de Freireanos¹² (especialmente os referentes a autonomia e aprendizagem), assim como o conceito de ludicidade apresentado por Luckesi (2017; 2022).

A metodologia, por sua vez, foi definida após muita reflexão e leitura com relação ao objeto (os quadrinhos), sendo a Perspectiva Teórica Decolonial uma abordagem relativamente nova e ainda em fase de desenvolvimento, recorri a uma metodologia específica de análise de quadrinhos: a da pesquisadora Márcia Tavares Chico (2020) que o nomeou de Método de Análise de Histórias em Quadrinhos; além dele, também recorri a uma metodologia mais tradicional no meio acadêmico que foi a Análise de Conteúdo com um enfoque mais temático (Minayo, 2021).

Os principais instrumentos de coleta de materiais para análise foram bases de produções acadêmicas universitárias e de periódicos especializados, ou seja, ferramentas de pesquisa disponíveis na internet, assim como técnicas de triagem provenientes do método de análise de

¹² Estudiosos da obra de Paulo Freire.

conteúdo, tais como seleção temática, criação de unidades de registro e de contexto. As fontes primárias da pesquisa e principal objeto de análise foram as edições físicas dos três quadrinhos selecionados: Cumbe (D’Asalete, 2018), Persépolis (Satrapi, 2022) e Palestina (Sacco, 2021).

Esperou-se encontrar nos quadrinhos selecionados a abordagem de uma certa variedade de temáticas importantes à pauta decolonial, assim como relatos que demonstrassem de forma bem evidente uma perspectiva diferente da hegemônica abordada em aulas de História, dando protagonismo a grupos marginalizados a partir de um olhar não eurocêntrico ou nortecêntrico (vindo de potências alinhadas a matriz cultural colonialista europeia). Cabe ressaltar que a escolha de Joe Sacco, um maltês europeu radicado nos Estados Unidos foi complexa; mas predominou a percepção de que sua obra deu voz aos marginalizados em comparação a sua origem pessoal. Também procurou-se partir dos dados encontrados para elaborar estratégias pedagógicas para utilização em aulas de História.

Fase de campo

Para escolher os quadrinhos foi feita inicialmente uma seleção de quadrinhos populares e vencedores premiações destacadas como o Eisner Awards¹³ e festivais de destaque tais como o Festival de Angoulême¹⁴, que são dois dos maiores prêmios dentro do meio literário quadrinístico, dando destaque à autores de países não oriundos de países colonizadores e que vivessem próximos a realidade de grupos marginalizados.

Os quadrinhos escolhidos que cumpriram os requisitos definidos na fase anterior foram: Cumbe e Palestina, vencedores do Prêmio Eisner de Melhor Álbum Gráfico, respectivamente, em 2018 e 2009, na categoria de melhores obras estrangeiras; assim como o Persépolis, vencedor do Prêmio do Juri do Festival de Angoulême em 2004. Vale destacar que o Palestina também foi vencedor do Prêmio de Melhor Álbum Gráfico no mesmo festival em 2002.

As metodologias que foram utilizadas na análise dos quadrinhos mencionados são provenientes principalmente de dois referenciais: o livro “Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade” (Minayo, 2021) e o artigo “Uma proposta de metodologia para a análise de histórias em quadrinhos” (Chico, 2020).

1. O Método de Análise de Histórias em Quadrinhos

¹³ The Will Eisner Comic Industry Awards (comumente abreviado como Eisner Awards e ocasionalmente traduzidos em Língua portuguesa como Prêmios Will Eisner ou Prêmios Eisner) é um prêmio que distingue feitos nas Histórias em Quadrinhos que ocorre desde 1988, em San Diego, nos Estados Unidos.

¹⁴ Festival Internacional de Histórias em Quadrinhos (tradução livre) de Angoulême (em francês: Festival international de la bande dessinée d'Angoulême) é o maior festival de Histórias em Quadrinhos da Europa. É realizado anualmente desde 1974 em Angoulême, França.

É uma proposta feita por Márcia Tavares Chico (2020) de análise de quadrinhos, construída especialmente para isso a partir da percepção da ausência de métodos específicos para a análise desta forma de arte. O método consiste em três etapas as quais serão desenvolvidas a seguir.

a. Análise Estrutural

A análise estrutural é um exame dos elementos visuais e narrativos que compõem a história em quadrinhos. Esta análise pode ser dividida em várias subcategorias:

➤ Balões de Fala e Texto

- Tipos de Balões: Existem diferentes tipos de balões, como balões de fala, de pensamento, de grito, etc. Cada tipo tem uma função específica e pode influenciar a percepção do leitor sobre as emoções e intenções dos personagens.
- Fonte e Estilo de Texto: A escolha da fonte e o estilo do texto (negrito, itálico, sublinhado) podem enfatizar certos diálogos ou palavras. Isso ajuda a transmitir tons de voz e emoções.
- Posicionamento dos Balões: A posição dos balões dentro dos painéis pode direcionar o olhar do leitor e influenciar o ritmo da leitura. Balões colocados em posições estratégicas podem criar uma sensação de urgência ou dar ênfase a certas falas.

➤ Painéis

- Layout dos Painéis: O layout é a maneira como os painéis são organizados na página. Layouts tradicionais seguem uma grade fixa, enquanto layouts dinâmicos podem ter formas e tamanhos variados, criando uma leitura mais fluida ou caótica, dependendo da intenção narrativa.
- Sequenciamento dos Painéis: A sequência em que os painéis são lidos é crucial para a narrativa visual. Transições suaves entre painéis criam um fluxo contínuo, enquanto transições abruptas podem sinalizar mudanças de cena ou tempo.
- Bordas e Espaços Entre Painéis (Gutters): As bordas dos painéis e os espaços entre eles (conhecidos como "gutters") também têm significados. Gutters largos podem indicar pausas significativas, enquanto a ausência de gutters pode criar uma sensação de ação contínua.

➤ Uso de Cores e Desenho

- Paleta de Cores: A escolha das cores pode influenciar o humor e a atmosfera da história. Cores vibrantes podem indicar cenas de alta energia, enquanto tons mais escuros podem criar um clima de mistério ou tristeza.

- Técnicas de Desenho: O estilo de desenho (realista, cartunesco, estilizado) também afeta a interpretação. Desenhos detalhados podem enfatizar a seriedade, enquanto estilos mais simples podem ser usados para comédias ou histórias mais leves.

b. Análise Contextual

A análise contextual amplia a compreensão da história em quadrinhos ao examiná-la dentro de vários contextos:

➤ Contexto Interno

- Enredo e Narrativa: Analisar o enredo envolve entender a sequência de eventos e como eles são apresentados. A narrativa pode ser linear ou não linear, e a estrutura narrativa influencia a forma como a história é percebida.
- Desenvolvimento de Personagens: Examinar os personagens envolve analisar sua construção, desenvolvimento ao longo da história, e como eles interagem uns com os outros. Personagens bem desenvolvidos adicionam profundidade à narrativa.
- Temas e Motivos: Identificar os temas centrais da história e como eles são explorados. Temas podem incluir questões sociais, dilemas morais e reflexões filosóficas, enquanto motivos são elementos recorrentes que reforçam esses temas.

➤ Contexto Externo

- Histórico: O período histórico em que a história foi criada pode fornecer insights sobre suas influências e intenções. Por exemplo, histórias criadas durante tempos de guerra frequentemente refletem os desafios e emoções desse período.
- Cultural: Entender a cultura em que a obra foi criada ajuda a contextualizar referências culturais, tradições e normas sociais representadas na história.
- Social e Político: As questões sociais e políticas contemporâneas ao momento de criação da obra podem influenciar sua narrativa. Histórias em quadrinhos frequentemente abordam temas como desigualdade, justiça social e direitos humanos.

c. Análise Qualitativa

A análise qualitativa é onde o pesquisador interpreta e avalia os dados coletados nas análises estrutural e contextual. Esta etapa é altamente interpretativa e subjetiva, permitindo uma compreensão mais profunda da obra:

➤ Interpretação de Temas e Motivos

- Identificação de Temas Principais: Identificar os principais temas abordados na história e como eles são explorados através dos personagens, enredo e visuais.

- Exploração de Motivos: Examinar motivos recorrentes e como eles reforçam os temas. Motivos podem incluir símbolos, cores, e elementos visuais repetitivos que adicionam camadas de significado.
 - Avaliação da Eficácia Narrativa
- Estrutura da Trama: Analisar como a trama é construída e se ela é eficaz em envolver o leitor. Isso inclui examinar a introdução, desenvolvimento, clímax e resolução da história.
- Desenvolvimento dos Personagens: Avaliar se os personagens são bem desenvolvidos e se suas ações e motivações são coerentes e críveis dentro da narrativa.
- Uso de Metáforas Visuais: Identificar e interpretar metáforas visuais, que são elementos visuais usados para representar ideias ou conceitos abstratos.
 - Relevância Contemporânea
- Reflexão sobre Questões Atuais: Analisar como a história em quadrinhos aborda questões contemporâneas e sua relevância para os leitores atuais.
- Capacidade de Gerar Discussão: Avaliar o impacto da obra em gerar discussões e reflexões sobre temas importantes. Uma obra relevante pode provocar diálogos significativos e influenciar perspectivas.

Esse aprofundamento nas etapas do método de Márcia Tavares Chico oferece uma visão mais detalhada e crítica da análise de histórias em quadrinhos, permitindo uma compreensão mais rica dessas obras.

2. Método de Análise de Conteúdo

Para sintetizar, podemos abordá-lo como uma técnica sistemática utilizada para interpretar textos, documentos e outras formas de comunicação escrita ou visual. Esse método permite aos pesquisadores compreender significados subjacentes, identificar padrões e inferir conclusões a partir dos dados analisados. Abaixo, apresento uma visão detalhada e abrangente desse método. Segundo Bardin (1979, p. 42 apud Minayo, 2021, p. 76) o método consiste em um:

conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Nesse sentido o MAC pode ser amplamente utilizado em áreas como ciências sociais, comunicação, psicologia, educação e marketing. Ele envolve a codificação de textos, imagens ou outras formas de comunicação para identificar categorias e temas significativos. Este

processo pode ser quantitativo, onde se conta a frequência de certas palavras ou temas, ou qualitativo, onde se interpreta o significado dos dados. O método possui algumas etapas (Minayo, 2021):

a. Formulação do Problema e Objetivos

O primeiro passo na análise de conteúdo é definir claramente o problema de pesquisa e os objetivos. Isso orienta todo o processo de análise, ajudando a determinar quais dados serão coletados e como serão analisados. A formulação do problema inclui perguntas de pesquisa específicas que o estudo pretende responder.

b. Seleção do Material

A próxima etapa envolve a seleção do material a ser analisado. Isso pode incluir textos escritos, transcrições de entrevistas, artigos de mídia, vídeos, imagens, entre outros. A escolha do material deve ser representativa do fenômeno que está sendo estudado e alinhada aos objetivos da pesquisa.

c. Codificação e Categorização

A codificação é o processo de atribuição de códigos a diferentes partes do material analisado. Um código é um rótulo ou descrição curta que representa uma unidade de significado (unidades de registro e unidades de contexto, por exemplo). As categorias são grupos de códigos que compartilham características comuns. O processo de codificação pode ser feito manualmente ou com a ajuda de software especializado.

- Codificação Aberta: Esta é a etapa inicial da codificação, onde os dados são examinados de forma detalhada e qualquer conceito significativo é identificado e rotulado.
- Codificação Axial: Nesta etapa, os códigos iniciais são refinados e organizados em categorias. As relações entre categorias são exploradas para desenvolver um entendimento mais profundo.
- Codificação Seletiva: Na fase final, as categorias principais são identificadas e todos os dados são relacionados a essas categorias para construir um quadro teórico coerente.

d. Análise e Interpretação dos Dados

Depois da codificação, a análise e interpretação dos dados é realizada para descobrir padrões, temas e significados subjacentes. Esta fase envolve várias técnicas, como:

- Análise Temática: Identificação e interpretação de temas recorrentes dentro dos dados.
- Análise de Frequência: Contagem de quantas vezes certos temas, palavras ou frases aparecem nos dados.

- Análise de Sentimento: Avaliação das emoções e atitudes expressas nos dados.

Além dessas etapas também é importante ressaltar que existem diferentes abordagens e técnicas que podem ser usadas na análise de conteúdo, dependendo dos objetivos do estudo, como estamos falando de uma pesquisa com um enfoque qualitativo, esta é mais interpretativa e focada em entender o significado e o contexto dos dados. Técnicas qualitativas incluem:

- Análise Temática: Exploração de temas e padrões recorrentes nos dados, proporcionando uma visão profunda dos significados e implicações.
- Análise de Narrativa: Exame das histórias e narrativas contidas nos dados, incluindo a estrutura e os elementos narrativos.
- Análise Crítica do Discurso: Foco em como a linguagem é usada para construir significados, incluindo o poder e as ideologias subjacentes nos textos.

Como dito no início desse capítulo, serão aproveitados apenas alguns elementos do MAC, especialmente as partes referentes a análises e interpretações de cunho temático, pois possibilitam a construção de categorias mais notáveis e de mais fácil percepção a partir da ótica decolonial, assim como maior praticidade no alinhamento com os conteúdos e competências curriculares.

O Método de Análise de Conteúdo é uma ferramenta poderosa e versátil para interpretar e entender dados textuais e visuais. Ele fornece uma abordagem sistemática para identificar padrões, temas e significados nos dados, permitindo obter insights valiosos. No entanto, como qualquer método, ele tem suas limitações e deve ser aplicado com cuidado e consideração dos contextos específicos dos dados analisados.

Nesse sentido podemos destacar algumas vantagens: a flexibilidade, já que pode ser aplicado a uma ampla variedade de materiais e contextos; a profundidade, uma vez que permite uma análise detalhada e profunda dos dados; e a capacidade de sistematização, ao oferecer uma abordagem estruturada para analisar e interpretar dados.

De forma semelhante é possível perceber limitações: seu caráter inerentemente subjetivo, uma vez que a interpretação dos dados pode ser influenciada pelo viés do pesquisador; a necessidade de investir tempo e recursos, já que pode ser demorada e exigir muitos recursos, especialmente quando realizada manualmente; assim como a dificuldade de generalização, afinal, os resultados podem ser difíceis de generalizar para outras populações ou contextos. Mas sigamos adiante.

Fase de tratamento e análise do material

Quanto aos procedimentos de análise e interpretação dos dados, o primeiro passo após a seleção das obras foi a leitura e enquadramento de instrumentos provenientes da Metodologia de Análise de Conteúdo: a definição das unidades de registro e de contexto, assim como dos elementos da análise de conteúdo.

Quanto a leitura inicial dos quadrinhos, foi feita uma leitura simples focando nos aspectos narrativos (enredos, personagens, ambientes, contextos internos e externos) e estruturais das obras (organização dos capítulos e “cenas”, além dos recortes temáticos gerais para cada um).

O livro Cumbe é organizado em quatro contos relativamente extensos: o primeiro, denominado Calunga com 40 páginas; o segundo, Sumidouro com 38; o terceiro, Cumbe com 45; e o quarto e último, Malungo com 34 páginas.

Por extensão, optou-se por subdividir os capítulos em cenas que cumprirão o papel de unidades de registro maiores dentro de um mesmo conto. Tais cenas terão como marco de divisão três aspectos da narrativa alternativamente: ponto de vista do personagem em destaque na história; mudança de localização ou passagem tempo; alinhamento temático do enredo entre os quadros. Um exemplo deste último quadro seriam ações sequenciais referentes a um mesmo acontecimento. Segue uma tabela organizando as cenas em sequência numérica, destacando resumo, temática identificada e páginas do livro.

TABELA 1 – CUMBE: ESQUEMA DE CENAS				
Conto	Cena	Resumo	Temática	Páginas
Calunga	1	Este conto segue a trajetória de Valu, um homem escravizado que planeja a fuga de sua opressão. Ele encontra forças na busca por liberdade, mas o sistema colonial e a brutalidade dos capatazes oferecem barreiras imensas. A narrativa mergulha na tensão entre o desejo de escapar e o custo pessoal dessa resistência, destacando os riscos e sacrifícios enfrentados pelos escravizados ao sonhar com a liberdade.	Resistência individual à colonialidade: Este conto destaca a luta pela liberdade como um ato de desafiar o sistema escravista colonial. Calunga mostra como as ações de indivíduos escravizados, mesmo diante de punições severas, são um rompimento com a lógica de desumanização que sustentava o colonialismo.	9 - 13
	2			14 - 27
	3			28 - 34
	4			35 - 38
	5			39 - 46
Sumidouro	6	Aqui, acompanhamos uma mulher escravizada que resiste à crueldade diária de seus	Gênero e colonialidade: A história traz à tona como	49 - 51
	7			52 - 58
	8			59 - 60

	9	opressores. Sua história foca no abuso físico e psicológico que enfrenta, mas também no poder de sua determinação e dignidade em meio ao desespero. O conto examina como a resistência feminina, mesmo em pequenas ações, serve como um desafio à desumanização imposta pelo sistema escravista.	as mulheres escravizadas enfrentavam tanto a opressão colonial quanto o patriarcado, muitas vezes sofrendo abusos específicos. Ao retratar a resistência dessa mulher, o conto enfatiza a força e o papel das mulheres como agentes de mudança dentro do sistema colonial.	61 - 67
	10			68 - 72
	11			73 - 80
	12			81 - 83
Cumbe	13	Este é o conto que dá nome ao livro e se concentra na resistência coletiva. Homens e mulheres escravizados conspiram para escapar e formar um quilombo, um ato de união e esperança. No entanto, o enredo também retrata a fragilidade dessa luta, expondo como a traição e as condições adversas podem ameaçar até mesmo os sonhos mais organizados de liberdade.	Resistência coletiva e quilombismo: Este conto aborda a construção de quilombos como espaços de resistência e autonomia, desafiando a colonialidade ao reivindicar a terra, a liberdade e a identidade dos africanos escravizados. É uma narrativa que celebra a organização coletiva como uma forma de confrontar a opressão.	87 - 90
	14			91 - 97
	15			98 - 104
	16			105 - 108
	17			109 - 123
	18			124 - 129
Malungo	19	Neste conto, a amizade e a solidariedade entre os escravizados ganham destaque. Mostra como essas conexões eram essenciais para suportar a opressão e preservar a humanidade. A narrativa captura momentos de companheirismo, mesmo diante da violência constante, iluminando a força do vínculo humano como forma de resistência emocional e psicológica.	Solidariedade e humanização: O conto destaca como a construção de laços entre os escravizados era uma forma de preservar a humanidade e resistir à desumanização promovida pelo sistema escravista. Esses laços não apenas ajudavam os indivíduos a suportar as dificuldades, mas também questionavam a lógica do isolamento e da fragmentação imposta pelo colonialismo.	133 - 136
	20			137 - 146
	21			147 - 150
	22			151 - 158
	23			159 - 164

No livro *Persépolis* a organização das unidades de registro se deu de forma mais natural, pois a obra já é organizada em uma estrutura semelhante as cenas elaboradas para o quadrinho anterior. O livro conta com 39 cenas com acontecimentos organizados de forma mais ou menos cronológica focadas em acontecimentos chave da vida da protagonista (autora da obra), todas devidamente nomeadas pela autora, tendo a menor cena 7 páginas e a maior 14.

TABELA 2 – PERSÉPOLIS: ESQUEMA DE CENAS ¹⁵			
Cena/ Título	Resumo	Estruturas Temáticas da Obra	Temáticas
1 – O Véu	Começa a Revolução Iraniana e vemos seu efeito na vida de Marjane. Em paralelo exploramos sua relação com a religião e a política ainda jovem.	Infância e a Revolução: Marjane começa sua história relembrando o ambiente de liberdade relativa no Irã antes da Revolução Islâmica de 1979. Ela mostra como sua infância foi interrompida pelo surgimento de um regime teocrático que trouxe mudanças drásticas, como a obrigatoriedade do uso do véu e a opressão às mulheres. Essa parte reflete a perda da inocência, tanto da protagonista quanto da sociedade, conforme a repressão e a violência política começam a moldar suas vidas.	Resistência às narrativas hegemônicas: A obra desmistifica a visão eurocêntrica da Revolução Islâmica como um evento simplificado de "barbárie oriental". Satrapi humaniza a experiência do povo iraniano, mostrando como as ações de potências estrangeiras, como o colonialismo britânico e americano (exemplificado no apoio ao Xá), influenciaram profundamente a sociedade iraniana. Exploração da colonialidade do poder: A imposição de valores ocidentais no Irã pré-revolução, seguida pela reação teocrática que também exerce controle opressivo, revela o ciclo de
2 – A Bicicleta	A protagonista é influenciada por revolucionários e pelo pensamento marxista, o incêndio do cinema e seus atritos com a religião.		
3 – A Cella de Água	Na escola Marjane “aprende” sobre o Xá e seu pai a explica a relação de seu avô com o atual governante.		
4 – Persépolis	A avó de Marjane conta sobre a vida da família quando sua mãe era jovem enquanto esperam o retorno de seu pai da manifestação. O pai chega e conta um caso dos revolucionários e instiga Marjane a querer entender.		
5 – A Carta	Vemos a algumas interações de Marjane com a empregada/irmã e sua percepção das diferenças entre as classes sociais em um caso de namoro com o vizinho descoberto pelo pai. Primeira ida a uma manifestação.		
6 – A Festa	O Xá é removido do poder e Marjane percebe as contradições do dia a dia quanto ao “sucesso” da revolução e a reação das pessoas. Ela discute com o filho de um apoiador do Xá e repensa suas ações.		

¹⁵ O livro não é paginado, por isso não foi colocada a coluna com especificação de páginas.

7 – Os Heróis	Entra em contato com os heróis revolucionários que foram presos e com os horrores da prisão e isso afeta sua relação com os colegas e a faz se sentir culpada.		dominação colonial e pós-colonial.
8 - Moscou	O tio Anuch, um revolucionário comunista, conta sua história para Marjane.		
9 – As Ovelhas	Marjane dá sua opinião sobre a política para seu pai e tio, descobre que um de seus amigos vai para os Estados Unidos e fica sabendo da morte de alguns heróis da revolução pelos defensores da República Muçulmana.		
10 – A Viagem	Novas mudanças opressivas afetam sua vida com a instituição da República Muçulmana, a mãe de Marjane é assediada e ela vai a uma manifestação com a família. Eles viajam e voltam após o início da guerra Irã x Iraque.	Vida sob o regime islâmico: À medida que o regime se fortalece, Marjane vivencia o endurecimento das leis e as imposições culturais que visavam eliminar qualquer oposição ou liberdade individual. Ela testemunha o impacto brutal sobre sua família, com parentes sendo presos ou mortos, enquanto tenta entender a complexidade do que é viver sob um governo autoritário. Essa seção explora a resistência, a conformidade e as pequenas formas	Colonialidade e controle corporal: O regime islâmico impõe uma ordem social que regula os corpos, principalmente das mulheres, obrigando o uso do véu e limitando sua liberdade. Isso remete à colonialidade do poder, que utiliza tanto a religião quanto o autoritarismo como ferramentas de controle. Resistência cotidiana: As pequenas formas de resistência, como o uso de roupas "subversivas" (tênis, jeans) por Marjane e seus amigos, exemplificam como os indivíduos
11 – Os F-14 ¹⁶	A família Satrapi é afetada pelos efeitos da guerra, todos acompanham a guerra e Marjane vê os efeitos da guerra nas pessoas.		
12 – As Joias	Marjane e sua mãe vão às compras e a família recebe refugiados da zona de guerra e presenciam o discurso contra os refugiados.		
13 – A Chave	Marjane conhece o ritual dos mártires e fica sabendo do recrutamento de jovens de até 14 anos sobre promessa do paraíso, também foi a sua primeira festa.		
14 – O Vinho	A família volta a passar por bombardeios e tomam medidas para evitar denúncias de condutas impróprias. São abordados após ir a uma festa clandestina.		
15 – O Cigarro	Marjane cabula aula com as amigas e mente para mãe, causando uma discussão. A oposição ao regime é reprimida e		

¹⁶ O Grumman F-14 Tomcat é um caça supersônico, impulsionado por dois motores, provido de asas de geometria variável e tripulado por duas pessoas.

	Marjane faz atos de rebeldia com relação a mãe.	de rebeldia no dia a dia.	desafiam a opressão, ecoando a luta decolonial contra formas de dominação cultural.
16 – O Passaporte	Ela houve o tio Taher se queixar da guerra, da tristeza com não poder ver o filho e depois acompanha a piora de sua saúde por causa da guerra e do cigarro. Seu pai tenta conseguir um passaporte, mas a perseguição da oposição atrapalha.		
17 – Kim Wilde	Seus pais viajam e trazem alguns produtos importados proibidos para Marjane, ela é pega pelas guardiãs da revolução usando esses itens e escapa por pouco.		
18 – O Shabat	Marjane vê seus pais e amigos deles conversando sobre a guerra, faz compras com a amiga e descobre seus vizinhos vítimas de um bombardeio.		
19 – O Dote	Marjane é expulsa da escola por brigar com a diretora e advertida na nova escola por discutir com a professora. Seus pais contam o destino das garotas levadas pelos guardiões da revolução e ela acaba indo estudar na Áustria.		
20 – A Sopa	Marjane é recebida de forma pouco entusiasmada e depois é encaminhada a uma pensão de freiras. Ela tenta se integrar ao novo ambiente.	Exílio na Europa: Após confrontos com as autoridades e os riscos crescentes no Irã, os pais de Marjane decidem enviá-la para Viena em busca de segurança. Lá, ela enfrenta o choque cultural, preconceitos e uma sensação constante de deslocamento, tentando encontrar seu lugar entre dois mundos. Essa	Deslocamento cultural e identidade fragmentada: A experiência de Marjane no exílio reflete o sentimento de "não-pertencimento", que é uma consequência da colonialidade. Ela enfrenta o preconceito ocidental e é tratada como "o Outro", mesmo enquanto tenta se integrar. Isso expõe as hierarquias globais de poder e a
21 - Tirol	Acompanhamos a vida de Marjane com a colega de quarto (Lúcia) e seu processo de se enturmar na nova escola, assim como seu fim de ano com a família de Lúcia.		
22 – O Macarrão	Durante as férias ela lê bastante e é enxotada da pensão após discutir com uma freira, sua amiga Julie e a mãe dela a acolhem.		
23 – A Pílula	Na nova casa, ela se dá bem com a mãe da amiga e se surpreende com as diferenças de comportamento entre ela e a amiga no dia a dia e participa de uma festa.		

24 – O Legume	Marjane passa por muitas mudanças físicas e de adaptação aos amigos, conversa com os pais e discute com algumas garotas.	parte aborda o amadurecimento de Marjane, os desafios de viver longe da família e as consequências do exílio emocional e cultural.	marginalização de culturas não ocidentais. Crítica ao orientalismo: Satrapi aborda como o Ocidente simplifica e torna exóticas culturas orientais, mostrando como essa perspectiva contribui para a exclusão e o isolamento de indivíduos que vêm desses contextos.
25 – O Cavalo	Em um novo alojamento temporário, Marjane recebe sua mãe e passa um tempo feliz com ela enquanto procura um lugar para ficar.		
26 – Esconde-Esconde	No novo alojamento surgem alguns problemas, seu círculo de amigos muda e vemos sua interação com o primeiro namorado que apresenta a um grupo anarquista jovem.		
27 – Love Story	Conhece a família de um professor, tem um encontro fracassado e se apaixona novamente e começa a trabalhar. Sofre preconceito por ser imigrante e se envolve com drogas.		
28 – O Croissant	Marjane divide seus esforços entre trabalho, estudo e namoro, é assediada e traída.		
29 – O Véu	Destruída emocionalmente, discute com a proprietária de seu alojamento e sai sem rumo até adoecer, acorda no hospital e contata a família. Ela recebe ajuda e decide voltar ao Irã.		
30 – A Volta	Marjane tenta se readaptar ao Irã, passeia pela capital devastada pela guerra e conversa com o pai sobre o estado do país.	Retorno ao Irã: De volta ao Irã, Marjane enfrenta a dificuldade de se reconectar com sua terra natal, agora transformada por anos de guerra e repressão. Ela tenta se ajustar às expectativas sociais e familiares, mas encontra um ambiente sufocante e	Choque entre modernidade e tradição: A volta de Marjane destaca a tensão entre sua identidade "ocidentalizada" e as expectativas de conformidade ao regime teocrático no Irã. Essa luta reflete os impactos do colonialismo cultural, que cria cisões identitárias
31 – A Piada	Os parentes e amigas visitam Marjane e ela encontra um amigo de infância.		
32 – O Esqui	Marjane é sobrecarregada com os conselhos dos outros, interage com as amigas e se percebe deprimida. Ela procura ajuda psicológica, passa por uma crise enquanto seus pais viajam e decide mudar de vida e se cuidar.		
33 – O Concurso	Em uma festa conhece um novo interesse romântico, pensam no futuro e se preparam juntos para a		

	universidade, conseguindo ser aprovados.	conservador, que entra em conflito com sua	em sociedades pós-coloniais.
34 – A Maquiagem	Com medo de ser pega usando batom para se encontrar com o namorado, Marjane consegue se salvar acusando um inocente e briga com a avó por isso.	identidade construída no exterior. Essa etapa culmina na sua decisão final de deixar o Irã novamente, agora mais consciente de quem ela é e do que significa ser livre.	Rejeição da colonialidade interna: Marjane eventualmente rejeita a opressão imposta pelo regime islâmico, reconhecendo que a continuidade da dominação, seja ela colonial ou teocrática, perpetua a desumanização. Sua decisão de partir novamente sugere uma resistência tanto à colonialidade do poder quanto à sua internalização.
35 – A Convocação	Início das aulas na universidade, desafios e críticas aos instrutores religiosos e convocação pela diretora. Ela faz as pazes com a avó.		
36 – As Meias	Novos atritos na universidade e fora dela, Marjane percebe outras formas de resistência, se enturma com novo grupo de amigos. Eles são pegos em uma festa clandestina e um amigo morre.		
37 – O Casamento	Após ser pedida em casamento, Marjane conversa com o pai e decide se casar. Ela se casa e enfrenta vários desafios no casamento.		
38 – A Parabólica	Vemos a chegada dos refugiados do Kwait e o choque cultural. O casamento vai mal e a chegada da antena parabólica abre novos horizontes e problemas. Após conversar com o pai ela volta a focar nos estudos e pensar no futuro.		
39 – O Fim	Marjane trabalha junto com seu marido e se reaproximam, mas percebe não o amar após alguns acontecimentos e conversas. Ela decide voltar a Europa e seguir a vida.		

O livro *Palestina* é organizado em nove capítulos, contudo os capítulos também são divididos em cenas, tal como o *Persépolis*, levando a adoção destas como unidades de registro para análise temática. O capítulo 1 conta com quatro cenas com 3 a 7 páginas cada; o capítulo 2 também conta com quatro cenas com 2 a 10 páginas cada; o capítulo 3, novamente com quatro cenas tendo 1 a 13 páginas cada; o capítulo 4, com quatro cenas variando de 3 a 12 páginas; o capítulo 5, tem cinco cenas com 1 a 8 páginas cada; o capítulo 6, possui seis cenas com 1 a 14 páginas cada; o capítulo 7, tem sete cenas com 1 a 8 páginas cada; o capítulo 8, não tem divisão de cena pelo autor, constituindo 31 páginas; e o último, capítulo 9, com 8 cenas de 1 a 7 páginas.

TABELA 3 – PALESTINA: ESQUEMA DE CENAS				
Capítulo	Cena/ Título	Resumo	Temática	Páginas
1	1	Introdução: Joe Sacco chega à Palestina e começa sua exploração, oferecendo um vislumbre inicial da vida sob ocupação, enquanto compartilha sua abordagem única como jornalista e desenhista.	Introdução e a perspectiva do observador: a obra introduz o olhar do autor como "estrangeiro", destacando a narrativa ocidental dominante e como ela molda a percepção do conflito; Sacco confronta essa visão com as vozes locais, propondo uma narrativa decolonial ao dar destaque aos palestinos.	1 - 4
	2			5 - 10
	3			11 - 15
	4			16 - 24
2	5	Os campos de refugiados: Sacco mergulha nos campos superlotados, documentando histórias pessoais de deslocamento, sofrimento contínuo e a resiliência dos palestinos que vivem ali.	Campos de refugiados: o deslocamento forçado e a condição dos refugiados refletem o impacto direto do colonialismo sobre populações nativas, mostrando como a ocupação marginaliza e reduz as comunidades a condições precárias.	27 - 28
	6			29 - 36
	7			37 - 40
	8			41 - 50
3	9	Prisão e repressão: Ele apresenta relatos impactantes de palestinos que enfrentaram prisões arbitrárias, tortura e repressão militar, destacando a constante tensão e violência.	Repressão e resistência: explora a violência estrutural do poder colonial (prisões arbitrárias, tortura, controle militar) e evidencia as formas de resistência cotidiana, desafiando a narrativa de passividade das populações ocupadas.	53 - 58
	10			59 - 71
	11			72 - 76
	12			77
4	13	As mulheres palestinas: Este capítulo foca na experiência feminina, mostrando o papel das mulheres na resistência e os desafios que enfrentam em um sistema duplamente opressor: ocupação e patriarcado.	Mulheres palestinas: Sacco aborda a interseção de colonialismo e gênero, mostrando como as mulheres, frequentemente invisibilizadas, desempenham papéis importantes na resistência e sofrem opressões específicas.	81 - 92
	14			93 - 96
	15			97 - 101
	16			102 - 113
5	17	Infância perdida: Sacco explora o impacto da ocupação nas crianças, muitas delas traumatizadas por	Infância e trauma geracional: o impacto da ocupação colonial na formação de gerações	117 - 126
	18			127 - 132
	19			133 - 137
	20			138 - 140

	21	violência, e como o conflito molda uma geração inteira.	futuras reflete a perpetuação da violência, explorando como crianças crescem em um ambiente de trauma e desigualdade.	141
6	22	Vida urbana sob ocupação:	Vida urbana sob ocupação:	145 – 149
	23	Retrato de cidades palestinas,	mostra como o espaço urbano é controlado e segregado, revelando a	150 – 163
	24	onde Sacco captura o	colonialidade do poder que	164 – 165
	25	contraste entre a luta diária e	molda a paisagem física e	166
	26	os pequenos atos de	social.	167 – 174
	27	normalidade em meio à ocupação.		175 – 177
7	28	Relatos de dor: Sacco narra	Relatos de dor e perda: a	181 – 189
	29	entrevistas com pessoas que	dor pessoal é narrada como	190 – 194
	30	perderam parentes, casas ou	parte de uma desumanização	195 – 201
	31	tiveram vidas devastadas pela	sistêmica, destacando como	202 – 205
	32	violência, oferecendo uma	o sofrimento individual é	206 – 207
	33	perspectiva humana sobre o	reflexo de políticas coloniais	208 – 212
	34	custo do conflito.	mais amplas.	213
8	35	Conflitos religiosos e políticos: Ele examina como religião, identidade e política se entrelaçam no contexto da ocupação, exacerbando tensões e divisões.	Conflito religioso e político: analisa como a religião e a identidade cultural são usadas para justificar ou questionar projetos coloniais, expondo as tensões entre narrativas hegemônicas e locais.	217 – 249
9	36	Conclusão pessoal: Sacco	Reflexões finais: Joe Sacco	253 – 259
	37	reflete sobre o que vivenciou e	reflete sobre suas próprias	260 – 264
	38	registrou, encerrando com	descobertas e a luta por	265 – 268
	39	suas observações pessoais	justiça, encerrando com um	269 - 272
	40	sobre a complexidade do	tom que questiona o legado	273 - 275
	41	conflito e a resiliência	do colonialismo e a	276 – 278
	42	humana.	necessidade de narrativas	279 - 285
			descolonizadas.	

Ainda durante essa primeira leitura, junto a definição das cenas foram elaborados os elementos da análise de conteúdo. Para isso optou-se por alinhamento à abordagem temática tendo em vista o objetivo da pesquisa de evidenciar aspectos decoloniais nos quadrinhos. Nesse sentido, o alinhamento temático das obras salta aos olhos em uma primeira observação. Seguem as principais temáticas observadas durante a leitura e análise das cenas:

1. **Cumbe** (Marcelo D'Saete):

- **Resistência e luta dos escravos africanos:** O quadrinho narra histórias de resistência e rebeldia dos escravos africanos no Brasil colonial.
- **Identidade e cultura africana:** Explora a riqueza cultural africana e a tentativa de preservá-la mesmo sob a opressão da escravidão.
- **Desumanização e opressão:** Retrata a brutalidade do sistema escravagista e a desumanização dos escravos.

2. **Persépolis** (Marjane Satrapi):

- **Revolução Islâmica no Irã:** A narrativa se passa durante e após a Revolução Islâmica no Irã, mostrando as mudanças políticas e sociais.
- **Identidade e crescimento:** A protagonista, Marjane, lida com questões de identidade e crescimento em meio a um contexto político turbulento.
- **Feminismo e liberdade:** Aborda o papel da mulher na sociedade iraniana e a luta por liberdade e igualdade.

3. **Palestina** (Joe Sacco):

- **Conflito Israel-Palestina:** O quadrinho oferece um relato jornalístico sobre o conflito Israel-Palestina, baseado nas experiências e entrevistas do autor na região.
- **Vida cotidiana sob ocupação:** Retrata as dificuldades enfrentadas pelos palestinos na Cisjordânia e Faixa de Gaza sob a ocupação israelense.
- **Injustiça e direitos humanos:** Explora temas de injustiça, opressão e a luta pelos direitos humanos.

Quanto às unidades de contexto, optei por elaborá-las a partir de eixos importantes para crítica decolonial para fazer um cruzamento com as temáticas observadas em cada obra. Os quadrinhos "Cumbe," "Persépolis," e "Palestina" compartilham diversas temáticas em comum que podem ser exploradas como unidades de contexto. Aqui estão algumas das temáticas principais que foram destacadas em cada obra associando-as por unidades de contexto:

I. **Histórias de Luta e Resistência:**

- Cumbe aborda a resistência dos escravizados africanos no Brasil.
- Persépolis retrata a vida durante a Revolução Iraniana e a resistência contra a opressão.
- Palestina destaca a resistência do povo palestino contra a ocupação e opressão.

II. **Identidade e Cultura:**

- Cumbe explora a identidade afro-brasileira e a herança cultural africana.
- Persépolis oferece uma visão da identidade iraniana e as transformações culturais pós-revolução.

- Palestina apresenta a identidade palestina e os desafios culturais enfrentados sob a ocupação.

III. Impacto das Opressões Políticas e Sociais:

- Cumbe aborda a opressão do sistema escravista.
- Persépolis trata da repressão política e social durante e após a Revolução Iraniana.
- Palestina discute a opressão sob a ocupação israelense.

IV. Perspectivas de Gênero e Representação Feminina:

- Cumbe inclui personagens femininas que enfrentam e resistem à opressão.
- Persépolis é a autobiografia de Marjane Satrapi, oferecendo uma perspectiva feminina sobre a Revolução Iraniana.
- Palestina inclui narrativas de mulheres palestinas e suas lutas.

V. Relação Humano e Natureza:

- Cumbe lida com a relação dos escravizados com a terra e a natureza como parte de sua resistência.
- Persépolis menciona a vida na cidade e as mudanças sociais e ambientais pós-revolução.
- Palestina retrata a paisagem e as condições de vida dos palestinos, incluindo questões ambientais.

VI. Temáticas de Colonialidade e Decolonialidade:

- Cumbe aborda a história do colonialismo e a luta pela liberdade.
- Persépolis menciona o impacto do imperialismo ocidental no Irã.
- Palestina discute a colonização e a luta pela autodeterminação.

Estas são algumas das unidades de contexto que podem ser estabelecidas entre esses quadrinhos, tornando-os recursos ricos para discussões acadêmicas e educacionais. No capítulo 4 será novamente abordada a seleção das unidades de registro e a aplicação da MAHQ, assim como o detalhamento da forma de construção dos planos de aula.

2. OS QUADRINHOS NA HISTÓRIA E NA PEDAGOGIA

Nesse capítulo abordarei sobre o que são os quadrinhos e como esse tipo de arte se desenvolveu ao longo dos últimos séculos. Começamos por entender o que são os quadrinhos tal como já o fiz em minha monografia (Rodrigues, 2021): É uma forma de narrativa que conjuga vários tipos de linguagens, dando destaque a imagem e em sua mistura com texto; assim, também podemos analisar os quadrinhos como estilo literário que visa construir uma sequência narrativa coerente a partir de uma sequência de imagens relacionadas entre si.

Em vista dessa concepção, aprecio a forma como Rama e Vergueiro (2018), apontam o caráter de união entre códigos verbais e visuais na narrativa em quadrinhos, em que ambos se reforçam permitindo ao leitor um melhor entendimento dos elementos apresentados. Nesse sentido, Ferreira e Calil (2009) vão ainda mais longe ao apontar as HQs como uma arte criadora de um estilo de linguagem própria e reconhecível marcada pela sobreposição entre imagem e palavra:

Nessa linguagem, o texto funciona como uma extensão da imagem e a junção de símbolos, imagens e balões criam o enunciado. Assim, na composição imagética dos quadrinhos estão elementos fundamentais, todavia, apresentaremos apenas alguns deles: quadro, balão, onomatopéia (sic), metáfora visual e ícone. (p. 2-3)

Para conhecer melhor esses elementos pode ser dito em mais detalhe:

As HQ apresentam alguns elementos característicos dentre os quais Ferreira e Calil (2009) destacam: quadro, balão, onomatopeia, metáfora visual e ícone. Os quadrinhos ou vinhetas são as unidades básicas de estruturação da literatura de HQ e, geralmente, são postos em sequência para narrar uma história. A forma como são dispostos, cor e/ou tonalidade influenciam na leitura do mesmo podendo indicar ordem de leitura, velocidade e influenciar na interpretação, ao ampliar a imagem ou manipular o ângulo, por exemplo. Nos quadrinhos ocidentais a ordem de leitura dos quadros costuma ser da esquerda para direita e de cima para baixo, enquanto nos mangás orientais a leitura é da direita para a esquerda. (Rodrigues, 2021: p. 43)

As técnicas de desenho podem variar de acordo com o estilo e intenções do autor, com mudanças de traço, do mais realista ao mais estilizado usado em caricaturas. Esses elementos do desenho, assim como a coloração, forma como são abordados no quadrinho, temáticas e até a disposição destes está relacionado a linguagem icônica. Vergueiro (2014) diz que:

À linguagem icônica estão ligadas questões de enquadramento, planos, ângulos de visão, formato dos quadrinhos, montagem de tiras e páginas, gesticulação e criação de personagens, bem como a utilização de figuras cinéticas [que indicam movimento], ideogramas e metáforas visuais. (p. 34)

Definidas essas informações básicas quantos aos quadrinhos exploremos um pouco de sua história no próximo tópico.

História dos quadrinhos

Embora, como já dito, haja disputa quanto às origens das HQ, as primeiras histórias em quadrinhos¹⁷ (tal como conhecemos hoje) são do começo do século XX, objetivando novos meios de comunicação e expressão gráfica e visual. O avanço da imprensa, da tecnologia e dos novos meios de impressão possibilitou o desenvolvimento desse meio de comunicação de massa que extrapolou os jornais, mídia que ocupava em fins do século XIX¹⁸ e tornou-se a nona arte.

Em um primeiro momento seus principais temas eram travessuras de crianças e bichinhos, mas a partir da quebra da Bolsa de Valores em 1929 e ao longo dos anos 1930 o estilo cresceu, invadindo o gênero da aventura. A partir de então, o estilo literário dos quadrinhos de super-heróis foi inaugurado em fins da década de 1930 dando início às chamadas “Eras” dos quadrinhos.

A chamada *Era de Ouro* dos quadrinhos iniciou-se em 1938 com o surgimento do personagem Superman, marcando um período em que os quadrinhos de super-heróis alcançaram níveis de venda extraordinários. Esse ciclo se estendeu até 1954, quando o setor enfrentou uma crise, relacionada ao aumento da preocupação social com a delinquência juvenil e à associação dos quadrinhos com comportamentos considerados desviantes. A *Era de Prata* teve início em 1956, caracterizada por uma renovação estética e temática dos super-heróis e pela introdução de um código de censura, que buscava controlar os conteúdos veiculados. Esse período se encerra por volta da metade da década de 1970. Já a *Era de Bronze* emerge em um contexto de declínio do mercado editorial de super-heróis, semelhante ao ocorrido após a Segunda Guerra Mundial. Com o fechamento de diversas editoras e queda significativa nas vendas, essa fase se estende até o fim da década de 1980 (Cunha, 2013).

“Flash Gordon”, de Alex Raymond, e a adaptação de Hal Foster para o “Tarzan” de E. R. Borroughs são conhecidos como o início de *A Era de Ouro*. Nesta década, três gêneros essenciais foram produzidos: a ficção científica, o policial e as aventuras na selva. Na década de 1930 também foi criado o primeiro herói uniformizado, “Fantasma”, escrito por Lee Falk e desenhado por Ray Moore. Falk também criou “Mandrake, o mágico”, que possuía os desenhos de Phil Davis. Surgiu também o primeiro super-herói que possuía identidade secreta, “Superman” de Siegel e Shuster criado em 1933 e publicado em 1938. Em 1939 surgiu o herói

¹⁷O termo “história em quadrinhos” só foi utilizado a partir do início do século XX, quando foram inseridos balões nos desenhos com as falas dos personagens. (SILVA, 2005, p. 2)

¹⁸A primeira história em quadrinhos foi a criação de Richard Fenton Outcalt, *The Yellow Kid* em 1896.

aquático “Namor, o Príncipe Submarino” que despontou como o inimigo número um de toda a humanidade por ser um híbrido humano-atlante.

A interferência do governo, que na época se deparava com a Segunda Guerra Mundial, mostra como os *Comics* chamaram atenção das autoridades que a perceberam com fascínio e preocupação com seu poder de comunicação de massa. No mundo dos quadrinhos a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a entrada dos Estados Unidos no conflito, levou o presidente Franklin Delano Roosevelt (1933-1945) a “convocar” todos os heróis e super-heróis para o esforço bélico do país. Isso fica evidente na fala de Jarcem (2007):

O maior ícone do período da guerra é o **Capitão América**, de **Jack Kirby** e **Joe Simon**. Na capa de sua primeira revista ele combatia o próprio **Adolf Hitler**. Ao contrário de outros heróis, que acabaram “recrutados” para lutar na Segunda Guerra Mundial, o Sentinela da Liberdade foi criado especialmente com esse objetivo político. (p. 5)

Nos anos 1950, os quadrinhos foram alvo da maior caça às bruxas que já aconteceu por este meio de comunicação de massa quando o psiquiatra Frederic Wertham escreveu um livro, “A Sedução do Inocente”, no qual ele acusava os quadrinhos de corrupção e delinquência juvenis, daí em diante inicia-se a censura e o fim da era de ouro.

Na década de 60, começa a Era de Prata dos quadrinhos que consolidaram a renovação no mundo dos super-heróis iniciada com o novo “Flash” da *DC Comics* em meados da década anterior. Logo após retornaram “Superman”, “Mulher-Maravilha”, “Batman”, “Aquaman”, entre outros. Foi nesse momento que Stan Lee criou todo um universo de super-heróis inspirado no contexto histórico de sua época, isto é, a Guerra Fria. O que fica claro nas falas de Cunha (2013) após tratar do quarteto fantástico e sua relação com a corrida espacial:

[...] há também o incrível Hulk, que fora exposto à radiação, em um teste de uma bomba nuclear, fruto da corrida armamentista da época. Assim, estes heróis, bem como muitos outros como o Homem-Aranha, publicado pela primeira vez na revista *Amazing Fantasy* 15 (1962), Homem de ferro criado em 1963 tendo sua primeira aparição em *Tales of Suspense* 399. Outra demonstração de um personagem condizente com o período é o Pantera Negra, este nome podendo ser uma referência ao movimento negro dos anos sessenta chamados de os Panteras Negras, surgido na década de 1960 para lutar pelos direitos da população negra, não se pode deixar de comentar o grupo de mutantes chamados de X-mens, publicado em *X-men* nº 1 em 1963, estes denunciavam o preconceito racial ao seu período de criação. (p. 5)

Nos anos 1970, começa a era de bronze na qual um novo tipo de herói surge, este mais violento e com menos valores dos que os anteriores, possivelmente resultado da queda do código de censura em meados dos anos 70. Assim tornou-se possível a criação de personagens mais violentos e com pouca moral, tais como o “Justiceiro”, “Wolverine”, Roscharck de “Watchman”, e “Demolidor” de Steve Ditko. Jarcem (2007) complementa:

Nos anos 80, os americanos criaram a “graphic novel” (ou romance gráfico) direcionado para o público adulto. O grande destaque e carro chefe dessa nova linha foi a história de um Batman sombrio, amargurado e violento, o cavaleiro das trevas de Frank Miller decretava a maioridade no mundo dos super-heróis. (p. 8)

Miller ainda contribui com outros títulos com violência, insanidade, sensualidade e dúvidas existenciais que passaram a habitar os quadrinhos, como o “Elektra Assassina”. E não é o único, há também “Watchmen” de David Gibbons e Alan Moore, “Sandman” de Neil Gaiman, entre outros.

A partir da década de 1990, tanto a *DC* quanto a *Marvel* perdem o monopólio da produção quadrinística e surgem novas marcas tais como a *Image Comics* e a *Vertigo*¹⁹. Outras inovações são a introdução do desenho computadorizado e a influência dos traços dos *mangás* japoneses. Após o 11 de setembro, Jarcem (2007, p. 9) cita algumas mudanças nas temáticas das HQ: os quadrinistas do mercado estadunidense decidiram fazer um resgate ao estilo da arte dos pioneiros dos quadrinhos da Era de Prata e da década de 1980 e também das origens dos personagens.

História e Pedagogia

Antes de delinear a relação entre História e Pedagogia aqui estabelecida a partir do trabalho com quadrinhos no ensino de História devo definir minha perspectiva sobre ambas as áreas. De acordo com o dicionário Priberam da Língua Portuguesa, o termo História pode ser usado para designar diversas coisas:

- (1) narração de fatos notáveis ocorridos numa sociedade em particular ou em várias;
- (2) período do desenvolvimento da humanidade após a invenção da escrita;
- (3) a ciência ou disciplina que estuda o passado do ser humano;
- (4) uma sequência de fatos ou ações;
- (5) um relato de acontecimentos, estória, narração, narrativa;
- (6) descrição dos seres da natureza;
- (7) estudo das origens e progressos de uma arte ou ciência;
- (8) biografia de uma personalidade ou personagem célebre;
- (9) livro de história; assim como a outros sentidos quando usados associados a outros termos ou contextos ainda mais específicos.

Sua origem etimológica vem do latim “*historia*” e do grego “*historía*” em que significavam exame, informação, pesquisa, estudo, relato, descrição de eventos passados, ou ainda, ciência. Para nós é importante guardar uma distinção fundamental que surgiu recentemente na língua portuguesa e que já é usada a algum tempo que é distinção entre história e estória. A palavra estória é uma forma divergente de história, tendo entrado no vocabulário através do inglês *story*. Helena Figueira (2003), linguista da Priberam aponta que:

O Dicionário Houaiss (brasileiro, mas também com uma edição portuguesa) informa-nos, na etimologia desta palavra, que estória foi uma forma “adoptada pelo conde de

¹⁹Atualmente um selo de propriedade da DC Comics.

Sabugosa com o sentido de narrativa de ficção, segundo informa J.A. Carvalho no seu livro *Discurso & Narração*, Vitória, 1995, p. 9-11".

Ou seja, esta segunda teria surgido da necessidade de separar o sentido de história de acordo com seu caráter ficcional ou histórico (acontecimentos do passado registrados ou advindos de pesquisa historiográfica). No entanto vale ressaltar essa distinção de termos ainda não está consolidada na língua portuguesa.

Mas o ponto chave é que para essa pesquisa o termo [História], com “H” maiúsculo será usado para se referir a ciência histórica, o campo de estudo das ciências humanas/sociais que investiga os acontecimentos do passado humano, enquanto [história], com “h” minúsculo, será usado para se referir ao seu sentido de narrativa, relato, conto ou equivalentes – exceções feitas nos inícios de frases ou citações.

No sentido da História enquanto ciência, muito nos interessa uma corrente historiográfica que ganha força entre as décadas de 1960 e 1970: a História Cultural, também chamada de História das Mentalidades em seus primeiros anos, que passa a reivindicar problemáticas e metodologias próprias (o estudo das aparelhagens mentais). Segundo Chartier (2002) “Sob a designação de história das mentalidades ou de psicologia histórica delimita-se um novo campo, distinto tanto da antiga história intelectual literária da hegemônica história econômica e social” (p. 15); tudo em um campo específico a ser recortado. A História Cultural, tal como entendida por ele (2002):

[...] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. (p. 16-17)

Essa nova História Cultural é liderada pelo recém citado Roger Chartier e seu colega historiador Jacques Revel, possivelmente influenciados pela crítica de Michel Foucault. Mais voltados para a investigação das “práticas culturais” e também influenciados em parte pela renovação marxista, foram além das mentalidades, com o objetivo de questionar os métodos e objetivos da história em geral.

Embora sua geração, tida como quarta do movimento dos *Annales*, tivessem certa rejeição do conceito das mentalidades, não negava o valor dos estudos sobre o mental e nem recusava as aproximações com a antropologia e a longa duração. Seus representantes apresentavam marcado apreço pelas manifestações populares, das massas anônimas, como suas festas, resistências, crenças, sem rejeitar as expressões culturais das elites letradas.

Preocupavam-se em analisar e reconstruir o papel das classes sociais, da estratificação, assim como dos conflitos sociais, de forma a perceber os indivíduos a partir de suas posições. Essa característica acabou por diferenciá-la da História das Mentalidades, que procurava descrever a vida cotidiana de forma uniformizante, sem considerar os indivíduos e suas posições ou grupos na “estratificação” social. Ainda assim, manteve desta a pluralidade de caminhos para investigação histórica, advinda da contribuição de outros campos da ciência nas primeiras gerações dos *Annales*.

Sobre seus métodos podemos destacar suas categorias de *aparelhagem mental* ou *mentalidades* como sendo aquilo que muda mais lentamente no tempo, pois por mais que a quarta geração recuse esse conceito, ao aplicar o conceito de cultura se aproxima muito dessa definição quando enfatiza o estudo dos aspectos culturais da cultura popular, letrada e das representações. Nesse sentido, qualquer produção cultural transforma-se em documento, tudo é fonte; tal concepção privilegia as fontes que conduzem a psicologia coletiva das sociedades, tais como documentos literários e artísticos, próprios do imaginário, o que lhes permite quantificar as manifestações.

Também se valem de recursos metodológicos da geração anterior, tais como: fazer o inventário das fontes; analisar os locais de produção dessas fontes; analisar seus meios de produção; compreender e estudar o vocabulário empregado, seus significados no momento de produção do documento; perceber a sintaxe dos termos, seus lugares-comuns; analisar as concepções de tempo e espaço presentes no discurso documental, seus quadros lógicos; traçar as relações entre textualidade e intertextualidade, ou seja, texto e contexto; analisar as heranças culturais das fontes; as possíveis estratificações sociais de seu tempo; precisar com clareza o período estudado e no qual se inserem as fontes.

Os teóricos da nova História Cultural defenderam a premissa de que a interpretação dos fenômenos deve sempre partir do princípio que os seres humanos fazem a História e sua consciência é fruto da ação do tempo e das mentalidades formadas em grandes estruturas sociais, econômicas e religiosas e não apenas pela interferência da materialidade; não são as ideias que fazem a pessoa, ou sua relação com o trabalho, e este também não é um agente hegemônico. A pessoa é encarada como ator e roteirista da História, ela a escreve, mas recebe do tempo heranças de padrões sociais, costumes, crenças e hábitos sobre os quais não age, é influenciada, sem ao menos saber sua origem o que repercute em suas próprias produções e atitudes.

Nessa ótica os conceitos de representação, imaginário, sensibilidade e narrativa terão papel destacado nas concepções e propostas apresentadas nessa pesquisa, pois entende-se que

indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade e estas, por vezes, acabam por substituir a própria realidade que representam.

A proposta da História Cultural seria decifrar a realidade do passado, por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais as pessoas expressaram a si próprias e o mundo: eis sua relevância para o estudo da História a partir de narrativas. Percebe-se aqui que a realidade do passado chega aos estudantes de História por meio de representações, seja de historiadores ou diretamente dos próprios agentes históricos de uma determinada época por intermédio de sua obra (enquanto fonte/registo histórico).

A História Cultural, portanto, compreende em seus estudos as mais variadas produções do próprio ser humano; nela podemos desempenhar a observação das representações, a cultura letrada, a cultura popular, as diversas manifestações sociais de determinados grupos, a produção cultural de sociedades diversas, cotidianos, crenças, normas de condutas, sistemas de educação, cultura material. Enfim, uma gama infinita de eixos fundamentais ligados ao polissêmico termo cultura analisado pelo campo da História Cultural.

Ou seja, a História continua tendo seu caráter narrativo da História preservado, caráter este que pode ser aproveitado para compreender como a narrativa, enquanto forma de *representação*, pode ser encarada enquanto ferramenta pedagógica para o ensino e aprendizagem de História.

Representação, eis um polissêmico, pode abarcar tanto um sentido mais político quanto genérico de resgatar algo ausente, fora outras significações e empregos mais específicos. Santos (2011) faz um breve mapeamento de caráter epistemológico sobre o conceito na tentativa de ampliar e aprofundar a compreensão do mesmo. Mas, para o que nos cabe, usaremos o conceito de representação como Gizburg e Chartier, por vezes, o indicavam: como o resgate de algo ausente; mas, ao mesmo tempo, como evocação de algo que se faz visível ou aparente (de forma intencional ou não).

Nesse sentido, é importante trazer um pouco da *teoria das representações sociais*, nas palavras de Santos (2011): “A teoria das representações sociais se interessaria, dessa forma, por compreender como os indivíduos, inseridos em seus respectivos grupos sociais, constroem, interpretam, configuram e representam o mundo em que vivem” (p. 34). Por compartilhar tal premissa, consideramos a representação da seguinte forma, em acordo com Chartier (2002):

[...] por um lado, a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto (sic) ausente através da sua substituição por uma «imagem» capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é.

[...] Outras, porém, são pensadas num registo diferente: o da relação simbólica (p. 20-21).

Será exatamente ao tomarmos diferentes formas de registro de narrativas enquanto representações dos pensamentos de seus autores sobre o mundo, assim como de seu público alvo, que poderemos analisar em alguma medida o que elas nos contam sobre a mentalidade e imaginário dessas pessoas, nos ajudando a compreender melhor determinado período histórico. Esse trabalho também deve contar com diversos tipos de fonte e materiais de apoio que permitam análises que vão além do intratextual, chegando aos domínios do intertextual e contextual.

Tal abordagem é a desenvolvida no âmbito da chamada *história textual* ou *história do discurso* (Barros, 2005), em que se faz uma análise múltipla fundada nos aspectos intratextuais (aspectos internos do texto, encarando-o exclusivamente como objeto de significação), intertextuais (relação do texto com outros textos) e contextuais (a relação do texto com a realidade que o produziu e que o envolve). Essa última tendo sentido tanto como objeto de significação quanto de comunicação. Segundo Barros (2005): “A visão do texto a partir da tríplice abordagem do intratexto, do intertexto e do contexto é inegavelmente a mais rica para um historiador que pretende utilizar o discurso textual como fonte”. (p. 137).

Pode-se imaginar que o leitor, em especial aquele que estuda História, possa se revirar em desconforto – como muitos historiadores também o fizeram em meados do século XX – com a próxima afirmação, tomando por empréstimo as palavras de Chartier (2002): há muito os historiadores já tomaram consciência, ou foram forçados a isso pelos avanços da Nova História, de que “seu discurso, seja qual for sua forma, é sempre uma narrativa” (p. 85). Como apontado por Chartier (2002), Paul Ricoeur deixou explícito que toda história é construída a partir das fórmulas que governam a produção de narrativas:

As entidades que os historiadores manipulam (sociedade, classes, mentalidades, etc.) são “quase-personagens”, dotados implicitamente das propriedades que são aquelas dos heróis (sic) singulares e dos indivíduos comuns que compõe as coletividades designadas por essas categorias abstratas.

[...]

Tal análise, que inscreve a história na classe das narrativas e que identifica os parentescos fundamentais que unem *todas* as narrativas, quer sejam de história ou ficção, tem várias consequências (p. 86).

Uma destas consequências é o questionamento sobre quais seriam então as propriedades específicas da narrativa histórica. A resposta é mutável, mas, de forma geral, atém-se aos parâmetros de pesquisa e análise da ciência histórica, ou seja, são as metodologias e perspectivas teóricas – estabelecidas ao longo da construção da História enquanto campo

científico – que embasam todo o processo de pesquisa e análise submetidos a rigorosa análise de pares historiadores/as, dos/as cientistas dessa área.

Tal constatação nos leva ao ponto de partida: e as outras narrativas, as que não compõem essa narrativa historiográfica? Creio que a esse ponto já pode ser antecipado o porquê do resgate à História Cultural e seus aspectos específicos: as narrativas, incluídas as não históricas (no sentido de historiografia), são representações – mesmo que indiretas e não intencionais – de seus criadores, os agentes históricos de determinado período. E é nesse sentido que é possível propor a relevância e potencial extremo da narrativa como ferramenta pedagógica no ensino de História.

Em termo simples, a *narrativa* pode ser entendida como uma exposição de acontecimentos – factuais, imaginários ou mesmo uma combinação de ambos –, portanto, as notícias de jornal, história em quadrinhos, romances, contos e novelas, são, entre outras, formas de se contar uma história, ou seja, são narrativas.

As narrativas são expressas por diversas linguagens: pela palavra (linguagem verbal: oral e escrita), pela imagem (linguagem visual), pela representação artística (linguagem teatral), etc. Assim, serão exploradas algumas das formas pelas quais essas linguagens se apresentam enquanto mecanismo pedagógico no ensino de História.

Sobre a linguagem vale destacar que esta: “origina-se em primeiro lugar como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam. Só depois, convertido em linguagem interna, transforma-se em função mental interna que fornece os meios fundamentais ao pensamento da criança” (Vigotski; Luria; Leontiev, 2010, p. 114). Daí podemos presumir a importância da linguagem na forma como internalizamos e compreendemos o mundo e saber escolher a melhor linguagem para cada turma ou mesmo cada estudante. Além disso, também é interessante para este trabalho perceber que a linguagem é, em psicologia da educação, entendida como:

comportamento verbal. Nascemos com possibilidades de vocalizar, isto é, de emitir sons. Os sons que produzimos com auxílio do aparelho fonador são modelados pela cultura, a tal ponto que indivíduos nascidos e criados em culturas que utilizam línguas diferentes, tornam-se mais aptos a produzirem determinados sons e não outros. Queremos com isso destacar o fato de que aprendemos a falar, aprendemos a produzir sons que representam e se referem a objetos, eventos, pessoas, fenômenos em geral. Os sons que passam a ter significado em uma cultura foram selecionados dentre vários outros sons. (Carmo, 2012, p. 77-78)

Tal raciocínio também é válido para linguagens não fonéticas como as línguas de sinais, usadas especialmente por pessoas inseridas em contextos onde uma língua de sinais foi necessária ou mais conveniente. Perceber a linguagem enquanto manifestação cultural torna evidente que ela acaba assumindo o papel de representação do mundo, portanto, constituindo-

se de símbolos e signos que representam o mundo ao nosso redor, até mesmo o que se passa em nossas subjetividades; isso reforça nossa forma de encará-la enquanto elemento relevante no processo de escolha e análise de recursos pedagógicos, afinal, escolher a linguagem mais adequada pode ser o elemento crucial na concretização do processo de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes.

Agora explorarei algumas dessas diferentes formas de linguagem, a começar pela literatura ficcional. Mas antes vamos entender um pouco o significado de *literatura*: o termo pode se referir a (1) um conjunto de habilidades de ler e escrever de forma correta; (2) a arte de criar e compor textos; e ainda (3) a um conjunto de textos escritos agrupados a partir de algum critério específico, seja ele o país, uma personalidade, uma época, estilo, formato, entre outros.

Aqui a consideramos em todos esses sentidos, embora principalmente no terceiro sentido. O primeiro é relevante em cada um dos formatos que abordaremos, embora com caráter mais geral, por englobar o trabalho com competências básicas que podem precisar ser desenvolvidas ao longo do trabalho pedagógico. O segundo sentido será mais relevante no entendimento da composição da linguagem dos quadrinhos. Já o terceiro sentido aplica-se principalmente na categorização e seleção de narrativas, de certa forma é dele que estamos fazendo uso quando usamos o termo literatura ficcional e histórias em quadrinhos, por exemplo. Nesse sentido, Chartier:

propõe a superação de certas categorias que considera anacrônicas e/ou insuficientes que pautaram até então os estudos da Crítica Literária e da História e impediram a realização de uma abordagem plenamente histórica da literatura, a saber, uma concepção abstrata e universal de texto, leitor e autor. (Navarrete, 2011, p. 25)

Assim, teríamos que considerar esses três elementos: texto, leitor e autor para fazer tal análise abrangente. Com relação ao texto para Navarrete (2011) teríamos que observar:

como os homens de dada época interpretaram a literatura, levar em conta também a materialidade, a concretude textual, a qual compreende “a inscrição de um texto numa página impressa ou a modalidade de sua performance na representação teatral” ou, ainda, a sua transmissão oral. Trata-se de uma descrição morfológica dos objetos e veículos de transmissão. (p. 27)

Ou seja, é preciso observar a materialidade textual em seus vários aspectos/tipos: o suporte em que os textos são escritos; as diferentes formas de transmissão oral; ou ainda as diferentes formas de representação teatral dos mesmos.

Outro elemento importante a ser considerado são as representações, negociações e efeitos de sentido entre autor, leitor e pesquisador/historiador. Navarrete (2011) aponta como Chartier vai contra a perspectiva materialista e “afirma que não há uma relação unilateral, e sim, dialética, entre realidade social e representações estéticas, na medida em que uma

determina a outra” (p. 30). Tal posicionamento reforça o reconhecimento do potencial do poder da ficção.

Para Navarrete (2011) trata-se de uma abordagem que não se detém no excesso de interpretações sobre o que foi dito, nem na busca pelo implícito do que está escrito, mas sim na investigação das condições que tornaram possível a formulação do discurso tal como foi produzido. Em outras palavras, ao analisar Foucault, julga este enquanto historiador, não se ocupa da intencionalidade dos acontecimentos ou de significados ocultos por trás das aparências, mas da compreensão de como e por que esses eventos se apresentaram exatamente da forma que se deram.

Nesse sentido, o que realmente importa para Chartier e Foucault é fazer uma análise que considere os constrangimentos e as negociações que possibilitaram o texto, assim como os efeitos de sentido que este produz enquanto gerador de representações (Navarrete, 2011).

Tendo a possibilidade da narrativa como material de estudo, pode-se pensar que a busca de novas formas de despertar o interesse (a curiosidade, tanto ingênua como epistemológica) é fazer bom uso dos meios culturais disponíveis para tornar as atividades educativas mais lúdicas e significativas para discentes e docentes. O ensino de História é muitas vezes associado ao pedantismo, a decoração de datas e acontecimentos, a relatos maçantes e desinteressantes; porém não precisa ser assim e já são muitos os educadores ou apreciadores da História que buscam meios e formas de tornar o conhecimento histórico mais acessível e prazeroso para o público em geral.

A História é um prato cheio para a Arte, sendo uma das principais inspirações de inúmeros artistas ao longo do tempo, sejam eles escritores, pintores, escultores, arquitetos ou criadores no geral. Eles acabam por fazer uso da História para seus processos estéticos e poéticos, ou meramente para entretenimento. A ficção histórica cativou gerações de leitores e escritores “apresentando os mais diversos ângulos das experiências sociais – subjetividade, cotidiano, tensões, o homem comum – que a própria pesquisa erudita na área demorou a assumir plenamente” (Silva, 2003, p. 14). Mas sempre houve um certo desdém pelo trabalho artístico no ambiente científico, foi só com o advento do movimento do *Annales* e da Nova História que esse sentimento começou a gradualmente recuar. Nesse sentido, resalto as falas de Silva (2003):

Abandonando essa oposição [entre arte e ciência], resta um novo problema: a história agrega elementos de arte e ciência na medida em que compartilha experiências do belo e busca de explicações [...]. Identificar o prazer em obras artísticas não destrói sua presença em outros trabalhos com pretensões diversas (p. 15).

A partir desse encadeamento de ideias pode-se dizer que a produção cultural como um todo é um caminho bastante viável e prazeroso para a busca do conhecimento histórico, tanto quando a analisamos como fontes históricas; quanto como material em que podemos digerir conceitos, fazer analogias ou traçar os mais variados paralelos.

A opção adotada nesta dissertação pelos quadrinhos é fruto de trajeto pessoal e gosto por essa forma de arte e entretenimento. Por isso, pode-se reconhecer que este não é um caminho exclusivo ou que se adeque a todos, tais meios podem ser muito efetivos como ferramentas pedagógicas para muitos, mas também podem ser pouco interessantes para outros; há que se considerar as afinidades individuais e momentos propícios. Por isso nunca se deve esquecer os avisos de Freire com relação à prática dialógica, conhecer o educando é fundamental na escolha dos materiais e ferramentas pedagógicas.

Sabendo que nem sempre esses meios vão permitir que os estudantes tenham uma experiência verdadeiramente lúdica, é importante questionar: De que lúdico estamos a falar? As pessoas costumam associar a ludicidade a jogos ou outras atividades tipicamente divertidas, mas aqui é importante esclarecer que a ludicidade está sendo abordada em outro sentido que muito além do meramente divertido. Nesse sentido, Luckesi (2017) partilha a seguinte experiência conosco:

fui observando que ludicidade não tinha a ver diretamente com a atividade praticada, mas sim com o “estado interno do sujeito que praticava e vivenciava a ação”. Nesse contexto, passei a entender que ludicidade expressa um estado interno do sujeito, uma disposição subjetiva em uma relação plena com aquilo que se está fazendo, que pode ser: brincar, estar com amigos, viajar, ouvir música, praticar leituras, praticar um esporte, cozinhar, dedicar-se a um instrumento musical.... Também compreendi que não necessariamente aquilo que produz um estado pleno em uma pessoa, produzirá de modo equivalente em outra (p. 100).

Andrade Silva (2015) complementa ao pontuar que para Luckesi este estado interno é sinônimo de:

plenitude da experiência – considerando aqui “plenitude da experiência” como a máxima expressão possível da não divisão entre pensar/ sentir/ fazer. Segundo ele, a ludicidade não está diretamente relacionada a jogos e brincadeiras – embora nestas atividades comumente se vislumbre a ludicidade (p. 104).

Portanto, compreende-se aqui que a busca da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem está em tentar alcançar, a partir das ferramentas pedagógicas propostas, esse estado lúdico, em que educando e educador encontrem-se imersos nas atividades propostas, inteiros, plenos, flexíveis, alegres e saudáveis. Tal estado implica uma entrega total de corpo e mente à dinâmica proposta, não há lugar para qualquer outra coisa.

Compreende-se, no entanto, que tornar o processo de ensino e aprendizagem mais prazerosos não vai, por si só, garantir uma aprendizagem efetiva no sentido de dar condições

para uma melhor compreensão e capacidade de intervenção no mundo. Por isso, qualquer ferramenta pedagógica deve ter sua utilização pensada a partir de certos princípios, podemos encarar a ludicidade como um deles; mas há outros que podemos considerar importantes como a autonomia, a ética e a formação integral do ser.

Quanto à ludicidade, podemos observar e conhecer nossos estudantes para perceber o que pode potencialmente levá-los ao estado lúdico de pleno engajamento. Como já foi pontuado, esse elemento terá um peso considerável no quão significativa será a experiência de aprendizagem para os estudantes.

Enfim, a literatura acaba sendo, por um lado, objeto de estudo, ou, mais precisamente, uma fonte histórica; por outro, surge também uma outra postura observada por Navarrete (2011) como inovadora na História com relação aos textos ficcionais: “trata-se de não os olhar apenas como fontes a ser interrogadas, mas também como possíveis interlocutores” (p. 53). É nessa acepção que faço a caracterização da literatura ficcional como ferramenta pedagógica, pois como interlocutora de uma determinada realidade, uma representação de determinado agente histórico em determinado período e local, tem muito a ensinar sobre a História.

Encerrada essa sessão dedicada a História, inicia-se o trato da segunda área chave, a Pedagogia, palavra de origem grega (*paidagogía*) usada para se referir a educação de crianças e que hoje é definido no dicionário Priberam como: (1) ciência da educação; (2) método de ensinar. Ambos os sentidos são interessantes, mas insuficientes para os horizontes desta dissertação, pois permaneceria dúvida: a que Pedagogia se refere?

Aqui cabem dois alinhamentos a perspectivas fundantes para essa pesquisa quanto a Pedagogia: o primeiro é a pedagogia da autonomia, professada por Paulo Freire (2018) em sua última obra publicada em vida “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa”; a outra é a Teoria Histórico-Cultural iniciada a partir e principalmente das obras de Vigotski.

Em seu livro, Freire (2018) apresenta orientações a respeito da compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação do ser humano. Recomenda ao educador a adoção de uma postura atenta contra práticas de desumanização. Para isso, o “saber ser” da sabedoria e a autorreflexão crítica praticados podem ajudar a realizar a leitura crítica das causas profundas da deterioração humana. Ele apresenta uma obra essencial na educação crítica, oferecendo uma perspectiva humanista e ética do ensino. Freire enfatiza que a educação deve ser um processo emancipatório, focado na formação de indivíduos conscientes e críticos, capazes de transformar a realidade.

Em concordância com essa perspectiva aqui considera-se como essenciais na prática pedagógica a ética e a estética, a competência profissional, o respeito pelos saberes do educando e o reconhecimento da identidade cultural, assim como a rejeição de todas e quaisquer formas de discriminação. Também a reflexão crítica da prática pedagógica, a “corporeificação”, o saber dialogar e escutar, o querer bem aos educandos, ter alegria e esperança, ter liberdade e autoridade, curiosidade e consciência do inacabamento do ser mostram-se importantíssimos.

A pedagogia torna-se uma prática de perseverança para transformar as dificuldades em um campo de possibilidades. Para isso, a formação docente ao lado da reflexão sobre a prática educativa em favor da autonomia do educando é o ponto central. É necessário que o formando, desde o início de sua experiência formadora, assuma-se como sujeito também da produção do saber, criando possibilidades para a sua própria construção.

Segundo Freitas (2015) podemos identificar na obra de Freire o apontamento de alguns equívocos fundamentais presentes na ideia de se transferir conhecimento:

O primeiro diz respeito à pretensão de que o conhecimento possa ser “passado” de um sujeito para o outro, como se o processo de conhecer não exigisse do aprendiz nada mais do que receber um conhecimento que lhe é “doadado”. O segundo refere-se à oposição sugerida entre o aprendiz como um sujeito que nada sabe e o educador como alguém que tudo sabe. Tais entendimentos revelam as concepções subjacentes à abordagem tradicional do ensino, a que Paulo Freire denominou de “educação bancária” (p. 173).

Em contraposição a esse modelo, Freire propõe uma educação libertadora em que o ato de ensinar e aprender é parte de um processo maior: o de conhecer, processo em que educador e educando, mediatizados pelo mundo, são sujeitos implicados mutuamente. Ou seja, o ato de ensinar e aprender é mútuo, educando e educador aprendem e ensinam ao longo do processo ao exercitar o diálogo. Conhecer o educando, seus pensamentos, seu contexto real, seu cotidiano é essencial para o educador. Porém para que esse diálogo ocorra bem é necessário que se tenha consciência do inacabamento do ser, que ninguém sabe tudo de algo, assim como ninguém ignora tudo sobre algo.

As relações dialógicas dão a base da reciprocidade, do entendimento mútuo, mas é preciso também haver a curiosidade epistemológica. Tanto esta, quanto a curiosidade ingênua devem ser promovidas, são os fertilizantes do processo de ensino e aprendizagem. Penso que tais concepções são coincidentes com a abordagem Histórico-Cultural da aprendizagem, pois identificam a relação mediada pela cultura e o diálogo/interação entre pessoas como elementos centrais do processo de aprendizagem.

Freitas (2015) ainda destaca algumas das exigências analisadas e assinaladas por Freire para à prática docente:

a rigorosidade metódica, a pesquisa, o respeito aos saberes dos educandos, a consciência do inacabamento, a curiosidade, o saber escutar e a disponibilidade para o diálogo. É, pois, de modo contundente que o autor se posiciona sobre a necessidade de saberes específicos, em defesa da profissionalização docente (p. 172).

Sobre a autonomia há que se fazer algumas considerações quanto ao seu sentido nesta dissertação. Ela enfeixa um corolário de significados que contribuem para sua constituição: autoestima, autoconfiança, autocontrole, autodisciplina. Logo podemos perceber, como dito por Pacheco (2012), que:

Autonomia não é um conceito isolado, nem se define em referência ao seu oposto – define-se na contraditória complementaridade com a dependência, no quadro de uma relação social aberta. O conceito de singularidade lhe é próximo, mas situa-se aquém da autonomia, porque o reconhecimento da singularidade consiste na aceitação das diferenças interindividuais, enquanto autonomia é o primeiro elemento de compreensão do significado de “sujeito” como complexo individual. Ou, como diria Edgar Morin, a componente egocêntrica deste complexo é englobada numa subjetividade comunitária mais larga, porque ser sujeito é ser autônomo, sendo ao mesmo tempo dependente. (p. 11)

Educar para a autonomia tem a ver com tomar consciência de si próprio, de suas singularidades, de suas capacidades e responsabilidades; mas também de sua relação e papel com relação aos que estão ao seu redor. Complementarmente, Machado (2015) afirma que para Freire autonomia:

é um processo de decisão e de humanização que vamos construindo historicamente, a partir de várias, inúmeras decisões que vamos tomando ao longo de nossa existência. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas (FREIRE, 1996, p. 120). [...] Por isso a autonomia é experiência da liberdade (p. 53).

Portanto, ser autônomo é ter a capacidade de assumir a dependência radical de nossa finitude enquanto humanos, tem a ver com saber pensar corretamente, com a construção de uma reflexão crítica e prática, de reconhecer que a História é um tempo de possibilidades; tem a ver com a capacidade de reconhecer seus limites saber reconhecer os outros e a si mesmo.

Desenvolver o princípio da autonomia no trabalho pedagógico exige a busca de propiciar condições para que o educando possa tomar suas próprias decisões, conhecer os próprios limites e reconhecer a liberdade do outro e a sua própria. Os educandos devem ter o espaço para protagonizar seu próprio aprendizado, tomar as decisões sobre o que estudar, como estudar, de exercer sua curiosidade; isso sem que o educador abra mão de sua responsabilidade de oferecer as condições favoráveis à construção dos conhecimentos que permitirão a estes educandos tornarem-se protagonistas de sua própria jornada, intervir crítica e ativamente no mundo.

Para muitos isso pode soar estranho e muito destoante dos modelos e preocupações educacionais que normalmente temos: E os conteúdos? Como fica o currículo? Como devemos avaliar? As respostas a essas perguntas serão cambiantes, pois não existem respostas universais. Estas devem ser construídas na relação dialógica entre educador e educando, entre escola e comunidade. Pode-se visualizar caminhos para inovação no sentido em que propõe Pacheco (2019) que se refere ao termo inovação como:

Aquilo que é novo, possui valor e a capacidade de se renovar/reinventar no decorrer do tempo, e em permanente fase instituinte. [...] Significa a abertura de novos caminhos, a descoberta de estratégias diferentes daquelas que habitualmente utilizamos. Pressupõe invenção, criação de algo inédito. Em suma: inovação é efetivamente algo novo que, em princípio, contribui para a melhoria de algo ou de alguém; que pode ser replicado, por exemplo, a partir da criação de protótipos (p. 148).

A inovação buscada com essa pesquisa não está nas ferramentas pedagógicas em si, mas na forma de abordá-las e aperfeiçoá-las. Lançando novos olhares a essas formas de narrativa, olhando-as a partir de um olhar histórico, decolonial, capaz de ler suas entrelinhas e enxergar os agentes históricos, suas crenças e práticas por trás das narrativas; de trabalhar esse olhar crítico e histórico em nosso próprio presente, ver a historicidade em nós e em nosso tempo. Mas para além disso, procura apresentar a inovação nos princípios e nas formas de interagir com os estudantes, agir em prol de encontrar e instigar as perguntas certas, as verdadeiras curiosidades e interesses; de reconstruir o conhecimento sistematizado e traçar o elo entre nossas experiências e o conhecimento acumulado historicamente, por vezes, difícil de ver, superando nossos vícios fragmentadores do conhecimento.

Porém é importante não cair em algumas armadilhas ao tentar dar voz aos marginalizados em nossas práticas educacionais. Com os inúmeros projetos escolares, tanto da comunidade quanto das secretarias de educação, e sua frequente associação a datas comemorativas, devemos nos atentar ao risco de cair no *currículo festivo* (Silva, 2023) ao tratar temas como diversidade, relações étnico-raciais, gênero e direitos humanos de forma superficial e pontual. Esses são temas caros a Perspectiva Decolonial, esse tipo de currículo é um obstáculo à construção de uma educação emancipadora, plural e comprometida com a justiça social.

Para atingir tal modelo de educação aponto três princípios fundamentais trazidos em Freire (2018) para efetivar uma pedagogia da autonomia a partir das ideias aventadas até aqui: (1) Autonomia: o objetivo da educação deve ser promover a autonomia dos educandos, permitindo que eles se tornem sujeitos de sua própria aprendizagem e capazes de intervir no mundo; (2) Curiosidade: a educação deve alimentar a curiosidade natural dos estudantes, incentivando-os a questionar e a investigar a realidade ao seu redor; e (3) liberdade e

autoridade, Freire propõe um equilíbrio entre liberdade e autoridade na sala de aula, onde o educador exerce uma autoridade democrática, baseada no diálogo e no respeito mútuo.

Isso somado a colocar a ética e a humanização no centro do processo educativo, assim como a atitude de constante desafio ao repensar e renovar nossas práticas pedagógicas de forma crítica e consciente sintetizam a postura que adotar essa visão de pedagogia significaria.

Agora fica mais claro o potencial que os quadrinhos tem, tanto em seu formato quanto em suas possibilidades temáticas do ponto de vista pedagógico. Mais à frente exploraremos também as diferentes possibilidades abordagem que eles podem permitir.

3. CONSTRUINDO PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DECOLONIAIS COM QUADRINHOS

O uso pedagógico das histórias em quadrinhos

Os quadrinhos e mesmo a imagem ainda são, enquanto ferramentas pedagógicas, elementos recentes na educação escolarizada, em particular na História. Neste campo houveram mudanças significativas associadas a corrente da História Cultural, a qual foi tratada anteriormente, que trazia consigo (como observamos na sessão anterior) novos objetos, problemas e fontes. Nessa nova perspectiva todo o material cultural passa a ser encarado como objeto de estudo da história, inclusive as imagens. No entanto, é só na década de 1970 que o estudo da imagem como ferramenta pedagógica encontrará maior penetração no meio acadêmico como bem salienta Malta (2013):

A autora [Tânia Regina de Luca] aponta que poucos trabalhos acadêmicos até a década de 70 do século XX se dedicaram ao paradigma abordado. Como já discutido anteriormente, a responsabilidade de tal vácuo poderia ser creditada a certo preconceito, ou ao hábito de serem exigidas nesse campo de fontes documentais objetivos (sic), oficiais e com maior índice de uma “suposta” credibilidade. (p. 134)

Como vimos, leitura de quadrinhos tem um caráter lúdico inerente, sendo mais um ponto positivo para o formato enquanto ferramenta pedagógica. Por sua imensa adaptabilidade podemos usar seu potencial visual e simbólico para apresentar aos estudantes possíveis formas de construir e reconhecer alegorias em mundos ficcionais, por exemplo.

Aprender a perceber as referências históricas presentes na ficção é uma competência que enriquece muito a experiência de leitura (como em outras atividades que envolvem ficção) e que nos permitem exercitar nosso conhecimento histórico e perceber o trabalho de pesquisa que vários criadores de narrativa podem ter tido em suas obras com relação aos detalhes históricos.

Duas abordagens que surgirão ao longo das propostas pedagógicas observadas e propostas ao longo desta pesquisa irão remeter-se às metodologias de estudo/pesquisa da História Textual (ou do Discurso) e da História e Imagem. A primeira, já referida anteriormente, consiste em fazer uma análise do texto em caráter amplo em vários aspectos: no intratextual há a busca de analisar os aspectos internos do texto e sua significação por si mesmo, por exemplo, conteúdos, ideias, elementos narrativos, argumentos, etc.; no intertextual busca-se a relação entre o texto analisado e outros textos, ou seja, analisa-se textos ou ideias presentes no texto principal e em outros textos com os quais está relacionado, tais relações podem ser feitas de forma sistemática ou casual e permitem posicionar o texto com relação a outros correntes na mesma época; e por fim no aspecto contextual, em que observamos os

elementos externos à produção, mas que a influenciaram significativamente, por exemplo, histórico do autor, o suporte usado para a obra, a reação do público e da crítica, etc.

O segundo, a História e Imagem, se vale de várias estratégias que na verdade acabam se assemelhando à primeira, porém com suas especificidades. Dantas e Pereira (2012) resgatam o método de Luciene Lehmkuhl para a leitura de imagens na História, três passos baseados na leitura de Laurent Gervereau, que consiste basicamente na extração das informações técnicas, do contexto e da interpretação. Este método é uma síntese de todo um processo histórico de embate teórico entre metódicos e pós-estruturalistas do qual o professor deve ter algum conhecimento. De forma sintética, o método consiste em:

Primeira etapa: a partir de um olhar atento à imagem, devem-se observar os aspectos técnicos, estilísticos e temáticos; (...). Segunda etapa: atentar para o contexto da produção relativo aos processos de criação da imagem, relacionando autoria e história pessoal, apontando ainda sua relação com a sociedade da época e observações ao nível de sua circulação/difusão; (...). Terceira etapa: a interpretação parte da descrição realizada e nas interpretações tecidas no estudo do contexto, investigando-se o que já foi produzido sobre a imagem. (LEHMKUHL, 2010, p. 61-62 apud DANTAS e PEREIRA, 2012, p. 4)

No entanto, esse método é apenas uma orientação de caráter mais geral para a leitura de imagens, havendo formas mais específicas para distintas faixas etárias e tipo de material iconográfico utilizado que serão abordados de forma mais detalhada ao longo da pesquisa.

Contudo, antes de partirmos para uma descrição mais aprofundada dos métodos de trabalho, vejo grande relevância em falar de duas das formas pelas quais os quadrinhos foram e continuam sendo apropriados, que embora estejam relacionadas entre si constituem elementos distintos e de grande impacto na sociedade: de um lado, a apropriação dos quadrinhos como produto de consumo de massa; e de outro, como mecanismo de difusão ideológica – vale dizer que darei ênfase neste último.

Normalmente as pessoas consideram as HQ apenas como um produto da mídia para entretenimento, no entanto, aqui pensaremos os quadrinhos, em particular os de super-heróis, como um mecanismo de propagação de ideologias, principalmente proveniente da cultura estadunidense. Como produto consumível, os quadrinhos alcançaram desde a década de 1930 um público significativo e mesmo passando por altos e baixos seu consumo está longe de ser desprezível; consequentemente, seu alcance e penetração social é bastante elevado.

Para que possamos analisar as HQ desse ponto de vista é necessário refletir sobre algumas questões, uma delas é o papel da mídia como elemento influenciador da sociedade. Sobre a mídia Cunha (2012) sublinha que:

[...] é um dos elementos importantes no cotidiano da sociedade, uma vez que ela produz e media significados, está presente a todo o momento em nossas vidas, para

onde vamos, para onde olhamos lá está algo produzido pela mídia. Este “algo” proporcionado pela mídia não é sem intenção. [...] Podemos, portanto, ver a mídia como formuladora de valores e conceitos, estes por sua vez, são transmitidos pelos seus meios de comunicação. (p. 2)

Como um produto da mídia, as HQ tornam-se um desses meios de comunicação, estes na perspectiva de Cunha (2012, p. 2) agem como um 4ª poder na sociedade; atuando como mecanismo hegemônico dos que estão no poder, desenvolvendo assim os projetos de sociedade, articulando e direcionando seu processo político-ideológico. Assim, as histórias em quadrinhos, tal como outras mídias, tornam-se uma ferramenta útil para a disseminação de valores ideológicos de legitimação ou de contestação de uma determinada ordem social.

Uma perspectiva conceitual importante a ser determinada neste trabalho é a de ideologia, optei pela perspectiva conceitual apresentada por Arantes e Gomes (2014) que a pensam por um viés mais sociológico e adotam a noção utilizada por Nunes:

Alguns sociólogos usam o termo ideologia para designar o conjunto de ideias, crenças e modos de pensar características de um grupo, seja nação, classe, casta, profissão ou ocupação, seita religiosa, partido político etc. A ideologia será, então, o conjunto dos conteúdos espirituais de uma determinada cultura ou subcultura, entendendo aqui por cultura todo o sistema de elementos, materiais e não materiais, produzidos (ou recebidos), acumulados, propagados e transmitidos pelos homens, ao longo do tempo, em certa sociedade. (p. 2)

Em síntese, podemos considerar para os fins desta pesquisa, a ideologia como a representação de crenças e normas que norteiam as convenções de uma sociedade ou grupo social. Os Estados Unidos, por exemplo, buscam na representação criada a partir de três dos seus principais super-heróis dos quadrinhos (Superman, Mulher-Maravilha e Capitão América) representar que somente os heróis dos Estados Unidos podem salvar o resto do mundo, e nisso é trabalhado a alusão de que somente esse país é um país forte. Claro que essas não são as únicas representações presentes, mas são as mais óbvias.

Trago de forma resumida algumas das problemáticas e paradigmas das épocas de produção de determinadas HQ de super-heróis que saltam aos olhos e que podem ser observadas em dois trabalhos muito bem feitos: o artigo “Guerra Fria no universo dos super-heróis” de autoria de Faoro (2010) membro do blog “Projeto: Super-Heróis no contexto escolar” e a edição especial da “Revista História Viva, coleção Grandes Temas”, que teve como título “Super-heróis contam a história do século XX”.

Faoro (2010) busca mostrar que é durante a Segunda Guerra Mundial que os quadrinhos ganham uma utilidade que vai além da indústria do entretenimento e surgem como sustentáculo de ótima aceitação para a propagação de ideias, propagandas e apelos nacionais. O Superman surge como contraponto à apropriação do super-homem de Nietzsche, feita por Hitler; o Batman

como reflexo dos problemas internos enfrentados pelos Estados Unidos entre a crise de 1929 e a Segunda Guerra; enquanto o Capitão América encarna o exemplo de soldado americano e todos os ideais morais e éticos alardeados pelo governo dos Estados Unidos. Sobre o Superman, Silva (2005) concorda afirmando que “O Superman é exatamente o contrário do super-homem de Nietzsche, pois ele é dotado dos valores do cristianismo que o filósofo tanto desprezava como a compaixão e a humildade” (p. 7).

Além destes heróis mais conhecidos, Faoro (2010) aborda alguns paralelos entre os quadrinhos e seus contextos sociopolíticos de produção, na qual os autores inserem seus medos e as lutas políticas. Para citar alguns: (1) Quarteto fantástico e a corrida espacial; (2) O Incrível Hulk e as armas nucleares; (3) Homem de Ferro e a Guerra do Vietnã; (4) Homem Aranha e as questões da radioatividade e da manipulação genética (sendo esta última mais recente); (5) X-men e as lutas raciais; (6) Mulher-Maravilha e a participação das mulheres na sociedade; e (7) a disputa entre o Fantoche (Superman) e o Justiceiro (Batman) trabalhando a ideia de corrupção do governo.

A “Revista História Viva”, por sua vez, trata das mesmas temáticas, contendo artigos também sobre: (1) a conquista do espaço da mídia para a linguagem dos quadrinhos com o “Yellow Kid” de Outcast no final do século XIX; (2) o nascimento das tirinhas de jornais e os quadrinhos do “Fantasma” combatendo japonês e traficantes durante a Segunda Guerra; a censura dos quadrinhos na década de 1950; (3) trata também de alguns heróis de quadrinhos brasileiros como Meteoro, Judoka e o Raio Negro; (4) o surgimento de super-heróis mulçumanos e a polêmica entre os muçulmanos; (5) o surgimento dos Watchmen e os novos perfis de heróis e vilões; e (6) “V de vingança” e a luta contra o totalitarismo em contexto de terrorismo e governo Thatcher na Inglaterra. (Lima, Guedes, Fonseca, & al, 2014)

Mas essa apropriação nos leva a uma interessante pergunta: por que os super-heróis se mostraram uma escolha tão produtiva para operar tal difusão ideológica? Para responder remeto-me a outra pergunta: Por que as pessoas gostam de super-heróis e por que eles têm que ser bons e/ou justos?

Depois de alguma pesquisa acabei me deparando com o livro “Super-Heróis e a Filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático” coordenado por William Irwin. Neste livro, Brenzel (2005) ao perguntar por que os super-heróis são bons ofereceu um vislumbre da resposta. Gostamos dos super-heróis por dois motivos: o primeiro, é que eles são justos e/ou bons e o segundo é que eles são poderosos, o que potencializa o primeiro. Está disseminada na sociedade a crença de que o herói representa o ápice da moral e da ética social, pois ele prioriza

o bem coletivo em detrimento do benefício individual. Sócrates dizia que a natureza garantia o benefício ao mais forte, mas que esse princípio era pervertido nas sociedades humanas, pois nestas se aquele que tem o poder o usa para fazer o bem e agir com justiça – mesmo quando isso lhe resulta em sofrimento ou na perda de benefícios – este merece respeito. Sobre a figura do herói, Silva (2005) complementa: “Liberdade, fraternidade, justiça, coragem, sacrifício etc., são alguns dos ideais dignos que guiam o herói em sua jornada com motivações sempre moralmente e eticamente justas” (p. 3).

Em vista desse raciocínio, podemos concluir, segundo o pensamento socrático, que agir de forma heroica inspira respeito e admiração e que o super-herói representa o ápice moral e ético de uma sociedade, o que faz do mesmo o exemplo perfeito para difundir ideologias, sejam estas quais forem. Embora esta ainda não seja uma resposta completamente satisfatória pode ser tomada como ponto de partida para uma que seja. Vale também destacar que outras lógicas - inclusive mais atuais – podem ser abordadas, como as que se focam nos protagonistas anti-heróis que se iniciaram após a década de 1960.

Sabendo que as mais diversas apropriações podem ser feitas a partir dos quadrinhos encerro essa parte ressaltando a importância do educador os usar busque conhecer o material que está utilizando e suas possíveis apropriações para que possam orientar adequadamente os educandos.

Estudando quadrinhos por uma perspectiva histórica

A introdução das histórias em quadrinhos na educação aconteceu de forma bastante limitada, inicialmente em livros didáticos apenas para ilustrar textos complexos. Com o tempo, foi sendo observada a boa aceitação entre os estudantes e as pesquisas mostraram benefícios de sua utilização nas salas de aula como apoio pedagógico.

Na sociedade atual há a demanda de mudanças constantes, provocando a necessidade de se inovar os processos de ensino e aprendizagem em sala de aula. Deste modo é necessário oportunizar um aprendizado mais dinâmico e associado com a vivência dos educandos. Visando derrubar o paradigma de conteúdos sem atratividade, a história em quadrinhos configura-se como recurso didático, e na visão de Neves (2012):

[...] constitui-se em uma alternativa capaz de atender às diferenças do aluno criando um ambiente de trabalho amistoso e atraente. Seu uso envolve o intercâmbio de disciplinas, tais como artes visuais (desenho, animação, uso da linguagem não verbal), português (história, sequência [sic] de ações, inserção de onomatopéias [sic], diálogos), além da disciplina do tema transversal abordado. (p. 8)

Como já disse, na sociedade em que vivemos, os meios de comunicação baseados no uso da imagem para transmitir informações, têm obtido sucesso e alcance extraordinários. Em vista disso, o uso da imagem faz-se condição essencial ao diálogo com o humano da atualidade, leitor do mundo através dos meios de comunicação de massa. Compreende-se aqui que ler, que vai além de entender os códigos textuais, é de extrema importância, pois a decodificação não garante a reflexão, sendo esta a capacidade de fazer inferências no texto. A ausência dessa competência é um dos fatores que gera o desinteresse pela leitura na sociedade, além da cegueira ao material ideológico e as intenções presentes nos veículos midiáticos como as HQ, por exemplo, que são sintomáticos.

Pinheiro (2009) aponta que “para Claparède uma forma de avaliar as necessidades humanas está em se observar quais são os seus interesses, pois todo interesse revela uma necessidade que precisa ser satisfeita” (p. 12). Pode-se concordar com a afirmação, uma vez que a finalidade precípua da educação é formar o ser humano para lidar com suas vivências, portanto, devemos suprir suas necessidades. Pinheiro (2009) também aponta outra vantagem da utilização de HQ no ensino:

[...] não se pode deixar de atentar para outro aspecto essencial das histórias em quadrinhos: seu caráter lúdico. Essa característica, de ser literatura e jogo, faz delas uma forma não só de ensinar, mas também de criar associações positivas para a experiência de aprender. (p. 13)

Além disso, tal recurso propicia algo que Pinheiro (2009) chama de identificação projetiva, em que vivenciamos a experiência das personagens, identificamo-nos com os heróis e torcemos por eles, pois nosso senso de justiça faz-nos simpatizar com suas causas. E a despeito disso, há aqueles que criticam as HQ afirmando que elas instigam a preguiça mental, quanto a isso Pinheiro (2009) argumenta com uma lista de leitores de HQ que afirmam que estas contribuíram para seu hábito de leitura:

[...] uma pequena galeria de ilustres criadores e artistas que declaradamente são apaixonados por quadrinhos, gente do quilate de Jô Soares, Ziraldo, Joaquim Marinho, Picasso, Alain Resnais e outros tantos que começaram na leitura de quadrinhos e seguiram lendo pela vida (p. 15).

Agora, antes de irmos às formas de tratar esse conteúdo em aula, é preciso definir algumas noções quanto ao processo educativo, a primeira destas é a de didática apontada por Tanino (2011) que nos apresenta a perspectiva de Libâneo quanto ao termo: a didática compreendida como a mediação pedagógica que orienta a articulação entre os objetivos e os conteúdos do processo de ensino. Trata-se de um campo que se dedica à análise das práticas educativas vigentes, bem como às circunstâncias concretas — de natureza social, política,

cultural e psicossocial — que influenciam as dinâmicas entre o ato de ensinar e o processo de aprender.

Cabe, portanto, ao professor — ao definir suas práticas pedagógicas — preocupar-se com metodologias, recursos e estratégias que, articuladas com as atividades em sala de aula, tornem possível o crescente processo de aprendizagem dos estudantes. É necessário que o professor procure adquirir competências metodológicas para utilizar determinadas ferramentas pedagógicas, no nosso caso as HQ.

Outro conceito de Libâneo (2002) que deve ser considerado é o de metodologia: refere-se ao estudo dos métodos e consiste no conjunto de procedimentos utilizados pelas diversas ciências para investigar seus fundamentos e estabelecer a validade de seus conhecimentos. Diferencia-se das técnicas, que representam a aplicação prática e específica desses métodos em situações concretas. O professor deve ter ciência de que ao trabalhar as HQ, ao selecionar o material a ser utilizado em sala de aula, deve levar em conta os objetivos, a temática, a linguagem e o desenvolvimento intelectual do estudante. Feitas essas reflexões, sigamos adiante.

Segundo Dantas e Pereira (2012), para trabalhar com imagens a primeira coisa a fazer, tanto na sala de aula quanto no cotidiano, é procurar informações complementares a elas. Passando à segunda etapa, devemos fazer a interpretação da imagem quanto ao seu conteúdo, fazendo uma crítica interna e externa dos documentos tal como faziam os metódicos do século XIX com seus documentos, como também os pós-estruturalistas. A crítica interna é um processo muito mais de análise da obra quanto a sua origem, autor, época, dentre outros elementos, e a análise externa é, em contrapartida, a contextualização dos vários discursos que tal documento pode conter, as verdades produzidas através do mesmo, às relações de saber e poder existentes entre a fonte, seu autor e o contexto social envolvidos.

Litz (2008) pontua que “o uso da imagem visual em História deve ir além de uma simples ilustração das aulas ou para meras discussões. O uso da imagem deve ser significativo, deve ter intencionalidade, é necessário ter qualidade” (p. 2). Portanto, não basta apenas usar imagens em sala, deve-se estar atento ao como fazê-lo.

Como dito anteriormente há o método de Luciene Lehmkuhl para a História, três passos baseados na leitura de Laurent Gervereau, que consiste basicamente na extração das informações técnicas, do contexto e da interpretação. Este método é uma síntese de todo um processo histórico de embate teórico entre metódicos e pós-estruturalistas do qual o professor deve ter algum conhecimento. De forma sintética, o método consiste em: observação técnica e

temática, considerando elementos visuais, estilo e conteúdo; contextualização da produção, relacionando a obra à trajetória do autor, ao momento histórico e à sua circulação social; e interpretação, com base na descrição e contexto, articulando leituras anteriores e produções críticas já existentes sobre a imagem.

Este método pode ser um bom ponto de partida na interpretação de imagens no ensino, sobretudo no ensino médio, já que os mesmos possuem – de acordo com os assuntos abordados – uma bagagem acadêmica mais consistente para realizar, principalmente, o primeiro e segundo passo. Deve-se manter a atenção ao fato de que o uso de imagens é apenas um complemento para o desenvolvimento de uma temática proposta em sala de aula, que exige ferramentas específicas e que possibilite ao estudante uma melhor compreensão do assunto, despertando o senso crítico e proporcionando novas leituras a respeito do evento estudado. E também não substitui a leitura de textos em prosa. Quanto aos temas a serem trabalhados Litz (2008) destaca:

Para a construção do conhecimento em História, é importante dar ênfase no aprendizado de fatos que digam respeito à vida cotidiana: fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, ideológicos, sempre procurando estabelecer a relação entre esses diversos aspectos. (p. 5)

Para Litz (2008) estudar o passado simplesmente pelo passado, não faz sentido. O estudante precisa despertar para sua capacidade crítica, para uma reflexão sobre as relações humanas e sobre as consequências de suas ações. Este estudo faz com que se possa compreender como as ações humanas contribuíram de alguma forma para a construção, organização e funcionamento da sociedade.

Quanto aos instrumentos, pode-se fazer uso de filmes, documentários, pinturas, gravuras, charges, esculturas ou histórias em quadrinhos. Assim como de power points, uso da TV, pendrive, algumas imagens pintadas por diversos artistas ou material impresso a depender das condições materiais disponíveis.

Outra proposta de trabalho é feita por Litz (2008), a autora propõe uma primeira análise mais espontânea seguida da apresentação de um roteiro baseado na proposta de Robert Cumming, a qual faz algumas adaptações, que pode ser utilizada para analisar uma pintura, por exemplo, procurando identificar suas condições de produção, o que pode auxiliar nesse processo de “olhar” uma obra e tirar dela o máximo de informações e interpretações possíveis. O roteiro é o seguinte:

Tema: todas as pinturas têm um tema específico, cada um com sua mensagem significativa. Com frequência, o tema é fácil de se reconhecer.

Técnica: cada pintura deve ser criada fisicamente e a compreensão das técnicas utilizadas, como o emprego da tinta a óleo ou o uso do afresco, aumenta muito nossa apreciação da obra de arte.

Simbolismo: muitas obras usam extensamente uma linguagem de simbolismo e alegoria. Os objetos reconhecíveis, mesmo pintados em detalhe, não representam apenas eles mesmos, mas conceitos de significado mais profundo ou mais abstrato. Para entendê-los, é preciso compreender a sociedade, o contexto histórico e o artista que os criaram.

Estilo Histórico: cada período histórico desenvolve um estilo próprio, que se pode perceber nas obras de seus artistas principais.

Interpretação Pessoal: qualquer pessoa que embarque na viagem de exploração dos significados das pinturas logo ficará confusa com a quantidade dos pontos de vista apresentados. Uma orientação simples é: se você vê alguma coisa sozinho, acredite nela – não importa o que digam. Se você não consegue ver, não acredite. Cada pessoa tem o direito de levar para uma obra de arte o que quiser levar através de sua visão e de sua experiência, e guardar o que decidir guardar, no nível pessoal. O conhecimento da História e das habilidades técnicas deve ampliar essa experiência pessoal. (2008, p. 8-9)

A autora também propõe alguns questionamentos:

- 1) Procedência: Por quem foi elaborado? Onde? Quando? Como foi sua conservação? Existe alguma inscrição em seu corpo?
- 2) Finalidade: Qual seu objetivo? Por que e/ou para quem foi feito? Qual sua importância para a sociedade que o fez? Em que contexto foi feito? Com quais finalidades? Onde se encontra o objeto atualmente?
- 3) Tema: Possui título? Existem pessoas retratadas? Quem são? Como se vestem? Como se portam? Percebe-se hierarquia na representação? Que objetos são retratados? Como aparecem? Que tipo de paisagem aparece? Qual é o tempo retratado? Há indícios de tempo histórico na representação? É possível identificar práticas sociais no objeto iconográfico retratado? Percebe-se relação/aproximação com a realidade da sociedade ou período retratados? (LITZ, 2008, p. 9-10)

Além disso, a autora recomenda pensar os objetivos nos seguintes âmbitos:

- a) que ideia de História quero passar ao meu público alvo? (no caso, os alunos das séries iniciais);
- b) que relações meus alunos poderão estabelecer com seu contexto histórico-social?
- c) que relações posso estabelecer entre a imagem analisada e a produção de um texto? (LITZ, 2008, p. 10)

O trabalho com imagens deve, portanto, possibilitar discussões sobre as condições de produção da imagem, ou seja, o contexto social, temporal e espacial em que foi produzida. Assim podem-se perceber seus significados, tanto para a época e sociedade em que foi produzida como para outras sociedades, em outros períodos e contextos históricos.

Como já sabemos as HQ são um estilo literário, sobretudo imagético, e por isso muito do que se aplica, em termos metodológicos, ao uso de imagens nas aulas de História é aplicável aos quadrinhos. No entanto, as HQ possuem métodos mais específicos para utilização no contexto de sala de aula e agora convido a nos debruçarmos sobre alguns desses métodos, mas antes trago alguns benefícios que o uso de quadrinhos pode acarretar apontados por Marta e David Severo (2013) que foram observados e sintetizados em Rama e Vergueiro:

- a) palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente; b) existe um alto nível de informação nos quadrinhos; c) as possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos; d) os quadrinhos auxiliam no

desenvolvimento do hábito de leitura; e) os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes; f) o caráter elíptico da linguagem quadrinhística obriga o leitor a pensar e imaginar. (p. 4)

E do ponto de vista histórico, não podemos nos esquecer da possibilidade de usá-las tanto como fonte histórica quanto como “amolador reflexivo” uma vez que nos permite desenvolver nossa capacidade reflexiva acerca das ideologias e interesses presentes nos gibis²⁰.

Vale pontuar que, a despeito de quase todos perceberem que o mundo está em constante transformação, apresentando resultados cada vez mais preocupantes, a grande maioria dos professores continua privilegiando a velha maneira do ensino tradicional, afastando o aprendiz do processo de construção do conhecimento seja por falta de conhecimento didático-pedagógico, seja por falta de interesse em aperfeiçoamento. Neves (2012) aponta que:

Segundo Santos (2001), ao utilizar a história em quadrinhos (ela mesma um objeto de ludicidade) para a encenação de um tema, para a formulação de jogos dramáticos, pode-se conseguir um rendimento maior e uma integração mais espontânea do grupo de alunos, com ganhos de eficiência e economia de tempo na aprendizagem. (p. 11)

Tanino (2011) complementa ao afirmar que:

[...] a utilização das HQs nos espaços escolares requer do professor compromisso com o fazer pedagógico e domínio metodológico do conteúdo a ser trabalhado com os alunos, além da criatividade e ousadia para utilizar os quadrinhos na medida certa para auxiliar a aprendizagem dos alunos. (p. 31)

Em sala de aula, as HQ podem ser usadas de forma interdisciplinar, sendo uma ferramenta que faz com que o estudante adquira um conhecimento utilizando materiais presentes no seu cotidiano e explorando formas de linguagem com reflexões mais críticas. O quadrinho pode ser usado no intuito de atender diferentes propostas contribuindo para a formação de valores e o exercício da cidadania. Fazer releitura de cenas do cotidiano, transformar textos narrativos em quadrinhos, construir histórias e propostas de abordagem de temas de forma mais lúdica e divertida são apenas algumas das formas de se utilizar a HQ em contexto escolar. (Neves, 2012)

Embora as histórias em quadrinhos encantem pessoas de todas as idades e sejam um meio de comunicação de massa de grande penetração popular, podemos aproveitar a sua atratividade para trabalhar conteúdos diversos, no intuito de que o aprendizado seja mais prazeroso. Mas devemos ter cuidado ao escolher cada temática e método, pois cada faixa etária tem suas próprias necessidades e níveis de compreensão. Vergueiro (2018) aborda um esboço dessa divisão:

²⁰Nome adotado no Brasil, para as histórias em quadrinho do gênero de aventura e organizadas em volumes ou séries.

Pré-escolar: é muito importante cultivar o contato com a linguagem das HQs, incentivando a produção de narrativas breves em quadrinhos, sem pressioná-los quanto à elaboração de textos de qualidade ou a cópia de outros modelos.

Nível Fundamental: Da mesma forma, começa aos poucos a identificar características específicas de grupos e pessoas, podendo ser apresentada a diferentes títulos ou revistas de quadrinhos, bem como ser instada a realizar trabalhos progressivamente mais elaborados, que incorporem os elementos da linguagem dos quadrinhos de uma forma mais intensa.

Nível Fundamental (5ª a 8ª séries): os alunos têm mais consciência da sociedade que os rodeiam. Têm a capacidade de identificar detalhes das obras de quadrinhos e conseguem fazer correlações entre eles e sua realidade social. As produções próprias incorporam a sensação de profundidade, a superposição de elementos e a linha do horizonte, fruto de sua maior familiaridade com a linguagem dos quadrinhos.

Nível Médio: é uma fase de mudanças de personalidade não aprova qualquer tipo de material, muitas vezes questionam o que é oferecido em sala de aula. Nas produções próprias, buscam reproduzir personagens mais próximos da realidade, com articulações, movimentos e detalhes de roupas que acompanham o que veem ao seu redor (p. 27-29).

Observados esses quesitos trato da proposta de Neves (2012) com base em suas análises de Rama e Vergueiro. Para ela, a aplicação das HQ deve ser adaptada ao cronograma do curso ou disciplina, sendo utilizadas na sequência normal das atividades e sem qualquer destaque em relação a outras linguagens ou alternativas didáticas. De uma forma mais ampla, pode-se dizer que os quadrinhos podem ser utilizados na: (1) contextualização do conteúdo; (2) como recurso avaliativo; e (3) no incentivo à leitura e à escrita.

No primeiro, busca-se ampliar a possibilidade de compreensão de determinado conteúdo viabilizando a construção de cenários, a criação de personagens e caracterização dos mesmos, ou seja, o conteúdo ganha ação, movimento e diálogo. No segundo caso, a tirinha pode ser utilizada tanto no enunciado da questão, para contextualizar a situação problema, quanto nas alternativas de questões objetivas para criar diferentes respostas para a apresentação dos resultados. Quanto ao incentivo à leitura, novamente destaco a atratividade das histórias em quadrinhos, com seu formato dinâmico, mesclando texto e desenhos; no que se refere à escrita o estudante pode ser levado a escrever sobre um determinado tema utilizando-se dos quadrinhos, seja para a apresentação de um contexto ou uma situação. (Neves, 2012)

A próxima metodologia é proposta por Túlio Vilela (2018) que aborda três formas de tratar os quadrinhos no ensino da História: (1º) para ilustrar ou fornecer uma ideia de aspectos da vida social de comunidades do passado; (2º) para serem lidos e estudados como registros da época em que foram produzidos; (3º) para serem utilizados como ponto de partida de discussões de conceitos importantes para a História.

No primeiro caso, seriam usados quadrinhos considerados “históricos”, ou seja, ambientados no passado. No entanto, Vilela (2018) lembra que as obras de ficção histórica

fornece mais informações históricas da época em que foram criadas do que da época em que é ambientada, destacando o uso das HQs especialmente elaboradas para fins didáticos. O autor dá alguns exemplos:

[...] os álbuns *A Guerra dos Farrapos* (L&PM Editores), escrito por Tabajara Ruas e desenhado por Flávio Colin, e *Adeus, chamigo brasileiro* (Companhia das Letras) escrito e desenhado pelo antropólogo e historiador André Toral, obras ambientadas na Guerra do Paraguai. (VILELA, 2018, p. 109)

No segundo caso, podemos trabalhar quadrinhos para retratar paradigmas e problemáticas da época em que foram escritos, o autor traz como exemplo os quadrinhos de autores *underground* da década de 1960, tais como “Freak Brothers” que alude aos movimentos de contestação e contracultura da época e as tiras da série “Chiclete com banana”, de Angeli, em que podem ser vistas como registro da realidade da vida noturna nos grandes centros urbanos brasileiros nos anos 1980. (Vilela, 2018, p. 110).

No terceiro e último caso, o autor destaca os quadrinhos de “Conan, o Bárbaro” que apesar de ambientado em terras fictícias e numa época imaginária tem como fonte de inspiração culturas e civilizações que existiram na Antiguidade, possibilitando a discussão dos conceitos de civilização e barbárie, além de Estado, império e expansionismo.

Vilela (2018) ainda trata das leituras e questionamentos que podem ser feitos em cada uma dessas abordagens: Quem é/são o(s) autor(es)? Quando e onde foi produzida? Por quem fala? A quem se destina? Qual sua finalidade?

Também destaca que o professor deve estar atento aos anacronismos, verossimilhanças e inverossimilhanças a fim de que possa tratá-las com seus estudantes. Além disso, o autor fala da relação entre os quadrinhos e a memória ressaltando o papel dos quadrinhos como inspirador da memória histórica da sociedade e cita o exemplo do quadrinho “Maus” que trata da caça aos judeus durante o regime nazista, fazendo uma alegoria dos personagens com animais. Um último caminho ao qual Vilela (2018) pontua é o da criação de quadrinhos que podem ser usados após os estudantes terem se apropriado deste como mecanismo literário. No próximo capítulo aprofundaremos o tipo de análise e reflexão que podemos propor ao utilizar quadrinhos a partir do que foi discutido até aqui.

Os quadrinhos como ferramenta decolonial

Entendamos primeiro um pouco mais sobre o que é o pensamento decolonial e sob qual perspectiva o estamos encarando. Como levantado anteriormente é uma corrente de pensamento que busca lançar um novo olhar, mais crítico e transformado, na busca de desafiar as estruturas de poder e conhecimento impostos pelo colonialismo e pelas noções de

modernidade ocidentais. O filósofo argentino Mignolo (2008) atesta que a emergência do pensamento decolonial teria surgido como contrapartida da modernidade/colonialidade que impõe uma forma de pensar pretensamente universal na medida em que a colonização e os imperialismo avançam, nesse sentido o autor pontua que:

la genealogía del pensamiento de-colonial es pluri-versal (no uni-versal). así, cada nudo de la red de esta genealogía es un punto de despegue y de apertura que reintroduce lenguas, memorias, economías, organizaciones sociales y subjetividades, y que es al menos doble: el esplendor y las miserias de los legados imperiales, y la huella imborrable de lo que existía convertida en herida colonial, en la degradación de la humanidad, en la inferioridad de los paganos, los primitivos, los subdesarrollados, los no-democráticos (p. 270).

Mignolo (2021) propõe uma desobediência epistêmica, prática que envolve a criação de novas formas de pensar e conhecer que não sejam subordinadas às normas ocidentais, assim como a adoção do que chama de pensamento liminar. Tal forma de pensar se refere à criação de novas formas de conhecimento e identidade a partir da posição de marginalidade e exterioridade, em desafio a hegemonia epistêmica ocidental e em busca de promover maior pluralidade de saberes e perspectivas. Segundo ele, adotar uma opção decolonial envolve a busca por criar novas formas de pensar, conhecer e agir.

Por sua vez, o sociólogo e filósofo Ramón Grosfoguel adiciona ativamente a ideia de que o pensamento decolonial não precisa vir exclusivamente dos povos colonizados (americanos, africanos, orientais, etc.), não se restringindo a um caráter estritamente geográfico (Grosfoguel; Onesko, 2021).

Ao tratar da relação histórica entre a modernidade e o capitalismo, Grosfoguel e Onesko (2021) deixam claro sua diferença de entendimento da questão decolonial e seus propositores, que eles chamam de “rede Modernidade-Colonialidade”, como um problema ético e político. Esse problema seria a contradição entre a proposição de uma lógica pluriversal e a negação dos autores/defensores de ideias que fundamentam a luta. Tal posição me parece justa, pois reconhece, no plano epistemológico o valor e o esforço intelectual daqueles que lutaram e ainda luta por causas de imenso valor a perspectiva decolonial, tais como o combate ao racismo (em suas várias formas), os enfrentamentos relacionados a devastação ambiental, questões identitárias, etc.

Introdutor do conceito de colonialidade do poder, Anibal Quijano (2005), aponta que o colonialismo não se encerra com a independência política dos países colonizados, mas que suas estruturas de conhecimento e poder continuam a ter forte influência nas sociedades contemporâneas. Nesse sentido a colonialidade do poder faz referência à forma como o

colonialismo moldou as relações de conhecimento, identidade e poder, levando a desigualdades econômicas, raciais e culturais.

Quijano (2005) destaca que a ideia de raça tal qual compreendida sociologicamente na modernidade, surgiu durante a colonização a partir do choque entre conquistadores e conquistados, levando a criação de identidades novas tais como índio, negro, mestiço, europeu. Para ele:

na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente [sic], ao padrão de dominação que se impunha (p. 117).

Ou seja, essa ideia de raça teria sido uma maneira de dar legitimidade às relações de dominação, então forçadas pelos conquistadores. Tal maneira de constituição das diferentes identidades, a partir dessa ideia de raça, induziram à elaboração de uma perspectiva eurocêntrica do conhecimento como algo naturalizado. Nas palavras de Quijano (2005):

Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias [sic] e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente [sic] também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade (p. 118).

Tal “ajuste” serviu perfeitamente a nova estrutura de controle do trabalho que vinha se formando, o capitalismo. À medida que se estabeleceu um mercado mundial a exploração do trabalho e de controle da produção, apropriação e distribuição de produtos foram articuladas em torno do capital/salário as novas identidades traçadas a partir dessa nova perspectiva de raça preencheram as novas funções desse mercado mundial desenvolvendo novos traços e configurações histórico-estruturais. Assim impôs-se uma nova divisão racial do trabalho que se manteve ao longo de todo o período colonial, cada forma de controle do trabalho associada à uma raça particular.

Essa situação levou a uma vantagem decisiva na disputa pelo mercado mundial por parte dos países colonizadores, especialmente a Europa Ocidental, que emergia como novo centro do controle do comércio mundial ao concentrar grande abundância de recursos e vasta rede pré-existente de intercâmbio.

O resultado histórico disso é que já no começo da América os europeus associaram o trabalho não remunerado com as raças dominadas, por serem “inferiores”, usando de justificativa racial semelhante para o vasto genocídio dos indígenas, assim como sua utilização como mão de obra descartável na forma de servidão. Mesmo quando associado a servidão (ao

invés da escravidão), esta forma de servidão diferia muito da servidão feudal (que pressupunha a proteção do senhor), assim sendo, a servidão colonial se aproximava mais da escravidão do que do último.

Há que se destacar também que o controle por parte dos europeus não se restringiu aos meios de produção, mas também se estendeu à todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, do conhecimento e da produção de conhecimento. Portanto, a crítica ao eurocentrismo, que marginaliza outras formas de conhecimento e experiência reduzindo-as como “outras” ou “exóticas”, tem um forte caráter epistemológico, voltado a construção do conhecimento. Percebe-se que os europeus se conceberam como os mais avançados da espécie, os mais modernos e por isso aptos a dominar e “civilizar” aos demais povos à sua imagem. Mignolo (2005) destaca que

O notável disso não é que os europeus se imaginaram e pensaram a si mesmos e ao restante da espécie desse modo –isso não é um privilégio dos europeus– mas o fato de que foram capazes de difundir e de estabelecer essa perspectiva histórica como hegemônica dentro do novo universo intersubjetivo do padrão mundial do poder (p. 122).

Daí vem a proposição das chamadas epistemologias do Sul, ideia que busca dar maior credibilidade os conhecimentos produzidos pelas populações do Sul Global (incluindo a América Latina, África, Ásia e Oceania); entendendo essas epistemologias como formas de resistência contra a dominação epistemológica do Norte Global e oferecem alternativas para compreender a realidade de maneira mais completa e inclusiva.

Mas por que seria importante combater essa tal colonialidade do poder? Respondo com duas implicações que resultam desta: a primeira é o despojamento de vários povos de suas próprias e singulares identidades históricas; e a segunda é a imposição de uma nova identidade racial, colonial e negativa que implica extorsão de seu lugar na história da produção cultural da humanidade (Quijano, 2005).

Tal extorsão continua a nos privar de novos caminhos, prendendo-nos a uma perspectiva que caminha para a tragédia. Novamente e valho das palavras de Quijano (2005) para complementar:

Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira seguimos sendo o que não somos. E como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida (p. 130).

Essa dependência histórico-estrutural leva os grupos marginalizados, dominados historicamente, a confundir seus interesses com os dos povos dominantes (da Europa e do Estados Unidos, principalmente). É por isso que pode não soar estranho para muitos ver um brasileiro, por exemplo, defendendo práticas nacionalista protecionistas de líderes dos Estados

Unidos em detrimento da economia brasileira mesmo não tendo nenhum benefício da medida. Ironicamente, tal associação até os impede de fazer o que os próprios europeus e estadunidenses, transformar capital comercial (“benefícios” produzidos no aproveitamento da mais-valia) em capital industrial, pois isto implicaria em abrir mão de “vantagens” no aproveitamento da mão de obra uma vez que a indústria precisa de consumidores com poder de compra (leia-se melhorar a renda da população como um todo).

Infelizmente a tragédia vai ainda mais longe, Patrício Guerrero Arias (2010) sintetiza vários âmbitos em que a colonialidade do poder nos afeta:

- Na política, ao apontar a democracia e o regime liberal como únicos modelos universais para a construção da política, Arias (destaca que a democracia representativa “ha sido incapaz de transformar las relaciones de poder, de disminuir los privilegios de las elites, y no ha enfrentado las grandes asimetrías, desigualdades e injusticias sociales producidas por la colonialidad.” (p. 84).
- Na economia, o capitalismo se apresenta como um modelo econômico que conduz à felicidade e se sustenta por uma visão evolucionista e linear do progresso, mas na prática se impõe sobre outras racionalidades e sabedorias de povos que não se sustentam na acumulação de capital, mas sim em formas de solidariedade, reciprocidade e redistribuição.
- Na natureza, como consequência do capitalismo, prioriza o capita em detrimento da vida. Segundo Arias esta visão instrumental, “falocéntrica” e “desacralizadora” “rompe los lazos sagrados y espirituales con la vida, lo que ha provocado que la naturaleza sea transformada en mercancía, en simple recurso, en objeto para generar plusvalía y acumular ganancias.” (p.85) levando a crises ambientais, uma lógica “ecocida²¹” e uma política de morte.
- Na religião, o cristianismo é instituído como verdadeira e universal relegando outras religiosidades e espiritualidades a um papel subalterno levando a dessacralização da vida e a ruptura com a espiritualidade e o sagrado.
- Na linguagem, ao erigir as línguas europeias como as únicas línguas do conhecimento para a produção dos discursos de verdade científica e técnica em detrimento das línguas nativas.

²¹ Faz referência ao assassinato da natureza.

- Na cultura, quando o Ocidente e Europa se estabelecem como expressão suprema da civilização humana, modelo universal, enquanto outros são relegados ao papel de culturas atrasadas e periféricas.

E para além da colonialidade do poder, trago também as concepções de Arias (2010) sobre as colonialidades do saber, do ser e da alteridade. Quanto a colonialidade do saber o autor destaca que o padrão de conhecimento foi construído de forma profundamente articulada ao exercício do poder que condena aos marginalizados a posição de ser reflexo, um eco de processos, territórios, experiências históricas outras em que se escuta e repete o discurso da ciência ocidental. Há uma colonização epistêmica, ou seja, uma distorção na forma de construir o conhecimento marcada pela inferiorização dos modos e formas dos que foram dominados, obrigando as formas e modos destes a uma posição de silêncio, invisibilidade, descrédito por mero pressuposto.

Aqui recorro a Mignolo (2021) que em artigo focado na desobediência epistêmica, pensamento independente e liberdade trata da húbri do ponto zero, conceito referente a ideia de um ponto de observação desapegado e neutro utilizado por um sujeito conhecedor para descrever o mundo e seus problemas, classificar pessoas e presumir o que é bom para elas. Mignolo destaca que a húbri do ponto zero é a base pela qual a epistemologia ocidental se constituiu levando a significativas distorções na construção do conhecimento ocidental.

Tal distorção vem da consideração de que os conhecimentos são situados e construídos, Mignolo (2021) questiona “Por que a epistemologia eurocentrada escondeu suas próprias localizações geo-históricas e biográficas e conseguiu criar a ideia de conhecimento universal” (p. 26) Para ele os sujeitos conhecedores não são universais e a epistemologia do ponto zero é apenas uma ilusão, daí a necessidade de uma perspectiva decolonial que lance novos olhares geo-historicamente situados e conscientes dessa distorção vinda da ilusão de um senso de neutralidade e desapego irreal marcado por um intenso senso de superioridade advindo da conquista e dominação colonial. Como resultado:

a geopolítica e a corpo-política do conhecimento têm sido omitidas dos interesses egoístas da epistemologia ocidental, e que a tarefa do pensamento decolonial é revelar os silêncios epistêmicos da epistemologia ocidental, e afirmar os direitos epistêmicos dos racialmente desvalorizados e das opções decoloniais que permitam que os silêncios construam argumentos para confrontar os que tomam a “originalidade” como critério máximo para o julgamento final (MIGNOLO, 2021: p. 28).

Em suma, o autor defende que a hegemonia do conhecimento construído a partir da epistemologia do ponto zero deve ser contestada por conhecimentos construídos geo-historicamente e biograficamente que tem maior consideração por suas consequências epistêmicas, éticas e políticas.

Voltando a colonialidade do ser trazida por Arias (2010) ele evidencia como a estrutura da colonialidade do saber e do poder se instaura em nossas subjetividades, domesticando nossa imaginação, sexualidade, os corpos e nos torna cúmplices conscientes ou não da nossa própria dominação. Um exemplo dado pelo autor da colonialidade do ser:

son las nociones de pecado y culpa, pilares de la religión judeocristina de Occidente, que nos han conducido a la negación del cuerpo, del placer, a la vergüenza de ser felices, a la desertización del mundo y la vida, al deterioro de la autoestima, al fomento de la medio cridad necesaria para reproducir subjetividades útiles al sistema, y que provoca también la negación de la diferencia, la desvalorización de la memoria colectiva, la construcción de subjetividades e identidades negativas (p. 86).

Além disso, ele também aponta a colonialidade da alteridade, ou seja, do outro, do diferente. Isso é feito a partir da construção de dicotomias excludentes, construindo oposições falsas (racionalidade/afeto, feminino/masculino, privado/público, braçal/intelectual) lenda a ausência do outro, sua invisibilização, não existência, o despojando de sua dignidade e humanidade (Arias, 2010). Nesta lógica o outro se torna o estranho, o perigoso, o que precisa ser controlado, dominado. Arias (2010) contrasta isso com o ensinamento da sabedoria dos Nahuas “Eu sou você; você sou eu; e juntos somos Deus”²².

Vale também considerar o caráter interseccional que a decolonialidade apresenta, pois se cruza com outras formas de crítica social, tais como feminismo, combate ao racismo, desigualdade socioeconômica, luta pelos direitos de pessoas LGBTQ+. Nesse sentido, não posso deixar de destacar o potencial de obras biográficas e marcadas pela escrevivência e seus subtextos como um excelente exemplo de interseccionalidade com a luta negra, especialmente das mulheres negras.

O conceito de escrevivência foi criado pela escritora Conceição Evaristo e refere-se à escrita que emerge das vivências das pessoas negras, especialmente das mulheres negras, como uma forma de resistência e reescrita da história. A escrevivência também pode ser entendida como uma prática literária que busca dar voz às experiências marginalizadas e invisibilizadas pela sociedade dominante (Guzzo, 2021).

Segundo a própria Evaristo (2020), é uma forma de reescrita da própria história, onde as vozes e as experiências das pessoas negras são centralizadas e valorizadas. O conceito é uma extensão do pensamento decolonial, que busca desafiar as estruturas de poder e conhecimento impostas pelo colonialismo e pela modernidade ocidental. A escrevivência é uma prática de resistência e de construção de identidade que desafia a hegemonia epistêmica ocidental.

²² Tradução livre do espanhol: “Yo soy tú; tú eres yo; y juntos somos Dios” (ARIAS, 2010: p. 87).

Do ponto de vista pedagógico, o estudo de obras desse tipo abre um pluriverso de possibilidades uma vez que os sistemas educacionais em todo o mundo ainda refletem as influências coloniais, perpetuando a hegemonia cultural europeia e ignorando ou marginalizando outras formas de conhecimento. A descolonização da educação envolve repensar currículos, práticas pedagógicas e estruturas institucionais para torná-los mais inclusivos e representativos da diversidade global.

Esta pesquisa se enquadra em uma destas tentativas de lançar um olhar mais decolonial para os processos e práticas pedagógicas utilizando de quadrinhos com forte caráter vivencial, trazendo à tona mais desse olhar dos marginalizados da história pela perspectiva dos que viveram a pressão da colonialidade do poder na pele.

Para construir uma sociedade melhor busco um alinhamento com um pensamento intercultural crítico e decolonial tal como pontuado por Walsh (2012), que tem como ponto central a relação estrutural-racial-colonial e sua ligação com o capitalismo, voltada ao questionamento e intervenção na matriz de colonialidade (os âmbitos do poder, do saber, do ser e da vida). Essa perspectiva é orientada a transformação, intervenção, e ação para a criação de condições distintas da hegemônica, de humanidade, de formar o conhecimento e de viver.

Assim é preciso se atentar as matrizes de colonialidade e buscar ativamente romper com elas: no âmbito do poder, reconhecer a racialização como instrumento de classificação e controle social, assim como instrumento de desenvolvimento do capitalismo mundial, que altera as relações de dominação; no âmbito do saber, reconhecer o eurocentrismo que tenta estabelecer um padrão exclusivo de razão, conhecimento e pensamento enquanto desqualifica a existência de outros conhecimentos; no âmbito do ser, perceber a inferiorização, subalternização e desumanização do outro e de si para combatê-la; e o âmbito cosmogônico, da mãe natureza e da vida, observar a divisão binária feita entre a natureza e a sociedade, que descartam o mágico-espiritual-social, assim como a relação milenar entre os mundos biofísicos, humano e espiritual. (Walsh, 2012).

Walsh (2012) defende que a interculturalidade deve ser entendida como

designio y propuesta de sociedad, como proyecto político, social, epistémico y ético dirigido a la transformación estructural y socio-histórica, y asentado en la construcción en tre todos de condiciones – de saber, ser, poder y de la vida misma –, de sociedad, Estado y país radicalmente distintos. Pero también debe ser entendida como herramienta de accionar; es decir, el interculturalizar como acción deliberada, constante, continua y hasta insurgente, entrelazada y encaminada con la del decolonizar (p. 73).

A partir desse entendimento de interculturalidade, José de Souza Silva (2013) propõe uma pedagogia intercultural crítica em oposição à ordem eurocêntrica/norte-americana que ordena o mundo para o progresso/desenvolvimento (expansão e acumulação capitalista). Este

modelo moderno/colonial vem nos levando a uma série de crises sistêmicas causadas por suas violências, desigualdades, injustiças e falta de sustentabilidade. Neste modelo

la felicidad es un privilegio de muy pocos: los no domesticados por la civilización del tener ni afectados por sus violencias, desigualdades e injusticias. Los demás son espíritus sin reposo. Sin embargo, en medio a las turbulencias del cambio de época, en América Latina germinan semillas preñadas de indignación y esperanza. Los pueblos originarios brindan premisas para la “con-vivencia” armónica entre todas las formas y modos de vida humana y no humana (p. 470).

Silva (2013) nos apresenta um outro lado, uma perspectiva de indignação e esperança em que a pedagogia possa contribuir para um futuro relevante voltado para felicidade dos povos e a sustentabilidade da vida. É quando se evidenciam as crises do sistema que indignados nos damos conta da necessidade de mudar o mundo, a nós mesmos, nos separarmos de premissas falsas e/ou irrelevantes criadas por um modelo que busca apenas o progresso/desenvolvimento, sem se importar com nossas histórias, saberes, experiências e sonhos locais.

Retorno a Arias (2010), por perceber uma relação forte entre a proposta deste e de Silva, em sua busca por “corazonar”:

se trata de recuperar la sensibilidad, de abrir espacios para Corazonar desde la insurgencia de la ternura, que permitan poner el corazón como principio de lo humano, sin que eso signifique tener que renunciar a la razón, pues de lo que se trata es de dar afectividad a la inteligencia (p. 88).

Vários acadêmicos já começam a perceber a importância das emoções e das sensibilidades na construção do sentido da existência, é impossível separar a dimensão biológica e cultural que constitui os seres humanos de sua dimensão emocional (Arias, 2010). O autor fala em favor de uma poética da alteridade a partir do ato de “corazonar” na qual “los otros y nosotros estamos presentes habitando los territorios de la vida, y es la fuerza del emocionar la que hace posible que nos encontremos como interlocutores que buscan aprender de sus respectivos universos simbólicos de sentido, tejidos en sus experiencias del vivir.” (p. 90).

Para podermos realizar uma descolonização do poder, do saber, do ser e da natureza é preciso romper com a educação para o progresso/desenvolvimento e construir uma educação para a vida a partir de uma pedagogia decolonial. Fecho esta parte com mais um trecho de Silva (2013, sobre sabedoria: “Según un sabio del pueblo Shuar, de la Amazonía ecuatoriana, sabio es aquel que, frente a dos o más opciones en conflicto, cuando una de estas opciones es la vida, decide por la vida” (p. 484). Em vista disso, logo notamos que vivemos sob a hegemonia de uma civilização que tem muita inteligência, mas que parece demonstrar muito pouca sabedoria.

4. ANALISANDO OS QUADRINHOS E CONSTRUINDO PLANOS DE AULA: UM OLHAR DECOLONIAL

Contextualizando os quadrinhos e montando os planos de aula

Antes de partir para análise das cenas escolhidas segue uma apresentação e familiarização com os quadrinhos que serão analisados, respectivamente: Cumbe, Persépolis e Palestina. Para essa familiarização com cada um será feita uma breve apresentação dos autores e autora, seguido de uma síntese do conteúdo de cada obra e seu impacto e influência após a publicação.

Cumbe e Marcelo D'Salete: O autor e sua obra-prima

Marcelo D'Salete é um ilustrador, quadrinista e professor brasileiro, amplamente reconhecido por suas obras que abordam questões sociais e históricas, particularmente a escravidão e a resistência negra no Brasil. Formado em Artes Plásticas pela Universidade de São Paulo (USP), D'Salete começou sua carreira nos quadrinhos na década de 2000, trazendo uma nova perspectiva e uma voz potente às narrativas gráficas.

Entre suas obras mais notáveis estão "Encruzilhada" (2011), "Angola Janga" (2017), e, claro, "Cumbe" (2014). "Cumbe" é um marco em sua carreira, sendo aclamado tanto no Brasil quanto no exterior, por sua narrativa sensível e poderosa, que retrata a luta dos negros escravizados no Brasil colonial. D'Salete recebeu prêmios internacionais por sua obra, incluindo o Prêmio Eisner, um dos mais prestigiados do mundo dos quadrinhos.

Cumbe: Uma síntese da obra

"Cumbe" é uma coletânea de quatro histórias interligadas que se passam durante o período colonial brasileiro, focando na resistência e nas experiências dos negros escravizados. A palavra "cumbe" significa "sol" em quimbundo, língua falada em Angola, e também é usada para designar quilombos, comunidades de escravos fugitivos. A escolha do título é emblemática, simbolizando a busca por liberdade e dignidade.

1. **Calunga:** segue a trajetória de Valu, um homem escravizado que planeja a fuga de sua opressão. Ele encontra forças na busca por liberdade, mas o sistema colonial e a brutalidade dos capatazes oferecem barreiras imensas. A narrativa mergulha na tensão entre o desejo de escapar e o custo pessoal dessa resistência, destacando os riscos e sacrifícios.
2. **Sumidouro:** A segunda história foca numa mulher escravizada que resiste à crueldade diária de seus opressores. Sua história foca no abuso físico e psicológico que enfrenta, mas também no poder de sua determinação e dignidade em meio ao desespero. O conto

examina como a resistência feminina, mesmo em pequenas ações, serve como um desafio à desumanização imposta pelo sistema escravista.

3. **Cumbe:** A terceira história conta como homens e mulheres escravizados conspiram para escapar e formar um quilombo, um ato de união e esperança. No entanto, o enredo também retrata a fragilidade dessa luta, expondo como a traição e as condições adversas podem ameaçar até mesmo os sonhos mais organizados de liberdade.
4. **Malungo:** A última história traz um cenário de vingança e mostra como essas conexões eram essenciais para suportar a opressão e preservar a humanidade. A narrativa captura momentos de companheirismo, mesmo diante da violência constante, iluminando a força do vínculo humano como forma de resistência emocional e psicológica.

As ilustrações em "Cumbe" são poderosas e evocativas, utilizando uma paleta de preto e branco que acentua o contraste entre luz e sombra, simbolizando a luta entre opressão e liberdade. O estilo artístico de D'Salete é detalhado e expressivo, trazendo à vida os personagens e suas histórias com uma autenticidade palpável.

Impactos e Influências de Cumbe no Mundo dos Quadrinhos

Desde seu lançamento, "Cumbe" tem sido amplamente reconhecido como uma obra-prima que transcende as fronteiras dos quadrinhos tradicionais. A obra de Marcelo D'Salete impactou significativamente o meio quadrinístico de várias maneiras:

1. **Diversificação das narrativas:** "Cumbe" trouxe à tona histórias que raramente eram contadas em quadrinhos, abordando a escravidão e a resistência negra com uma profundidade e sensibilidade raramente vistas. Essa diversificação ajudou a abrir portas para outros autores que desejam explorar temas semelhantes, contribuindo para uma representação mais rica e diversa nas narrativas gráficas.
2. **Um dos pontos altos da produção brasileira de quadrinhos:** "Cumbe" destacou o talento brasileiro no cenário internacional, ajudando a solidificar a posição do Brasil como um importante centro de produção de quadrinhos. A obra recebeu elogios e prêmios internacionais, elevando o perfil de D'Salete e outros quadrinistas brasileiros.
3. **Impacto educacional:** "Cumbe" tem sido utilizado em contextos educacionais para ensinar sobre a história da escravidão no Brasil. A obra oferece uma ferramenta poderosa para educadores que desejam abordar esses temas de uma maneira acessível e envolvente, ajudando a contextualizar a importância histórica da resistência negra.
4. **Estímulo ao Debate Social:** "Cumbe" gerou discussões significativas sobre a escravidão e o racismo, tanto entre críticos de quadrinhos quanto no público em geral.

A obra não apenas entretém, mas também educa e provoca reflexão, estimulando um diálogo mais amplo sobre esses temas importantes.

5. **Estética e técnica artística:** O estilo artístico de D'Saleta em "Cumbe" influenciou outros artistas, inspirando novos métodos de representação visual nos quadrinhos. Seu uso de contrastes e detalhamento minucioso serviu como referência para quadrinistas que buscam explorar temas históricos e sociais através da arte.

Em resumo, "Cumbe" não é apenas uma obra notável por sua narrativa e ilustração, mas também por seu impacto duradouro no meio quadrinístico. Marcelo D'Saleta conseguiu, com essa obra, combinar arte e história de uma maneira que ressoa profundamente com leitores de todas as idades e origens, garantindo que as histórias de resistência e luta não sejam esquecidas, mas celebradas e reconhecidas em todo o mundo.

Persépolis e Marjane Satrapi: A Voz de uma Geração

Marjane Satrapi é uma autora, ilustradora e cineasta franco-iraniana, mundialmente reconhecida por sua obra "Persépolis". Nascida em Rasht, Irã, em 1969, Satrapi cresceu em Teerã em meio a um contexto político conturbado. Sua família progressista e politicamente ativa influenciou profundamente sua visão de mundo e suas obras. Estudou em uma escola francesa em Teerã antes de se mudar para Viena aos 14 anos, buscando escapar das restrições impostas pelo regime islâmico. Posteriormente, se estabeleceu na França, onde começou sua carreira nos quadrinhos.

"Persépolis" foi publicada originalmente em quatro volumes entre 2000 e 2003. A obra, uma autobiografia gráfica, foi amplamente aclamada pela crítica e pelo público, traduzida para diversos idiomas e adaptada para um filme de animação em 2007, que foi indicado ao Oscar.

Persépolis: Uma Síntese da Obra

"Persépolis" é um relato pessoal e íntimo da vida de Marjane Satrapi, começando com sua infância durante a Revolução Iraniana e a guerra Irã-Iraque, e seguindo até sua adolescência e vida adulta no Ocidente. A obra é dividida em duas partes principais:

1. **Infância no Irã:** Satrapi descreve sua infância em Teerã, onde testemunhou a queda do xá e a ascensão do regime islâmico. Ela aborda como essas mudanças políticas afetaram sua família e sua própria vida, desde a repressão cultural até a perda de entes queridos. A jovem Marjane é uma criança curiosa e rebelde, tentando entender e desafiar as injustiças que vê ao seu redor. A narrativa mistura momentos de humor e tragédia, oferecendo uma visão rica e multifacetada do Irã durante um período de turbulência.

2. **Adolescência e Vida Adulta no Ocidente:** A segunda parte foca na vida de Marjane após deixar o Irã, suas experiências como adolescente em Viena e seu retorno posterior ao Irã antes de se mudar definitivamente para a França. Satrapi lida com a sensação de alienação e a luta para encontrar sua identidade em um ambiente culturalmente diferente. Ela enfrenta desafios de adaptação, preconceito e a saudade de casa. A narrativa destaca o dilema de sentir-se estrangeira em ambos os mundos, mas também explora temas universais de crescimento, liberdade e resistência.

O estilo artístico de "Persépolis" é caracterizado por seu traço simples, em preto e branco, que contrasta com a complexidade das emoções e eventos descritos. Essa simplicidade estilística permite que a profundidade emocional e a força da história se sobressaíam, criando um impacto duradouro no leitor.

Impactos e Influências de Persépolis no Mundo dos Quadrinhos

Desde seu lançamento, "Persépolis" teve um impacto profundo e duradouro no meio dos quadrinhos e além:

1. **Ampliação das narrativas autobiográficas:** "Persépolis" foi fundamental para legitimar e popularizar o gênero da autobiografia gráfica. A obra demonstrou que quadrinhos podem ser uma forma poderosa de contar histórias pessoais e complexas, abrindo caminho para outros autores que desejam explorar suas próprias experiências através dessa mídia.
2. **Visibilidade das questões culturais e políticas:** Ao trazer à tona as experiências de uma jovem iraniana durante e após a Revolução Islâmica, "Persépolis" ofereceu ao público ocidental uma perspectiva rara e necessária sobre a vida no Irã. A obra ajudou a humanizar uma região frequentemente estereotipada e mal compreendida, promovendo um maior entendimento intercultural.
3. **Inspiração para outras mulheres autoras:** Marjane Satrapi tornou-se uma figura inspiradora para muitas mulheres no mundo dos quadrinhos e além. Sua voz forte e autêntica encorajou outras mulheres a compartilhar suas histórias e experiências, contribuindo para uma maior diversidade de vozes na literatura gráfica.
4. **Impacto educacional:** "Persépolis" tem sido amplamente utilizado em contextos educacionais para ensinar sobre história, política e questões de identidade. A obra oferece uma ferramenta acessível e envolvente para explorar temas complexos, facilitando discussões significativas em salas de aula e outros ambientes educacionais.

5. **Adaptação cinematográfica e reconhecimento internacional:** A adaptação de "Persépolis" para um filme de animação ampliou ainda mais seu alcance e impacto. O filme foi aclamado pela crítica e recebeu vários prêmios, incluindo uma indicação ao Oscar, o que ajudou a solidificar a posição de Satrapi como uma importante voz no cenário cultural global.

Em síntese, "Persépolis" é uma obra seminal que transcende o meio dos quadrinhos, combinando narrativa e arte de forma magistral para contar uma história profundamente pessoal e universal. Marjane Satrapi conseguiu capturar a essência de uma época e de uma luta interna e externa por identidade, liberdade e compreensão. Seu impacto no mundo dos quadrinhos e na cultura global continua a ser sentido, inspirando novas gerações de leitores e autores a explorar o poder da narrativa gráfica.

Palestina e Joe Sacco: A Crônica Gráfica de um Conflito

Joe Sacco é um jornalista, escritor e cartunista maltês-americano, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo do jornalismo em quadrinhos. Nascido em Malta, em 1960, Sacco se mudou para os Estados Unidos ainda jovem e formou-se em Jornalismo pela Universidade de Oregon. Seu interesse por questões internacionais e direitos humanos o levou a explorar regiões de conflito através de suas obras gráficas, combinando reportagem de campo com ilustrações detalhadas e narrativas pessoais.

"Palestina", publicado pela primeira vez em 1993, é amplamente considerada uma obra seminal no campo do jornalismo em quadrinhos. A obra é fruto da viagem de Sacco à Cisjordânia e à Faixa de Gaza no início dos anos 1990, onde ele passou dois meses entrevistando palestinos e documentando suas vidas sob a ocupação israelense. "Palestina" foi aclamada pela crítica e recebeu vários prêmios, incluindo o American Book Award em 1996.

Palestina: Uma Síntese da Obra

"Palestina" é uma narrativa gráfica que combina jornalismo investigativo com a arte dos quadrinhos para contar a história do povo palestino durante a Primeira Intifada. A obra é dividida em nove capítulos, cada um focando em diferentes aspectos da vida na Palestina ocupada.

1. **Introdução ao conflito:** Sacco inicia a obra apresentando o contexto histórico e político do conflito Israel-Palestina. Ele descreve a criação do Estado de Israel, a expulsão dos palestinos e as subseqüentes guerras e tensões que moldaram a região.

2. **Entrevistas e testemunhos:** A narrativa se desenvolve através das entrevistas que Sacco realiza com palestinos de diversas origens e experiências. Ele fala com refugiados, camponeses, trabalhadores, ativistas e líderes comunitários, documentando suas histórias de sofrimento, resistência e esperança. As entrevistas são apresentadas de maneira crua e autêntica, permitindo que as vozes dos palestinos ressoem através das páginas.
3. **Vida sob ocupação:** Um dos temas centrais de "Palestina" é a vida cotidiana sob a ocupação militar. Sacco documenta a realidade dos postos de controle, das incursões militares, das detenções arbitrárias e da violência cotidiana que os palestinos enfrentam. Ele também aborda a resistência popular, desde protestos pacíficos até atos de desobediência civil.
4. **Aspectos culturais e sociais:** Além do conflito, Sacco explora a rica cultura e a vida social palestina. Ele descreve festivais, tradições, costumes e a resiliência do povo palestino em manter sua identidade cultural, apesar das adversidades.
5. **Reflexões pessoais:** Sacco também inclui suas próprias reflexões e experiências como jornalista e observador estrangeiro. Ele reconhece as limitações e os desafios de seu papel, bem como as dificuldades de captar plenamente a complexidade do conflito.

O estilo artístico de Sacco em "Palestina" é detalhado e expressivo, utilizando uma paleta de preto e branco para acentuar o contraste entre luz e sombra, e entre esperança e desespero. As ilustrações são meticulosas, capturando tanto a devastação física quanto a resiliência emocional dos personagens.

Impactos e Influências de Palestina no Mundo dos Quadrinhos

Desde seu lançamento, "Palestina" teve um impacto profundo e duradouro no meio dos quadrinhos:

1. **Pioneirismo no jornalismo em quadrinhos:** "Palestina" é amplamente reconhecida como uma das primeiras e mais importantes obras de jornalismo em quadrinhos. Joe Sacco demonstrou que os quadrinhos podem ser uma forma poderosa e legítima de jornalismo investigativo, combinando narrativa visual e textual para contar histórias complexas e impactantes.
2. **Visibilidade para questões de direitos humanos:** Ao focar nas experiências dos palestinos sob ocupação, "Palestina" trouxe uma visibilidade necessária para questões de direitos humanos que muitas vezes são negligenciadas ou mal compreendidas. A obra

ajudou a humanizar os palestinos e a promover um maior entendimento das realidades que enfrentam.

3. **Inspiração para outros autores:** Joe Sacco tornou-se uma figura inspiradora para outros jornalistas e quadrinistas que desejam explorar o potencial dos quadrinhos como meio de reportagem. Sua abordagem meticulosa e empática serviu como modelo para outros trabalhos de jornalismo gráfico, ampliando o campo e incentivando novas vozes.
4. **Impacto educacional:** "Palestina" tem sido utilizada em contextos educacionais para ensinar sobre o conflito Israel-Palestina e sobre técnicas de jornalismo. A obra oferece uma ferramenta acessível e envolvente para explorar temas complexos, facilitando discussões significativas em salas de aula e outros ambientes educacionais.
5. **Adaptação e reconhecimento internacional:** Embora "Palestina" não tenha sido adaptada para outros meios como o cinema, sua influência e reconhecimento se estendem globalmente. A obra foi traduzida para vários idiomas e continua a ser estudada e discutida como um exemplo paradigmático de jornalismo em quadrinhos.

De forma resumida, "Palestina" é uma obra fundamental que transcende o meio dos quadrinhos, combinando arte e jornalismo de maneira interessantíssima para contar uma história urgente e necessária. Joe Sacco conseguiu capturar a essência de um conflito complexo e contínuo, oferecendo uma visão humana e profunda das vidas impactadas por ele. Seu impacto no mundo dos quadrinhos e na cultura global continua a ser sentido, inspirando novas gerações de leitores e autores a explorar o poder da narrativa gráfica.

Rumo a análise

Apresentados os quadrinhos, nas sessões seguintes desse capítulo será analisada uma cena de cada obra a partir da MAHQ, vale lembrar que as análises tem três aspectos principais, sendo eles: o estrutural, o contextual (interno e externo) e o qualitativo. Cada uma das sessões inicia justificando a escolha da cena para em seguida partir para a análise e elaboração dos planos de aula.

Quanto a elaboração de planos de aula, seguirei um modelo baseado nas ideias de José Carlos Libâneo (2002) com os seguintes itens:

1. Objetivos:

- Definir claramente o que se espera que os alunos aprendam ao final da aula.
- Os objetivos devem ser específicos, mensuráveis, alcançáveis, relevantes e temporais (SMART).

2. Conteúdos:

- Especificar o conteúdo que será abordado na aula, relacionando-o aos objetivos.
- Considerar o conhecimento prévio dos alunos e como o novo conteúdo se conecta ao que já aprenderam.

3. Metodologias:

- Descrever as atividades e métodos que serão utilizados para atingir os objetivos.
- Incluir uma variedade de abordagens didáticas, como leitura, discussão, atividades práticas, uso de tecnologias, etc.

4. Recursos:

- Listar os materiais e recursos necessários para a realização da aula (livros, vídeos, materiais de escritório, etc.).

5. Organização do Tempo:

- Planejar a distribuição do tempo durante a aula, garantindo que haja tempo suficiente para cada atividade.
- Incluir momentos para revisão, avaliação e feedback.

6. Avaliação:

- Definir como será feita a avaliação dos aprendizados dos alunos.
- Utilizar métodos variados de avaliação, como testes, trabalhos, apresentações, entre outros.

7. Reflexão e Ajustes:

- Após a aula, refletir sobre o que funcionou bem e o que pode ser melhorado.
- Ajustar o plano de aula conforme necessário para futuras aulas.

Vale pontuar que há várias formas de organizar um plano de aula, sendo esta apenas uma das muitas formas possíveis. Como dito por Pimenta e Ghedin (2002) o planejamento pedagógico não deve ser visto como um roteiro engessado, mas como um processo dinâmico de reflexão e criação. Para eles o professor é um sujeito reflexivo, que analisa criticamente sua prática e a transforma com base em suas experiências e no contexto em que atua. Além disso, o planejamento é um ato político e ético, pois envolve escolhas que impactam diretamente a formação dos estudantes e a criatividade entra como elemento essencial, permitindo que o docente adapte conteúdos, metodologias e avaliações às realidades e necessidades dos estudantes. Nesse sentido a prática docente deve ser constantemente reconstruída, com abertura ao diálogo, à escuta e à experimentação. Enfim, vamos a análise das cenas e construção dos planos de aula.

Cumbe: uma história de luta e resistência contra a escravização no Brasil

Ao observar os contos do livro optou-se por trazer uma cena do conto “Sumidouro”, pois este apresenta uma oportunidade rica para explorar uma narrativa com profundidade temática, construção visual e impacto social que Marcelo D'Saete habilmente transmite em suas obras. Nela podemos explorar uma série de temáticas interessantes.

O conto, assim como outras partes do livro, aborda questões históricas relacionadas ao período colonial e à escravidão no Brasil, recuperando vozes e experiências muitas vezes silenciadas na história oficial. Analisar o conto pode ser uma forma de valorizar e refletir sobre essa memória histórica. Além disso, apesar de ambientado em um período histórico, o conto dialoga com questões sociais contemporâneas, como o racismo estrutural, a desigualdade e a resistência negra. Estudar essas conexões permite compreender como o passado influencia o presente.

Marcelo D'Saete utiliza uma combinação única de narrativa textual e visual. Analisar o conto Sumidouro oferece uma oportunidade de entender como os elementos visuais e o roteiro se complementam para criar impacto emocional e transmitir mensagens profundas. A luta pela liberdade e pela dignidade humana é um dos temas centrais de “Sumidouro”. Discutir esse aspecto é essencial para entender as narrativas de resistência das comunidades escravizadas e sua importância cultural e histórica.

O conto também apresenta um estilo único que pode ser estudado tanto nos aspectos artísticos (ilustrações, uso do preto e branco, composição) quanto nos elementos simbólicos (como a relação com a natureza e os sonhos de liberdade). Esses aspectos podem tornar a análise rica e multifacetada. Ele tem potencial para provocar reflexões profundas sobre a condição humana, a brutalidade da escravidão e a força do espírito humano. Analisar o conto permite compreender como Marcelo D'Saete constrói esse impacto emocional no leitor. Para aproveitar algumas dessas possibilidades foram escolhidas as cenas 9 e 10, que incluem da página 61 até a 72.

Na primeira cena temos a saída do senhor e sua esposa pegando o filho dele com Calu (a escrava) enquanto ela trabalha e o levando ao sumidouro. Na segunda cena, Calu se apressa para pedir ajuda ao padre e lá permanece até ser buscada pelo senhor que se aconselha com o padre e toma sua decisão sobre o caso.

Análise Estrutural

A primeira cena é composta por três momentos: no primeiro, temos a saída do senhor; no segundo, vemos sua esposa levar o bebê ao sumidouro enquanto Calu trabalha; e no terceiro temos Calu percebendo o destino de seu filho. Vejamos algumas páginas de cada momento:

Na página da Figura 12 podemos observar que o contraste entre preto e branco não é apenas estético, mas também simbólico. Ele ressalta a luta entre opressão e liberdade, luz e escuridão, vida e morte. Note como as sombras, os espaços negativos e os detalhes das expressões contribuem para intensificar as emoções e o impacto das cenas.

Vemos que os desenhos são carregados e detalhados, com um traço mais realista que cartunesco, o que prenuncia o tom grave do conto. Tal detalhamento e atenção a texturas do cenário imergem o leitor no ambiente e na época retratada, dando uma sensação tátil, ajudando a conectar o leitor às experiências dos personagens.

Acima temos um quadro inicial focado no rosto do senhor, de costas para esposa, e que vai se distanciando nos quadros subsequentes enquanto fala, isso pode denotar a distância do relacionamento entre ambos. A despedida não é nada calorosa e o pequeno sorriso da esposa ao ver o marido longe indica que ela tem algo em mente ao ver a saída do marido.

Na Figura 13, num segundo momento, vemos o bebê descansando enquanto a mãe, Calu, trabalha. A senhora entra e leva a criança sem que a mãe perceba. Tudo ocorre em uma rápida sequência de pequenos quadros e sem diálogos, indicando a rapidez e furtividade do ato, expandindo o quadro



Figura 12 - O senhor deixa a fazenda.



Figura 13 - A senhora leva o filho de Calu embora enquanto esta trabalha

apenas quando a senhora aparece fora de vista da casa-grande. A escuridão sempre em volta da senhora dando uma pista do teor de seu ato.

Na figura 14, no último momento da primeira cena, que se passa logo após Calu perceber a ausência do filho, ela conversa com o senhor e vemos a senhora mencionar o sumidouro. Os quadros já mais escuros do que os anteriores. Um close (aproximação) é aplicado no rosto satisfeito da senhora e de Calu obscurecida pelo ombro do senhor, percebendo o que aconteceu. O rosto do senhor não é mostrado, talvez para intensificar a ideia de que ele não fará nada sobre a situação.

O último quadro é mais amplo, mostrando a casa-grande com Calu junto ao senhor e a senhora distante de ambos. Ao redor da casa uma escuridão, ampliando ainda mais a sensação de desconforto.

Figura 14 - Calu percebe o possível destino de seu filho



Figura 15 - Calu vai em busca de ajuda do padre



A segunda cena escolhida, a 10ª cena da obra, pode ser dividida em três momentos também: Calu indo em busca de ajuda com o padre; ela sendo levada pelo senhor que conversa com o padre sobre a situação; e, por fim, a decisão do senhor com relação ao ocorrido.

No primeiro momento, mostrado na Figura 15, seguimos com Calu em busca do padre e tentando contar o que aconteceu. Calu, acuada diante das grandes portas da Igreja enquanto espera o padre atender de forma reticente, a ouvindo com a porta entreaberta, o escondendo. Novamente D'Salete parece querer apontar no sentido que o personagem não está totalmente “aberto” a ajuda-la.

Figura 16 - O senhor conversa com o padre e busca Calu



Os primeiros quadros reforçam que o erro não foi o filho forçado ou a postura da senhora, mas sim o fato de ela ter contado ao padre. O senhor não parece feliz, vemos uma caveira de boi no quadro central à esquerda e o senhor obscurecido, se convencendo de que é assim que as coisas funcionam no quadro central à direita. No último quadro, mais amplo, o vemos rodeado pela escuridão, bebendo e segurando o chicote que prenuncia a violência que se seguirá.

Análise contextual

Quanto ao contexto interno da obra, o conto “Sumidouro”, presente no quadrinho Cumbe de Marcelo D’Saete, está inserido no Brasil colonial, durante o século XVII e XVIII, marcado pelo regime escravocrata. Nesse período, a economia brasileira era sustentada por

Na figura 16, a seguir, vemos o segundo momento, em que o senhor vai busca-la e conversa com o padre. O padre, nervoso, – com a escuridão sempre presente no quadro, como que a espreita – aconselha pela fé. No quadro abaixo, um santo segura a cruz de um lado e o bebê do outro, prenunciando que o bebê não será escolhido. Nos últimos quadros Calu se assusta com a chegada do senhor no local em que poderia estar protegida.

No terceiro momento da cena, na figura 17, uma página bem mais escura, vemos o senhor bebendo e confirmando sua decisão quanto a punição de Calu, agora de volta a fazenda.

Figura 17 - O senhor bebe e decide pela punição de Calu



engenhos de açúcar, mineração e exportação de produtos agrícolas, todos impulsionados pelo trabalho escravo, majoritariamente de africanos trazidos à força.

As condições enfrentadas pelos escravizados eram extremamente brutais. Além da exploração física, eram submetidos a castigos violentos, separação de suas famílias e desumanização constante. Contudo, mesmo sob tanta opressão, surgiram movimentos de resistência, como as fugas para os quilombos (comunidades de refugiados, como o famoso Quilombo dos Palmares) e revoltas contra os senhores de engenho e capitães do mato.

Sumidouro apresenta uma história que traz à tona esses atos de resistência e a luta pela liberdade, dando uma nova perspectiva às narrativas do período. Ao invés de romantizar a história colonial, Marcelo D'Saete dá voz aos oprimidos, humanizando suas vivências e destacando sua coragem ao mostrar um destino relativamente comum aos relacionamentos entre senhores e suas escravas.

Esse momento histórico é relevante não apenas para entender o passado, mas também para refletir sobre os impactos sociais da escravidão na formação do Brasil contemporâneo, incluindo questões de racismo estrutural e desigualdades sociais que persistem até hoje.

Quanto ao contexto externo da obra, seu momento de produção, é importante saber que a obra foi lançada em 2014, um período marcado por debates intensos no Brasil sobre identidade racial, memória histórica e desigualdades sociais. Nesse contexto, a obra surge como uma resposta artística e política às lacunas no reconhecimento das narrativas negras na história oficial do país. Em um momento em que movimentos como o Black Lives Matter²³ ganhavam força mundialmente e discussões sobre racismo estrutural emergiam no Brasil, Cumbe se conecta ao presente resgatando histórias de resistência e dando voz aos escravizados, ainda frequentemente marginalizados nas representações culturais.

Além disso, a produção da obra reflete a necessidade de reavaliar como a História é narrada e por quem é contada. D'Saete utiliza a arte sequencial para criar um diálogo visual e emocional que denuncia as brutalidades do sistema escravocrata, ao mesmo tempo em que celebra a resiliência e a humanidade de seus personagens. Assim, Cumbe carrega relevância tanto histórica quanto contemporânea.

²³ Black Lives Matter (Vidas Negras Importam, em tradução livre) é um movimento ativista internacional fundado em 2013, com origem na comunidade afro-americana, que faz campanha contra a violência direcionada às pessoas negras.

Análise Qualitativa

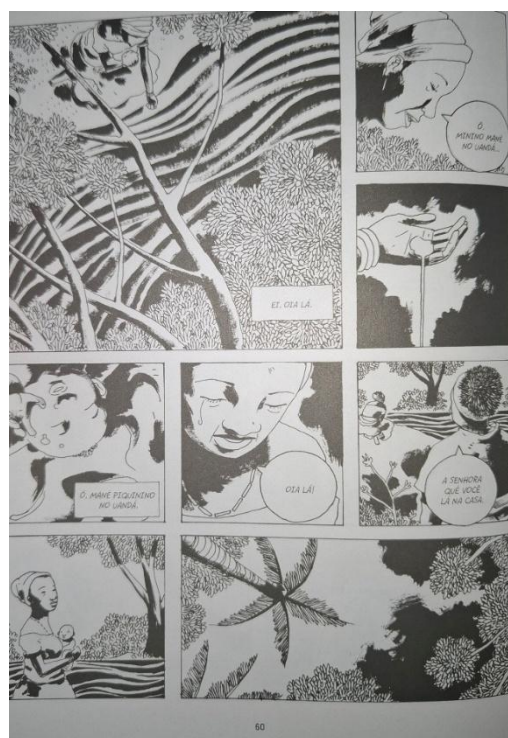
Um dos aspectos mais evidentes que podemos perceber a partir da análise da obra é a busca de D'Salete por uma reconstrução de narrativas silenciadas. O conto analisado dá voz às experiências de várias pessoas escravizadas, mulheres que passaram pela dor de serem separadas de seus filhos, filhos frutos de um abuso muitas vezes retratado de forma romantizada, na forma de um processo de miscigenação “pacífico” e “harmônico”. Essa reconstrução subverte o apagamento imposto pela historiografia hegemônica e coloca a resistência como elemento central. A obra, assim, desafia o leitor a reavaliar os relatos históricos e considerar as perspectivas daqueles que resistiram à opressão.

A própria forma como o autor decidiu por tons de preto e branco, cheio de contraste, com traços detalhados e brutos demonstra sua busca pelo realismo e seriedade quanto as situações apresentadas. Os constantes planos fechados nos rostos dos personagens destacam sua vontade de mostrar a força dos sentimentos que os moviam. A fuga de Calu e a busca por justiça na figura do padre demonstram uma das formas de resistência a opressão do sistema escravocrata, um ato de insubordinação fruto do amor pelo filho e da insatisfação com a situação em que se encontrava. Essa representação rompe com a perspectiva colonial de submissão e destaca o papel ativo dos escravizados na luta contra a exploração. Além disso, ela reafirma que a resistência é multifacetada, envolvendo tanto ações físicas quanto emocionais e culturais.

O conto “Sumidouro” também traz elementos que contrariam estereótipos visuais perpetuados por representações coloniais. Através de traços marcantes em preto e branco, D'Salete humaniza seus personagens, realçando suas emoções e complexidade. As expressões faciais e corporais comunicam o peso da opressão e a força da resistência, contrastando com representações históricas que reduziam os escravizados a caricaturas. Esse imaginário visual descolonizado é um poderoso veículo de empatia e conscientização.

Em uma página anterior a cena 9, temos uma página que evidência ainda mais elementos importantes para uma análise decolonial, verifique a Figura 18 ao lado:

Figura 18 - Calu leva seu filho a mata



Nela é posta em evidência a forte relação com a natureza que os povos africanos conservavam no Brasil. Ela desempenha um papel simbólico e funcional em *Sumidouro*. Para as personagens, ela é mais do que um ambiente; é um refúgio, uma aliada na busca pela liberdade. Florestas e rios simbolizam esperança e resistência, enquanto o ambiente opressor dos engenhos reflete a desumanização do sistema escravista. Essa relação com a natureza questiona a lógica colonial de exploração ambiental e reafirma a conexão espiritual e cultural dos povos africanos com o mundo natural.

Marcelo D'Saete celebra as raízes africanas em *Sumidouro*, valorizando práticas culturais, símbolos e narrativas que o colonialismo tentou apagar. Elementos como espiritualidade e conexão comunitária reafirmam a importância da ancestralidade e do patrimônio cultural afrodescendente. Esse resgate é uma forma de resistência contra o apagamento imposto pelo colonialismo e uma valorização da memória coletiva.

O conto expõe as brutalidades do sistema escravista, criticando diretamente as estruturas coloniais de poder e exploração. Através de cenas de violência explícita e resistência, D'Saete denuncia as práticas desumanas legitimadas pelo colonialismo. Ele também revela como a colonialidade do poder ainda ressoa no presente, perpetuando desigualdades e racismo estrutural. Essa crítica convida o leitor a confrontar não apenas o passado, mas também os resquícios dessas opressões na sociedade contemporânea.

A colonialidade não é apenas uma característica do passado; ela molda realidades atuais. *Sumidouro* traça paralelos entre a opressão histórica e o racismo estrutural contemporâneo. A obra convida o leitor a refletir sobre como as lutas pela liberdade durante o período escravista ecoam nos movimentos sociais atuais, como aqueles voltados à justiça racial. Esse diálogo entre passado e presente fortalece a relevância da narrativa para o mundo contemporâneo.

Aplicação pedagógica

O conto *Sumidouro*, do quadrinho *Cumbe*, pode ser utilizado para trabalhar diversos conteúdos, temáticas e competências do componente curricular de História, conforme os documentos oficiais do currículo brasileiro, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Aqui estão algumas sugestões (Brasil, 2018; 1997)²⁴:

²⁴ BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais** para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF.

Conteúdos e Temáticas

1. Brasil Colonial e Escravidão:

- Contexto histórico do sistema escravocrata, incluindo a economia baseada nos engenhos de açúcar e mineração.
- Condições de vida dos escravizados e as formas de resistência, como os quilombos.
- Associado à BNCC: Unidade temática "Brasil Colonial" (EF08HI06).

2. Resistência e Luta pela Liberdade:

- Movimentos de resistência dos escravizados, como fugas e revoltas.
- Conexão com a BNCC: Competência específica de História que aborda "analisar processos históricos de resistência e luta por direitos" (EF08HI07).

3. História Afro-Brasileira:

- Valorização da cultura e memória afro-brasileira, destacando a contribuição dos povos africanos na formação do Brasil.
- Relacionado à BNCC: Competência geral 9, que trata da valorização da diversidade cultural.

Competências

1. Análise Crítica de Fontes Históricas:

- Utilizar o conto como fonte para compreender narrativas históricas alternativas e silenciadas.
- BNCC: Competência específica de História "analisar diferentes fontes históricas e suas narrativas" (EF08HI01).

2. Interpretação de Processos Históricos:

- Relacionar o sistema escravista ao racismo estrutural contemporâneo.
- BNCC: Competência geral 7, que trata da análise de processos históricos e suas conexões com o presente.

3. Empatia e Reflexão Ética:

- Promover a empatia ao compreender as vivências dos escravizados e suas lutas.
- BNCC: Competência geral 10, que aborda a construção de valores éticos e cidadania.

Documentos Associados

- **BNCC:** A Base Nacional Comum Curricular enfatiza a importância de trabalhar a diversidade cultural e a história afro-brasileira como parte da formação integral dos estudantes²⁵.
- **PCN:** Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam a pluralidade cultural e a necessidade de abordar temas transversais, como ética e cidadania, no ensino de História²⁶.

Esses conteúdos e competências permitem uma abordagem interdisciplinar e crítica, conectando o passado ao presente e promovendo reflexões sobre justiça social e memória histórica. Com isso em mente vamos a elaboração de um plano de aula exemplificativo.

Como destacado no início do presente capítulo, os planos de aula seguirão a seguinte estruturação: 1. Objetivos; 2. Conteúdos; 3. Metodologias; 4. Recursos; 5. Organização do Tempo; 6. Avaliação; 7. Reflexão e Ajustes. Lembro que o objetivo deste plano e dos que se seguirão nas próximas análises não são a utilização em sala de aula propriamente dita, mas sim orientar o/a professor(a) que busca trabalhar com quadrinhos dentro desta perspectiva. Veja o quadro na próxima página:

²⁵ Acesse a BNCC nesse link: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>

²⁶ Acesse a introdução aos PCN's nesse link: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>

II – Escravidão - Contexto histórico do sistema escravocrata, incluindo a economia baseada nos engenhos de açúcar e mineração; - Condições de vida dos escravizados e as formas de resistência, como os quilombos.	- Relacionar os conceitos de nação e identidade com os processos históricos de formação de países e governos. - Ao abordar os conceitos de Estado e nação, discutir como esses elementos foram construídos em contextos coloniais para servir aos interesses das potências europeias, excluindo ou silenciando as vozes dos povos originários e africanos. - Analisar os conflitos e tensões em torno do território e da formação de Estados à luz da resistência dos povos oprimidos, como comunidades indígenas e negras, que desafiaram a imposição de fronteiras e governos coloniais. Essas resistências são exemplos de como identidades e territórios foram ressignificados fora da lógica colonial.	Debate em que grupos tenham que criar hipóteses de como os conceitos de Estado e nação foram usados para servir aos interesses das potências coloniais; pesquisa em grupos sobre as condições de vida dos africanos no Brasil durante o período colonial (casos exemplares). 4. Exposição do caso selecionado por cada grupo e debate; Exposição dialogada sobre racismo estrutural e colonialidade do saber; disponibilização do conto “Sumidouro” do livro Cumbe, digitalmente ou impressa para cada grupo para leitura. 5. Estudo dirigido com trechos selecionados do quadrinho para debater cada questão levantada a partir de cenas específicas ressaltando as formas de resistência e os traços identitários das comunidades negras que permeiam a cultura brasileira.	sobre como os conceitos de nação e Estado foram usados para servir os interesses das potências coloniais em relação aos povos submetidos; - Link com o conto “Sumidouro” do livro Cumbe em formato pdf ou cópias impressas do conto, uma para cada grupo; - Estudo dirigido montado com questões que façam referência direta a cenas do conto lido, usando o recurso visual (projeter ou imagens grandes impressas) para análise de elementos das cenas previamente selecionados e que passaram pela aplicação da Metodologia de Análise de Histórias em Quadrinhos.	planejar adaptações para aulas futuras.	4. 50 min. 5. 50 min.
--	--	--	---	--	-------------------------------------

Persépolis: uma perspectiva feminina sobre a Revolução Iraniana

O livro em quadrinhos “Persépolis” tem um total de 42 capítulos que permitem explorar uma grande variedade de elementos, por exemplo: contexto histórico e cultural, a própria narrativa e seus personagens, o estilo visual, as temáticas centrais (identidade e “diáspora”, resistência e conformismo, família e tradição, etc.), a relação entre texto e imagem, a perspectiva feminina, os elementos literários (humor, ironia e crítica social, as referências autobiográficas e gerais).

Explicitada essa riqueza, voltamos a mencionar as limitações temporais e temáticas desta pesquisa que levaram a selecionar apenas uma das cenas para a análise. A escolhida foi a cena 13, o capítulo a “A Chave”. Este capítulo está incluído na parte da obra que se foca na vida sob regime islâmico.

O capítulo aborda como ideologias autoritárias manipulam os indivíduos, especialmente os jovens, prometendo recompensas divinas como "chaves para o paraíso". Essa narrativa pode ser analisada como crítica à exploração emocional e à instrumentalização religiosa para fins políticos. A obra questiona como as promessas de honra e glória são usadas para induzir sacrifícios humanos em nome de interesses governamentais.

Além disso, "A Chave" pode ser explorado sob a perspectiva da colonialidade do poder, onde os jovens das classes mais baixas são enviados para a guerra, enquanto as elites permanecem protegidas. Essa dinâmica evidencia uma hierarquia social que reproduz desigualdades históricas. O capítulo mostra como essas práticas perpetuam sistemas de exploração, rebaixando o valor da vida humana em função de interesses de guerra.

O capítulo também critica o militarismo e a glorificação do martírio. A distribuição de "chaves para o paraíso" simboliza como o militarismo é romantizado e normalizado, especialmente em contextos de guerra. Essa crítica pode ser ampliada para discutir como os regimes autoritários utilizam propaganda para controlar populações e transformar tragédias em narrativas heroicas.

A narrativa expõe como a guerra afeta emocionalmente os jovens e suas famílias, sendo uma fonte de trauma coletivo. Analisar "A Chave" por essa perspectiva envolve discutir o impacto psicológico e social da perda de vidas, especialmente entre aqueles que são vulnerabilizados pelas condições socioeconômicas. A obra provoca reflexão sobre o sofrimento emocional em meio a cenários de manipulação ideológica.

As representações visuais de Satrapi no capítulo trazem metáforas poderosas que ampliam o impacto da narrativa. A simplicidade dos desenhos reforça a tragédia do martírio imposto às crianças. O uso simbólico da chave é central para a análise, conectando inocência, fé e exploração em uma única imagem. Essa metáfora visual pode ser usada como base para justificar o capítulo como crítica ao uso de símbolos religiosos em contextos políticos.

Feitas essas observações quanto ao valor de análise deste capítulo em particular, prossigamos com a Metodologia de Análise de Histórias em Quadrinhos. A cena recortada abrange todo o capítulo que é composto por nove páginas, lembrando que a edição brasileira²⁷ da obra não conta com numeração de páginas.

Análise Estrutural

Figura 19 - Marjane conversa com a mãe sobre os mártires

Para efeito de análise podemos dividir a cena em 5 momentos: no primeiro momento Marjane conversa com a mãe sobre os mártires da guerra entre o Irã e o Iraque; no segundo temos uma situação de rebeldia dela e outras colegas na escola sendo sarcásticas com relação ao militarismo e o “culto” aos mártires; o terceiro retrata a conversa da mãe de Marjane com a faxineira sobre o recrutamento de seu filho para a guerra; no quarto momento, temos a visita do primo Chahab que esteve no front de guerra levando a uma conversa sobre o recrutamento de crianças e jovens para a guerra e seu destino; terminando com um brevíssimo quinto momento em que a autora destaca o contraste de sua vida na época em relação a dos jovens recrutados para a guerra.



Acima, na Figura 19, temos a ilustração do primeiro momento, a conversa de Marjane com sua mãe. Nela é possível perceber algumas características marcantes do estilo visual da obra. Novamente o uso de preto e branco que cria um impacto visual profundo, com contraste que reforça a gravidade dos temas abordados. O traço simples de Satrapi é ao mesmo tempo

²⁷ A versão completa publicada pela Companhia da Letras em 2007.

expressivo e poderoso, permitindo que o leitor se concentre na mensagem em vez de distrações estéticas.

Logo no início já podemos observar o título sugestivo, a princípio desconexo com qualquer coisa que possamos associar em um primeiro momento, mas que ao longo da narrativa fica evidente, essa é uma prática recorrente da autora ao longo do livro. O primeiro quadro já nos traz a temática central do capítulo ao mostrar Marjane lendo a sessão de mártires do jornal: a Guerra Irã-Iraque no contexto da Revolução Iraniana e o impacto do contexto político na vida pessoal e coletiva dos iranianos.

Os quadros subsequentes nos mostram um diálogo sobre o número de mortos entre mãe e filha, enquanto Marjane ajuda a mãe a arrumar o cabelo. A composição dos quadros é cuidadosamente planejada, utilizando metáforas visuais para transmitir ideias complexas, como

Figura 20 - Flashback de Marjane nas aulas durante a guerra



no quadro mais à esquerda na parte inferior em que relaciona os obituários do jornal a lápides com altura semelhante a si mesma para explicitar a perda de várias pessoas como ela própria.

Já no segundo momento, como podemos ver na Figura 20, Marjane traz um flashback relacionado a conversa com sua mãe. Vemos a forma como a professora, e a escola de uma forma geral, vem tratando a guerra.

Saltam aos olhos ocidentais o hijab, as vestimentas islâmicas usadas pelas mulheres para cobrir o corpo, assim como o fato de Marjane e sua mãe não o usarem em casa.

Também vemos a forma como a escola usa de recursos nacionalistas

e patrióticos para engajar as estudantes no esforço de guerra com rituais de autoflagelação,

discursos, música. É interessante perceber como a autora usa as expressões confusas e interrogações para evidenciar que as meninas não entendem o propósito do rito de autoflagelação. As cenas da escola também nos levam a notar outra diferença proveniente da Revolução Iraniana e do estabelecimento da “República” Islâmica, a separação por gênero nas escolas, evidenciada pela ausência de meninos.

Novamente se destaca o estilo visual de "Persépolis", caracterizado pela simplicidade e uso de preto e branco, que rejeita as estéticas dominantes e detalhistas frequentemente associadas a tradições artísticas ocidentais. As imagens de violência são representadas com uma estilização que evita o explícito, mas não diminui o impacto emocional. Ao invés disso, adota uma abordagem que prioriza a clareza e a comunicação universal, desafiando as normas estéticas eurocêntricas.

A Figura 21 mostra um momento de rebeldia de Marjane e suas amigas com relação a exaltação dos mártires. Elas ironizam essa exaltação do sacrifício na guerra de forma sarcástica ao se valerem do humor para ridicularizar esses costumes. A autora dedica toda a página a esses atos de resistência. E ao serem advertidas e punidas, mostram-se unidas ante a autoridade das professoras, o que leva a uma discussão entre os pais e a diretora mais a frente.

A visão feminina de Satrapi é essencial para "Persépolis", fornecendo um olhar único sobre as experiências vividas pelas mulheres sob o regime islâmico. A obra aborda questões como o uso obrigatório do véu, a restrição de direitos e as expectativas culturais, mostrando a força e a resiliência feminina diante dessas adversidades. A narrativa é marcada por momentos de empoderamento, como as decisões corajosas de Marjane e suas familiares. Satrapi oferece uma perspectiva que desafia estereótipos, mostrando mulheres como agentes de mudança e resistência. A combinação de sinceridade e crítica torna essa abordagem poderosa e marcante.

Figura 21- Marjane e colegas ironizam a exaltação dos mártires



Figura 22 - Marjane e sua mãe conversam com a faxineira sobre a chave do paraíso



Em seguida vamos ao terceiro momento da cena, que dá nome ao capítulo. Nele vemos uma conversa entre a mãe de Marjane e a faxineira que conta sobre o interesse do filho de 14 anos no recrutamento mediante a promessa do paraíso. Satrapi dá destaque a “chave” do paraíso dada aos que tiverem a “sorte” de morrer em combate, colocando-a em um quadro central, na mão da personagem sob fundo preto. Nos últimos quadros fica evidente a frustração e tristeza da mãe que recebeu uma chave no lugar de seu filho que foi para a guerra.

Satrapi utiliza o humor como ferramenta para lidar com os temas pesados abordados em "Persépolis". A ironia e a crítica social aparecem em várias partes da obra, como na cena da

escola, expondo absurdos do regime opressor e revelando a resistência do povo iraniano. Referências autobiográficas tornam a narrativa pessoal e autêntica, enquanto elementos universais, como o sofrimento de uma mãe, permitem que leitores de diversas origens se conectem com a história. O equilíbrio entre momentos leves e intensos mantém o leitor envolvido, oferecendo percepções profundas sem perder a acessibilidade. Esses elementos literários fazem de "Persépolis" uma obra multifacetada, rica em significado e relevância.

No quinto momento da cena, acompanhamos a conversa com Chahab, primo de Marjane. Ele é apresentado nos primeiros quadros como um soldado de licença e acaba falando sobre o recrutamento de jovens para a guerra. Seu relato é ilustrado com tons escuros, enfatizando o caráter sombrio e triste que é dado a narrativa, evidenciando textualmente o absurdo do fato de colocar esses jovens em um contexto de carnificina.

O último momento da cena é apresentando com um grande quadro na parte superior, ocupando dois terços da página, em que é mostrada uma explosão com corpos sendo jogados para o ar, cada um com sua “chave” próxima, meio que dando ênfase aos pensamentos de Chahab.

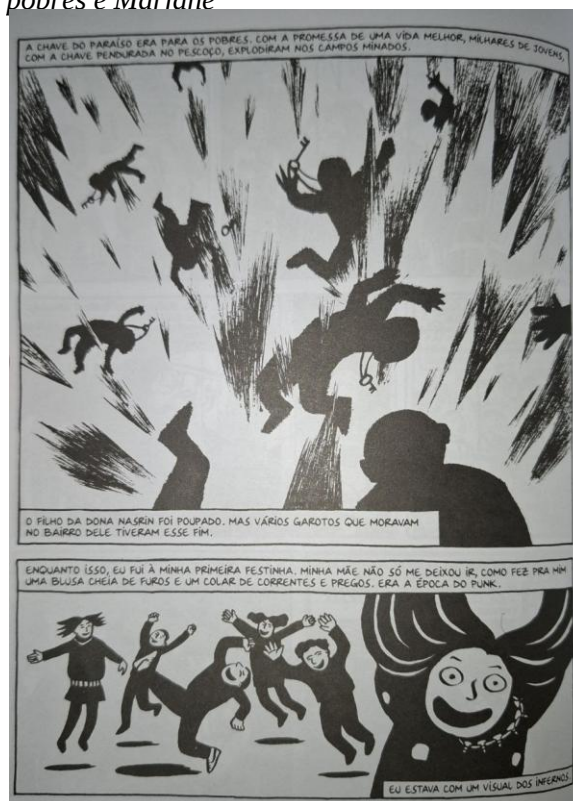
De forma contrastante, o último quadro dessa mesma página, como podemos ver na Figura 22, mostra Marjane em uma festa, destacando a diferença entre sua realidade pessoal e de outros iranianos menos favorecidos.

No primeiro quadro temos os corpos escurecidos, meio que para representar os diversos garotos como o filho da faxineira que foram seduzidos pelas promessas religiosas e financeiras da guerra. Muitos dos quais acabaram morrendo. Enquanto o segundo quadro mostra aqueles com famílias mais bem estruturadas financeiramente ou conscientes da realidade da guerra e dos discursos falaciosos recorrentes em meios políticos e religiosos.

Figura 23 - Conversa com o primo Chahab sobre o destino dos jovens na guerra



Figura 24 - Contraste entre as realidades de garotos pobres e Marjane



Análise contextual

O capítulo "A Chave" de "Persépolis" está inserido no contexto histórico da Revolução Iraniana de 1979 e da subsequente Guerra Irã-Iraque (1980–1988). Após a queda do *xá*²⁸ Reza Pahlavi, o Irã experimentou profundas transformações políticas e sociais com a ascensão do regime islâmico liderado pelo *aiatolá*²⁹ Khomeini. A revolução prometia liberdade e justiça, mas resultou na imposição de um governo teocrático autoritário que restringiu direitos e liberdades, especialmente das mulheres e de grupos opositores.

Nesse período, o Irã foi lançado em uma guerra devastadora com o vizinho Iraque, iniciada pelo então presidente iraquiano Saddam Hussein, que via no caos pós-revolução uma oportunidade para expandir sua influência e reivindicar territórios. O conflito rapidamente se tornou uma guerra de atrito, marcada por violência indiscriminada, uso de armas químicas e enormes perdas humanas.

Em "A Chave", Marjane Satrapi aborda uma prática particularmente trágica desse período: o envio de meninos pobres ao front com a promessa de "chaves para o paraíso", simbolizando um martírio glorioso. Essa prática reflete a manipulação ideológica e religiosa para alimentar a máquina de guerra. O capítulo enfatiza como o regime mobilizou narrativas religiosas para explorar os mais vulneráveis, expondo as consequências humanas de um conflito profundamente enraizado em questões políticas e históricas.

O contexto externo de "Persépolis" está conectado ao momento de sua produção, no início dos anos 2000. A obra, publicada pela primeira vez em 2000, reflete um período em que o mundo estava amplamente discutindo questões relacionadas ao Oriente Médio, especialmente após os ataques de 11 de setembro de 2001 e as subsequentes intervenções militares dos Estados Unidos na região. Nesse cenário, "Persépolis" surge como um contraponto às narrativas ocidentais simplificadoras que frequentemente estigmatizavam países como o Irã.

Satrapi utiliza sua autobiografia para oferecer uma perspectiva pessoal, rica em nuances, sobre a história iraniana e os impactos da Revolução Islâmica. A obra não apenas dá voz a experiências frequentemente silenciadas, mas também critica as generalizações que reduzem o Oriente Médio a estereótipos. A autora escolhe o formato gráfico como uma maneira acessível e inovadora de aproximar o público global de questões culturais, políticas e humanas complexas. Assim, "Persépolis" é uma resposta ao contexto global de sua produção,

²⁸ O título "xá" era usado para designar os monarcas do Irã antes da Revolução Iraniana de 1979. Ele remonta à antiga Pérsia e significa "rei" ou "imperador".

²⁹ O termo "aiatolá" refere-se a um título religioso no islamismo xiita, dado a clérigos de alta hierarquia que possuem grande conhecimento teológico e são considerados líderes espirituais.

denunciando preconceitos e promovendo uma compreensão mais empática e ampla de uma sociedade marcada por mudanças profundas e contínuas.

Análise Qualitativa

No capítulo "A Chave", Marjane Satrapi revela como o regime iraniano reproduz a lógica da colonialidade do poder ao explorar os mais vulneráveis. Meninos pobres recebem "chaves para o paraíso" como promessa de recompensas eternas caso morram no campo de batalha, enquanto os filhos das elites permanecem protegidos. Essa hierarquia interna reflete práticas coloniais em que vidas das classes populares são descartáveis em nome dos interesses de grupos dominantes. A narrativa de Satrapi critica como sistemas políticos e religiosos perpetuam desigualdades históricas ao sacrificar os marginalizados, desumanizando-os ao transformá-los em instrumentos de guerra.

O uso da religião como ferramenta de manipulação ideológica é central no capítulo. O regime iraniano, ao distribuir "chaves para o paraíso", instrumentaliza a fé para justificar a violência e reforçar seu controle sobre as massas. Essa prática ecoa estratégias coloniais de imposição cultural, nas quais ideologias dominantes são usadas para silenciar e controlar populações. Satrapi expõe como discursos religiosos são distorcidos para sustentar o poder político, desafiando narrativas que promovem conformismo e obediência inquestionáveis em nome de uma suposta salvação espiritual.

A perspectiva de Marjane, que questiona as práticas de exploração e manipulação ideológica, exemplifica a resistência contra narrativas hegemônicas. "A Chave" posiciona-se como uma forma de reivindicação de epistemologias locais, valorizando vozes que desafiam as versões oficiais da história. Ao contrastar a aceitação passiva do martírio com o olhar crítico da protagonista, demonstra que alternativas narrativas e culturais existem, resistindo à imposição de práticas opressivas. Essa abordagem, próxima da decolonialidade, oferece uma visão mais humanizada e plural da experiência iraniana.

O capítulo utiliza o simbolismo da chave como crítica ao militarismo e à exploração ideológica. A chave, que deveria abrir portas para a liberdade espiritual, torna-se símbolo de tragédia e engano. As metáforas visuais empregadas por Satrapi desconstruem hierarquias, expondo como o poder autoritário instrumentaliza símbolos religiosos para reforçar desigualdades. Ao combinar simplicidade e profundidade em suas ilustrações, ela cria um espaço visual que subverte as narrativas dominantes, desafiando a glorificação do martírio e destacando o impacto humano da violência legitimada.

Embora o foco do capítulo seja a exploração dos jovens pobres, o olhar de Satrapi como mulher revela interseções entre colonialidade e gênero. As mulheres, observadoras e críticas das práticas opressivas, ocupam um papel crucial como agentes de resistência cultural. Ao mesmo tempo, sua voz reflete como a opressão de gênero e a lógica colonial se reforçam mutuamente, limitando a capacidade de contestação de grupos marginalizados. A ausência de mulheres na tomada de decisão sobre os destinos dos jovens enfatiza a exclusão feminina das estruturas de poder.

A Chave conecta práticas opressivas locais à colonialidade global, expondo como conflitos regionais, como a Guerra Irã-Iraque, são moldados por interesses geopolíticos internacionais. A exploração dos jovens iranianos pelo regime é paralela às dinâmicas globais de desigualdade e militarização. Satrapi denuncia como sistemas políticos globais perpetuam práticas coloniais modernas, evidenciando como o Oriente Médio se torna palco de guerras que beneficiam potências externas enquanto devastam populações locais. Essa universalidade da violência torna a crítica de Satrapi uma mensagem ampla e relevante.

Aplicação pedagógica

O capítulo "A Chave" de "Persépolis" pode ser utilizado para trabalhar diversos conteúdos, temáticas e competências do componente curricular de História, alinhados aos documentos oficiais brasileiros, como na análise do livro anterior, recorro a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para trazer algumas possibilidades, dessa vez exploremos uma forma um pouco diferente de organização:

1. Conteúdos

- **Guerra Irã-Iraque:** Contexto histórico e geopolítico do Oriente Médio.

- *BNCC:* Relacionado ao objeto de conhecimento "Conflitos e tensões no mundo contemporâneo" (EF09HI08).

- **Manipulação ideológica e propaganda de guerra:** Análise de discursos e narrativas políticas.

- *BNCC:* Associado ao estudo de "Relações de poder e ideologias" (EF09HI06).

- **História das classes sociais:** Exploração das desigualdades sociais e econômicas.

- *PCN:* Enfatiza a análise das relações sociais e econômicas ao longo do tempo.

2. Temáticas

- **Impactos da guerra na sociedade:** Reflexão sobre as consequências humanas e sociais dos conflitos armados.

- *BNCC:* Relacionado à temática "Impactos das guerras no século XX e XXI" (EF09HI08).

- **Religião e política:** Uso da religião como ferramenta de controle social.

- *BNCC:* Conexão com "Relações entre religião, política e sociedade" (EF09HI06).

- **Direitos humanos e cidadania:** Discussão sobre a exploração de populações vulneráveis.

- *PCN:* Alinha-se à valorização da cidadania e dos direitos humanos como temas transversais.

3. Competências

- **Análise crítica de fontes históricas:** Desenvolver a capacidade de interpretar narrativas históricas e visuais.

- *BNCC:* Competência específica de História: "Compreender acontecimentos históricos e relações de poder para analisar e intervir no mundo contemporâneo" (Competência 1).

- **Reflexão sobre desigualdades sociais:** Identificar e problematizar as relações de poder e exclusão social.

- *BNCC:* Habilidade EF09HI06: "Analisar as relações de poder e as desigualdades sociais em diferentes contextos históricos".

- **Interpretação de narrativas visuais:** Explorar o uso de imagens como fontes históricas.

- *PCN:* Incentiva o uso de diferentes linguagens e registros para a compreensão histórica.

A partir do capítulo "*A Chave*" podemos abordar esses elementos de forma interdisciplinar e crítica, promovendo reflexões sobre história, sociedade e cidadania. Agora vejamos uma possível forma de usá-los em um plano de aula.

LOGO INSTITUCIONAL	PLANO DE AULA - PROJETO _____ / ____ / ____ Instituição de Ensino: _____ Docentes: _____ Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.				
CONTEÚDOS	OBJETIVOS	DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO	RECURSOS	AVALIAÇÃO	CRONOGRAMA
GUERRA IRÃ-IRAQUE I – Contexto histórico e geopolítico do Oriente Médio - Impactos da guerra na sociedade: Reflexão sobre as consequências humanas e sociais dos conflitos armados; - Manipulação ideológica e propaganda de guerra: Análise de discursos e narrativas políticas; - Religião e política: Uso da religião como ferramenta de controle social. II – História das classes sociais e Direitos Humanos	- Análise crítica de fontes históricas: Desenvolver a capacidade de interpretar narrativas históricas e visuais; - Interpretação de narrativas visuais: Explorar o uso de imagens como fontes históricas; - Compreender acontecimentos históricos e relações de poder para analisar e intervir no mundo contemporâneo; - Analisar as relações de poder e as desigualdades sociais	1. Abertura: apresentação do projeto de leitura de quadrinhos; Exposição dialogada para contextualização histórica e geopolítica quanto ao Oriente Médio; Guerra Irã-Iraque (causas, cronologia, acontecimentos chave, consequências); Leitura de capítulos selecionados do livro “Persépolis” (Introdução, O véu, A sela de água, Persépolis, A festa, A viagem, A chave) para casa. 2. Reconto dos trechos lidos com slides e debate com questões geradoras escolhidas previamente (orientadas para a discussão das temáticas: propaganda de guerra, relação entre religião e política,	- Computador - Uso do livro didático escolar para trabalhar os conflitos no Oriente Médio. - Uso de slides (projutor) para tratar contextualização histórica e geopolítica, mostrar trechos do quadrinho e apresentar as questões geradoras do debate e as situações de referência para o estudo dirigido; - Link com os trechos selecionados do	- Verificar a capacidade de interpretação de fontes e narrativas visuais, além da capacidade de associação com assuntos previamente estudados; - Observar se os estudantes foram capazes de identificar problemáticas provenientes das desigualdades sociais, elaborar suas problematizações e os associar com os direitos humanos ao propor soluções;	1. 50 min. 2. 50 min.

- Exploração das desigualdades sociais e econômicas (paralelo entre questões trabalhistas na Era Vargas, impactos nas relações de poder e nas dinâmicas sociais, comparativo com a situação das classes sociais no Irã); - Discussão sobre a exploração de populações vulneráveis (relacionar o uso de narrativas religiosas e ideológicas no Irã e no Brasil da Era Vargas).	em diferentes contextos históricos; - Reflexão sobre desigualdades sociais: Identificar e problematizar as relações de poder e exclusão social (questionar as estruturas que mantêm hierarquias sociais, econômicas e culturais).	interpretação de fontes históricas e narrativas visuais). 3. Exposição dialogada sobre a divisão de classes sociais no Irã e no Brasil e direitos humanos; Estudo dirigido em grupos explorando a identificação de desigualdades sociais e seus problemas a partir de situações reais escolhidas previamente em discussões no grupo e exposição das considerações de cada grupo com propostas de intervenção associadas aos direitos humanos; entregar uma síntese escrita das conclusões do grupo na aula seguinte.	“Persépolis” em formato pdf ou cópias impressas, uma para cada grupo.	- Momento posterior as aulas, geralmente em coordenações para análise dos estudos dirigidos e tomar notas das dinâmicas que funcionaram ou não durante as aulas, além de planejar adaptações para aulas futuras.	3. 50 min.
---	---	--	--	---	-------------------

Palestina: uma narrativa sobre o impacto da ocupação Israelense

O livro “Palestina” de Joe Sacco está organizado em 9 capítulos, podemos aproveitá-lo de diversas formas, para citar algumas: por sua estrutura narrativa e fragmentação (uma descolonização da cronologia), a fusão entre os formatos jornalístico e de quadrinhos (um ato de resistência cultural), a perspectiva única do narrador (a posição do “estrangeiro reflexivo”), o uso de preto e branco (o contraste da resistência), sua riqueza enquanto representação cultural e política (descolonização da identidade palestina na literatura ocidental), o impacto visual da obra (como forma de subversão da estética colonial), os diálogos e depoimentos apresentados (colocando vozes marginalizadas no centro).

Dada a impossibilidade de analisar toda a obra tendo em vista o escopo da pesquisa, será feita a análise apenas do capítulo 5 – mais especificamente uma cena do capítulo que foca no movimento das mulheres palestinas. Tal cena se estende da página 133 até a 140, mas primeiro trataremos um pouco do capítulo como um todo.

O capítulo 5 de “Palestina”, oferece uma visão interessante sobre as consequências da ocupação israelense, destacando histórias individuais e coletivas que revelam as realidades políticas e sociais do conflito. Sua estrutura narrativa, que mistura jornalismo investigativo com arte visual, e suas escolhas estéticas reforçam o impacto emocional da obra. Este capítulo é uma peça útil para desconstruir narrativas dominantes e colonialistas, ao mesmo tempo que notabiliza a resistência e a resiliência das pessoas retratadas.

No capítulo, Sacco mostra de forma um pouco mais aprofundada o impacto das políticas israelenses nos territórios palestinos ocupados. Temos as desigualdades e injustiças estruturais como um reflexo direto do colonialismo sendo colocadas em destaque. Este capítulo oferece uma oportunidade para examinar como as narrativas individuais são vinculadas ao contexto político mais amplo.

Sacco combina a investigação jornalística com os relatos das pessoas comuns. O capítulo dá voz a indivíduos que vivenciam diretamente as consequências da ocupação. Esse aspecto reforça a importância de utilizar a narrativa gráfica como meio para amplificar vozes frequentemente marginalizadas pelas grandes mídias.

Este capítulo permite uma análise de como “Palestina” desconstrói as narrativas ocidentais e coloniais que frequentemente retratam o conflito de forma superficial ou tendenciosa. Sacco apresenta nuances que rompem com visões binárias e simplistas, oferecendo uma justificativa para análise baseada na desconstrução de estereótipos.

As escolhas estéticas feitas por Sacco — como o uso de linhas intensas, sombras profundas e composições densas — podem ser justificadas como uma ferramenta para transmitir o peso emocional e psicológico da ocupação. É possível analisar como os elementos visuais criam uma atmosfera de tensão e desesperança, ampliando a mensagem política do capítulo.

Aqui temos o realce de aspectos fundamentais da identidade palestina e da resistência cotidiana frente à ocupação. É possível perceber que há uma tentativa honesta nos esforços de Sacco para capturar a dignidade e a luta pela sobrevivência das pessoas representadas, mesmo diante da opressão sistemática.

Análise Estrutural

O capítulo 5 de “Palestina” inicia com Sacco indo para *Ramallah* indo atrás de ação para o quadrinho, esta é a primeira cena do capítulo. Lembro que faremos análise apenas de uma das 4 cenas que compõem o capítulo: a primeira é a já mencionada ida a *Ramallah* e sua conversa rápida com uma palestina vinda de Chicago; a segunda é o começo de sua estadia em *Hebron*, quando ele arranja uma matéria de um tiroteio; a terceira cena, o foco da presente análise, é seu encontro com o movimento das mulheres palestinas; e a quarta e última cena, uma conversa entre “caras”.

A cena em questão pode ser dividida em 3 momentos: o primeiro é a espera pelo encontro com as mulheres da Federação e a discussão sobre o caso de uma jovem com problemas no casamento; o segundo, é uma conversa sobre a situação da Federação Palestina de Comitês de Mulheres (FPCM) e das mulheres palestinas como um todo; o terceiro e último momento, trata de algumas conversas com palestinas com relação ao hijab (o véu, vestimenta tradicional mulçumana para mulheres).

Na figura 25 podemos ver Joe aguardando sua vez de falar com as mulheres da FPCM enquanto vê uma adolescente e sua mãe saindo. Já nesse quadro inicial podemos notar algumas peculiaridades da narrativa de Sacco: o formato dos quadrinhos parece intensificar a experiência jornalística ao “dar vida” ao que de outra forma seria apenas lido (textualmente), as ilustrações muitas vezes capturam expressões faciais, gestos e ambientes de forma que palavras sozinhas não conseguiriam.



Figura 26 - Sacco aguarda sua vez de conversar e escuta sobre a situação de uma jovem palestina

com as próprias falas das mulheres, novamente reforçando o caráter jornalístico de seu quadrinho. Sacco faz uso de metáforas visuais e arte sequencial para ajudar o leitor a compreender o contexto de maneira mais emocional e visual na medida em que vai intercalando as falas das mulheres com situações que remetem ao que está sendo dito (busca pela autonomia financeira, o apego as tradições) como podemos observar nas Figuras 26 e 27.

Novamente se destaca o uso de preto e branco que pode ser interpretado como um reflexo da dualidade do conflito (bem/mal, vida/morte). Ao mesmo tempo, essa escolha remove distrações, direcionando o foco para os detalhes das expressões

Nos quadros seguintes nos familiarizamos com a situação da jovem do quadro anterior que vem tendo problemas em seus casamentos, no primeiro (aos 14 anos) se divorciou após ter problemas com o marido e no segundo (agora aos 15) foi agredida e voltou para a casa da mãe com o filho do casamento anterior. Podemos perceber mais um elemento da estruturação narrativa usada pelo autor que recorrentemente interrompe ou muda o foco da narrativa. Essas transições ajudam a enfatizar o caos e a complexidade da situação dos vários conflitos que envolvem a palestina (dos militares aos socioculturais).

Após o início do segundo momento, as mulheres da FPCM explicam a situação geral das mulheres palestinas. Aqui temos uma longa sequência de falas mesclando as sínteses de Sacco

Figura 25 – Mulheres da FPCM conversam com Sacco



Figura 29 - Sacco conversa com várias palestinas sobre o *hijab*



Já na Figura 29, é possível ver suas próximas interações com palestinas mais comuns, nota-se uma grande diversidade de posicionamentos com relação ao uso do *hijab*. As que o usam por fé, por aceitação social, nacionalismo, proteção, mesmo as que não o usam o tempo todo, ainda o adotam em muitas situações.

Ao mostrar essa diversidade de posições e motivações, Sacco humaniza as palestinas, apresentando suas histórias individuais em vez de reduzi-las a estatísticas ou estereótipos. Ele inclusive expõe sua própria dificuldade de entender essa diversidade de posições e sua vontade de ter fé em algo, essas experiências pessoais contribuem para a empatia do leitor em relação aos palestinos como um todo e ao próprio autor.

Análise contextual

O capítulo 5 de *Palestina*, de Joe Sacco, está situado no contexto histórico dos anos 1990, um período de intensa tensão política e social na região. A Palestina vivia sob ocupação israelense, que havia se intensificado após a Guerra dos Seis Dias em 1967, quando Israel tomou o controle da Cisjordânia e da Faixa de Gaza. Essa ocupação trouxe consigo uma série de políticas que afetaram profundamente a vida dos palestinos, incluindo deslocamento de populações, construção de assentamentos israelenses e restrições severas à mobilidade.

Na época retratada no quadrinho, a Primeira Intifada estava no centro dos acontecimentos. Este levante popular palestino, iniciado em 1987, foi uma resposta às décadas de ocupação militar e às injustiças sociais e econômicas impostas à população local. Caracterizada por protestos, greves e confrontos com as forças de segurança israelenses, a Intifada revelou ao mundo a resistência e a luta dos palestinos por sua autodeterminação. Os relatos pessoais e entrevistas presentes no capítulo capturam as consequências dessa realidade: o impacto na vida cotidiana, as dificuldades econômicas e a constante sensação de insegurança.

Nesse cenário, Sacco aborda as nuances desse conflito, humanizando as histórias individuais e desconstruindo as narrativas hegemônicas que frequentemente despersonalizavam os palestinos no discurso global.

Quanto ao seu contexto externo (momento de criação), Joe Sacco produziu “Palestina” durante a primeira metade dos anos 1990, em um período marcado por intensos debates globais sobre direitos humanos e as consequências de ocupações militares. Na época, o conflito Israel-Palestina estava atraindo maior atenção da comunidade internacional, especialmente após os impactos visíveis da Primeira Intifada (1987–1993), que colocou as condições dos palestinos sob os holofotes mundiais. Esse contexto influenciou diretamente a obra, que emerge como uma tentativa de documentar as realidades vividas pelos palestinos sob ocupação israelense, oferecendo um olhar alternativo ao discurso midiático predominante.

O período de produção de “Palestina” também coincidiu com um crescente interesse na fusão entre jornalismo e formas narrativas visuais, como os quadrinhos. Sacco utilizou essa abordagem inovadora para destacar narrativas marginalizadas em um mundo onde vozes do Sul Global frequentemente eram silenciadas ou estereotipadas. Sua decisão de escrever e ilustrar a *graphic novel* reflete um compromisso de denunciar injustiças e trazer à tona as histórias invisibilizadas.

Além disso, “Palestina” foi produzido em um momento em que o jornalismo estava começando a ser questionado em relação à sua imparcialidade e representatividade. Sacco, como autor e personagem, explora essas tensões, lançando luz sobre como interpretações externas podem influenciar a percepção de conflitos locais e globais.

Análise Qualitativa

Joe Sacco amplifica as vozes dos palestinos que são frequentemente ignoradas ou distorcidas por narrativas midiáticas ocidentais. No capítulo 5, ele apresenta relatos pessoais de indivíduos que vivem sob ocupação, oferecendo uma janela para suas realidades e dores. Essas histórias resistem à prática colonial de falar sobre os povos ocupados, priorizando a autenticidade de suas próprias narrativas. Ao dar espaço a essas vozes, Sacco desconstrói estereótipos e combate a desumanização frequentemente promovida por discursos hegemônicos.

No capítulo, Sacco utiliza o preto e branco e sombras marcantes para construir uma atmosfera que não idealiza nem romantiza o sofrimento dos palestinos. As ilustrações não “exotizam” a realidade, mas capturam sua crueza e densidade emocional. A ausência de cores vibrantes elimina distrações, direcionando o foco para as condições concretas da ocupação.

Essa escolha estética pode ser interpretada como uma abordagem decolonial, ao rejeitar tradições visuais que frequentemente colocam os palestinos como objetos de consumo exótico.

Há uma quebra das narrativas coloniais predominantes que justificam a ocupação. No capítulo, o autor apresenta os impactos da ocupação sobre os palestinos com um olhar sensível, mostrando não apenas a opressão, mas também a resistência. Ao evitar retratos maniqueístas ou simplistas, ele confronta interpretações eurocêntricas que frequentemente obscurecem as dinâmicas complexas do conflito. Essa subversão questiona as bases das narrativas coloniais e reorienta o foco para as experiências dos colonizados.

Os territórios palestinos são representados no capítulo como símbolos da opressão colonial. Sacco detalha a deterioração dos espaços físicos, as barreiras impostas à mobilidade, assim como as paisagens marcadas pela presença militar. Esses elementos ilustram como o colonialismo opera no controle do espaço e do movimento. A maneira como ele retrata esses territórios transforma o ambiente em um testemunho visual do colonialismo, ao mesmo tempo que captura atos simbólicos e práticos de resistência.

O autor explora como as práticas diárias dos palestinos são, em si, atos de resistência contra a desumanização da ocupação. Desde o trabalho até as interações familiares, o capítulo analisado mostra como a sobrevivência em um sistema opressor carrega um significado político. Ao destacar esses momentos, ele rejeita a ideia de que a resistência precisa ser grandiosa ou violenta, enfatizando a importância da resiliência como uma forma poderosa de lutar contra o colonialismo.

Joe Sacco se coloca como um mediador entre o leitor e as vozes palestinas, reconhecendo as limitações de sua posição como um estrangeiro. No entanto, ele tenta minimizar essas barreiras ao centralizar as histórias dos palestinos em suas próprias palavras. Essa postura reflexiva desafia a dinâmica colonial que normalmente privilegia o ponto de vista do narrador externo. A consciência dele sobre sua posição demonstra um esforço para respeitar a agência narrativa dos colonizados.

O capítulo 5 destaca as múltiplas formas de violência que permeiam a vida sob ocupação, desde as barreiras físicas até a violência simbólica que reforça desigualdades estruturais. A *graphic novel* torna visíveis essas formas de violência que, muitas vezes, são normalizadas ou invisibilizadas em narrativas coloniais. Sacco denuncia como o controle imposto não se limita ao campo militar, mas também afeta profundamente a economia, a cultura e a identidade dos palestinos.

Aplicação pedagógica

O capítulo 5 de “Palestina” pode ser utilizado para trabalhar diferentes conteúdos, temáticas e competências do componente curricular de História. Mantendo o alinhamento com os documentos oficiais brasileiros, volto a recorrer a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para propor algumas formas de aplicação pedagógica da obra analisada, estruturando a partir dos eixos referentes a conteúdos, temáticas e competências. Tal categorização almeja uma estruturação que facilite o planejamento das aulas.

1. Conteúdos

- **Colonialismo e resistência:** O capítulo 5 de *Palestina* permite trabalhar as dinâmicas do colonialismo contemporâneo, como o controle territorial e político imposto à Palestina, e as diferentes formas de resistência desenvolvidas pela população local.
Referência à BNCC: Habilidade (EF09HI14) - "Caracterizar e discutir as dinâmicas do colonialismo no continente africano e asiático e as lógicas de resistência das populações locais diante das questões internacionais."
- **Conflitos no Oriente Médio:** o capítulo oferece uma oportunidade de estudar o contexto histórico e geopolítico do conflito Israel-Palestina, abordando suas raízes, consequências e impacto global.
Referência ao PCN: Tema "Conflitos Mundiais e Relações de Poder" - "Analisar os conflitos contemporâneos e suas implicações globais."
- **Representações e estereótipos:** A desconstrução de imagens preconceituosas sobre os palestinos, promovida pela obra, é um conteúdo importante para compreender as narrativas culturais.
Referência ao PCN: Tema "Pluralidade Cultural" - "Compreender e valorizar a diversidade cultural e combater preconceitos e estereótipos."

2. Temáticas

- **Direitos humanos e conflitos:** A obra pode ser usada para discutir as violações de direitos humanos no contexto da ocupação e para promover reflexões sobre justiça social e autodeterminação.
Referência à BNCC: Competência Específica de História 1 - "Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos de transformação e

manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços."

- **Identidade e cultura:** O capítulo explora a preservação cultural e a identidade palestina como formas de resistência, permitindo debates sobre memória coletiva e identidade em meio ao conflito.

Referência à BNCC: Habilidade (EF08HI08) - "Analisar as relações entre memória, identidade e cultura em diferentes contextos históricos e sociais."

3. Competências

- **Análise de fontes e narrativas:** O capítulo utiliza relatos orais e visuais como fontes históricas, incentivando os alunos a compreender a produção e o significado do saber histórico.

Referência à BNCC: Habilidade (EF06HI02) - "Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades distintas."

- **Pensamento crítico e reflexivo:** A análise da obra permite desenvolver a curiosidade intelectual e questionar narrativas hegemônicas, estimulando o pensamento crítico sobre conflitos e relações de poder.

Referência à BNCC: Competência Geral 2 - "Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação histórica, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções."

Pode-se partir dessas competências para criar pontes entre a obra de Joe Sacco e os objetivos formativos do ensino de História no Brasil, ajudando os alunos a desenvolver habilidades analíticas, reflexivas e críticas. De forma semelhante as habilidades mencionadas podem ser trabalhadas com foco nos objetivos da BNCC e conectadas ao texto selecionado.

A relação entre as competências e habilidades mencionadas nos textos anteriores e o pensamento decolonial reside na forma como essas habilidades promovem uma crítica às narrativas hegemônicas, valorizam vozes marginalizadas e estimulam a construção de um pensamento histórico mais plural e inclusivo. Buscou-se fazer essa adaptação ao construir o plano de aula.

LOGO INSTITUCIONAL	PLANO DE AULA - PROJETO _____ / ____ / ____ Instituição de Ensino: _____ Docentes: _____ Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.				
CONTEÚDOS	OBJETIVOS	DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO	RECURSOS	AVALIAÇÃO	CRONOGRAMA
CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO: ISRAEL-PALESTINA I – Contexto histórico e geopolítico do conflito Israel-Palestina, abordando suas raízes, consequências e impacto global - Colonialismo e resistência: dinâmicas do colonialismo contemporâneo, como o controle territorial e político imposto à Palestina, e as diferentes formas de resistência desenvolvidas pela população local; - Direitos humanos e conflitos: violações de direitos humanos no	- Identificar a diversidade de fontes históricas, como as narrativas orais, artísticas e culturais, valorizando assim perspectivas não eurocêntricas; - Identificar e questionar desigualdades geradas por colonialismos históricos e contemporâneos; - Refletir sobre como narrativas ocidentais frequentemente distorcem ou silenciam a realidade de populações	1. Abertura: apresentação do projeto de leitura de quadrinhos; exposição dialogada para contextualização histórica e geopolítica quanto ao Oriente Médio; Conflito Israel-Palestina (causas, cronologia, acontecimentos chave, consequências) usando reportagens e notícias da mídia; leitura coletiva do prefácio do “Palestina”. 2. Estudo dirigido: separar a turma em 3 grupos para a leitura coletiva do capítulo 5, cada um com uma das cenas (a quarta junto com a terceira); pedir aos estudantes que façam um relato da leitura e identificarem a diferença entre as notícias e reportagens da	- Computador - Uso do livro didático escolar para trabalhar os conflitos no Oriente Médio. - Uso de slides (projektor) para mostrar trechos do quadrinho e de notícias veiculadas pela mídia sobre o conflito Israel-Palestina; - Link com o capítulo 5 e prefácio do “Palestina” em formato pdf e cópias impressas de cada cena do capítulo, uma para cada grupo.	- Tomar nota das diferenças identificadas pelos estudantes entre os diversos tipos de fontes observados; - Observar sua capacidade de análise crítica e questionamento quanto à ocupação da Palestina, violação de direitos humanos, estereótipos e formas de resistência ao ouvir suas opiniões quanto ao relato do estudo dirigido e análises escritas; - Momento posterior as aulas, geralmente	1. 50 min. 2. 50 min.

contexto da ocupação e justiça social e autodeterminação; II – Representações e estereótipos - Desconstrução de imagens preconceituosas sobre os palestinos, narrativas culturais; - Identidade e cultura: identidade cultural e a identidade palestina como formas de resistência, memória coletiva e identidade em meio ao conflito.	colonizadas, como os palestinos; - Compreender as dinâmicas de poder que perpetuam opressões e os movimentos de resistência que as contestam e valorizar as estratégias de resistência das populações subjugadas; - Analisar a construção da memória coletiva palestina, bem como sua relação com a resistência cultural em meio à ocupação, desconstruir visões estereotipadas e reconhecer a agência histórica dos palestinos.	mídia e os relatos do quadrinho expondo suas opiniões sobre o assunto. 3. Analisar a cena 3 (p. 133 a 140 do “Palestina”) com os estudantes, enquanto revisitam esse trecho do capítulo 5 com slides, destacando a desconstrução de estereótipos e as formas de resistência das mulheres palestinas; fazer um debate a partir de tópicos pré-estabelecidos (analisar: estereótipos, formas de resistência, elementos identitários) a partir de momentos/acontecimentos da história lida. Pedir aos estudantes que escolham um dos momentos comentados no debate e para escrever sua análise sobre ele e entregar na aula seguinte.		em coordenações para análise das anotações sobre o debate e estudo, além de planejar adaptações para aulas futuras tendo em vista o funcionamento ou não das atividades propostas.	3. 50 min.
---	---	--	--	---	-------------------

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desta pesquisa foi analisar as obras selecionadas a fim de propor possibilidades pedagógicas do uso das histórias em quadrinhos sob uma perspectiva decolonial, especialmente no ensino de História. Os resultados alcançados confirmam a relevância das HQs não apenas como ferramentas lúdicas, mas também como instrumentos poderosos para promover reflexões críticas sobre estruturas de poder, saberes e relações sociais.

A pesquisa apresenta contribuições significativas para os estudos acadêmicos e as práticas pedagógicas, reforçando o valor das histórias em quadrinhos como ferramentas culturais e educativas. Ao investigar o uso das HQs a partir de uma Perspectiva Decolonial, este trabalho destaca como tais narrativas podem não apenas enriquecer o ensino de História, mas também promover reflexões críticas sobre as estruturas de poder e conhecimento.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa amplia os debates sobre a utilização de materiais não tradicionais no contexto escolar, mostrando a potência das HQs em desconstruir narrativas dominantes e abrir espaço para epistemologias diversas. Além disso, oferece uma abordagem inovadora e prática, que conecta literatura, pedagogia e teorias decoloniais.

No âmbito prático, o estudo sugere estratégias para que educadores utilizem as HQs de forma mais consciente e significativa, auxiliando no desenvolvimento do senso crítico dos estudantes e na construção de uma aprendizagem mais empática e engajadora. Assim, o trabalho contribui para transformar os quadrinhos em ferramentas pedagógicas que promovem tanto o conhecimento quanto a autonomia dos estudantes em suas trajetórias educacionais.

As implicações teóricas e práticas desta pesquisa são amplas e significativas, especialmente no campo educacional. Ao integrar metodologias como a Análise de Conteúdo e o Método de Análise de Histórias em Quadrinhos de Márcia Tavares Chico com a Perspectiva Decolonial, o estudo demonstra como as histórias em quadrinhos podem transcender sua função de entretenimento e se transformar em poderosas ferramentas pedagógicas. Essa pesquisa entrega como principal fruto uma proposta metodológica de trabalho pedagógico com HQ's em uma Perspectiva Decolonial. Em síntese esta proposta metodológica consiste em:

1. **Selecionar quadrinhos decoloniais**, narrativas gráficas que possibilitem desconstruir as perspectivas eurocêntricas e hegemônicas, promovendo representações que valorizam culturas, saberes e vozes marginalizadas ou historicamente silenciadas. Esses quadrinhos questionam as estruturas de poder que perpetuam a colonialidade, seja por meio de temas, personagens, estilos artísticos ou abordagens narrativas. Eles podem abordar questões como identidade cultural, resistência à opressão, impacto do imperialismo, ou promover epistemologias locais.

Frequentemente, utilizam metáforas visuais e críticas sociais para desafiar estereótipos e apresentar histórias sob um olhar plural e inclusivo. Obras como essas incentivam reflexões críticas sobre desigualdades e relações históricas globais.

2. Submeter a(s) obra(s) escolhida(s) ao Método de Análise de Conteúdo, o que significa seguir um processo sistemático de categorização e interpretação. Primeiro, defina os objetivos da análise, como identificar símbolos que criticam a colonialidade ou destacar vozes marginalizadas. Depois, estabeleça categorias de análise, como representação de identidade cultural, resistência ideológica ou epistemologias locais. Em seguida, selecione unidades de registro (textos e imagens) que exemplifiquem essas categorias. Classifique os dados em função dessas categorias, buscando padrões e contrastes. Por fim, interprete os resultados considerando o contexto de produção da obra e suas intenções narrativas. Esse método permite uma leitura crítica e detalhada, ampliando o impacto decolonial do quadrinho.

3. Escolher as unidades de registro e categorias que deseja trabalhar e aplicar nos respectivos trechos da obra o Método de Análise de Histórias em Quadrinhos de Márcia Tavares Chico. Para isso deve seguir 3 etapas principais: análise estrutural, que examina elementos visuais, como balões e composição, e seu impacto na narrativa; análise contextual, que considera o contexto interno (eventos e personagens da obra) e externo (período de produção e intenções do autor); e análise qualitativa, que interpreta os dados sob enfoques específicos, como a Perspectiva Decolonial. Esse processo permite uma interpretação interdisciplinar e crítica da obra.

4. Fazer seu planejamento aplicando os conhecimentos adquiridos nas etapas anteriores. Elabore um plano de aula ou sequência didática, para isso considere conteúdos, objetivos, metodologias (estratégias pedagógicas), recursos, forma de avaliação e o tempo disponível para cada etapa de sua(s) aula(s). Para construir esse planejamento é necessário consultar os aparatos curriculares que estiverem a disposição (PCN's, BNCC, outros currículos regionais ou institucionais) e adaptar os conteúdos e objetivos (competências/habilidades) curriculares aos conhecimentos advindos das análises feitas previamente, sem perder de vista a Perspectiva Decolonial e os quadrinhos que deseja utilizar. É essencial que as estratégias escolhidas permitam uma construção do conhecimento pautada na prática dialógica, senso crítico/reflexivo e ludicidade (momento de vivência plena).

Teoricamente, o trabalho reforça a importância de conectar epistemologias diversas às práticas educacionais, incentivando uma abordagem que valorize saberes não tradicionais e critique as estruturas coloniais persistentes. Praticamente, a pesquisa oferece aos educadores estratégias concretas para utilizar HQs no ensino de História, promovendo o engajamento e o

senso crítico dos estudantes. Essas práticas não apenas facilitam a aprendizagem de conteúdos históricos, mas também ajudam os estudantes a refletirem sobre sua posição social e cultural, questionando e ressignificando o papel do conhecimento tradicional. Com isso, a pesquisa aponta para um uso pedagógico das HQs que seja mais consciente, inclusivo e alinhado a uma visão dialógica e decolonial, proporcionando um ensino que valorize tanto a autonomia quanto a criatividade dos estudantes.

A análise das obras “Cumbe” de Marcelo D'Saete, “Persépolis” de Marjane Satrapi e “Palestina” de Joe Sacco revelou como essas narrativas, além de desmistificar estereótipos, oferecem janelas para compreender a colonialidade do poder, do saber e do ser em contextos distintos. Dessa forma, a pesquisa mostra que as HQs possuem potencial para transcender abordagens didáticas tradicionais, favorecendo práticas educativas que priorizam a autonomia, a criatividade e a conexão entre os estudantes e suas realidades socioculturais. As análises feitas destacam o papel das HQs em fortalecer uma pedagogia do diálogo e decolonial, que vai além da mera transmissão de conteúdos, engajando os estudantes em um processo significativo de desconstrução e construção do conhecimento.

Sobre “Cumbe”, é uma obra profundamente significativa que resgata narrativas apagadas, humaniza os escravizados e denuncia a violência do sistema colonial. Através de traços visuais impactantes e temas de resistência, liberdade e ancestralidade, a obra oferece uma perspectiva decolonial que desafia as histórias eurocêntricas. Além de um testemunho histórico, Cumbe dialoga com o presente, abordando questões como o racismo estrutural e a luta por justiça social. O conto “Sumidouro resgata narrativas de resistência e sofrimento, explorando a conexão dos personagens com a natureza como símbolo de liberdade e refúgio. “Sumidouro” personifica a luta pela sobrevivência e dignidade, ao mesmo tempo em que critica diretamente as hierarquias coloniais. Seu impacto visual e narrativo oferece uma visão poderosa da opressão histórica e de sua ressonância nos dias atuais, tornando-se um capítulo que encapsula os temas centrais da obra com intensidade emocional e histórica admiráveis. Analisar essa narrativa permitiu uma reflexão crítica e dialógica, conectando passado e presente para reimaginar um futuro mais inclusivo e consciente. É uma contribuição indispensável para memória e educação.

Já “Persépolis” é uma obra que transcende sua narrativa autobiográfica, promovendo reflexões sobre desigualdades, manipulação ideológica e resistência cultural. Explorando os impactos da colonialidade do poder, a relação entre religião e política e as consequências da guerra, ela oferece uma visão única do Irã, desafiando estereótipos e narrativas hegemônicas. O capítulo “A Chave” sintetiza esses elementos ao revelar a exploração dos mais vulneráveis no contexto de guerra, abrindo espaço para debates sobre história, cidadania e diversidade. Usá-

lo em sala de aula permite conectar o passado ao presente, promovendo um olhar crítico e decolonial indispensável para a educação contemporânea.

O que dizer sobre “Palestina”? A obra se destaca como uma poderosa graphic novel que combina jornalismo investigativo e arte sequencial para retratar o conflito Israel-Palestina sob uma perspectiva humana e crítica. Por meio de relatos pessoais e ilustrações detalhadas, o autor desafia narrativas hegemônicas e descoloniza a representação das experiências palestinas. A obra humaniza seus protagonistas, dando voz às histórias frequentemente silenciadas, enquanto denuncia as dinâmicas opressoras de uma ocupação colonial. Seu caráter inovador transcende fronteiras, transformando a narrativa gráfica em uma ferramenta de resistência e reflexão. No capítulo 5, Sacco aprofunda a vivência cotidiana dos palestinos sob ocupação, explorando os impactos diretos da violência estrutural e simbólica. Ele dá destaque às vozes marginalizadas e aos atos de resistência diários, como formas de reafirmação da identidade e da dignidade. Esse capítulo sintetiza a força da obra, conectando experiências individuais a questões universais de opressão e justiça.

Apesar do sucesso em alcançar os objetivos da pesquisa, é importante reconhecer as limitações que marcaram esse estudo. Os dados analisados, embora cuidadosamente selecionados, restringiram-se a três histórias em quadrinhos específicas: “Cumbe”, “Persépolis” e “Palestina”. Essa escolha, embora estratégica, pode limitar a amplitude das conclusões, já que outras obras poderiam oferecer perspectivas distintas ou complementares dentro da abordagem decolonial e pedagógica. Além disso, o foco na aplicação pedagógica das HQs no ensino de História não explorou plenamente possibilidades em outras disciplinas ou contextos educativos, como Literatura ou Geografia.

Do ponto de vista metodológico, a abordagem escolhida pode ter implicado na exclusão de outros métodos de análise que poderiam enriquecer os resultados. Por fim, a colonialidade do saber, assim como outros aspectos da colonialidade, sendo temáticas complexas e vastas, podem não ter sido inteiramente explorada dentro das limitações temporais e acadêmicas de uma dissertação. Estas críticas e limitações, longe de enfraquecer o trabalho, oferecem oportunidades claras para futuras pesquisas, ampliando os horizontes teóricos e práticos iniciados aqui.

Os resultados dessa pesquisa abrem caminhos promissores para investigações futuras em várias áreas e educativas. Em primeiro lugar, percebe-se a necessidade de aprofundar o uso das histórias em quadrinhos no ensino de outras disciplinas, como Geografia, Literatura e Ciências Sociais, aproveitando seu potencial para integrar narrativas visuais com conteúdos acadêmicos complexos. Além disso, outras HQs, especialmente algumas de caráter marginal

(fora do “mainstream”³⁰) podem ser incluídas em estudos futuros, explorando narrativas de diferentes origens culturais e enfoques artísticos, ampliando a diversidade de perspectivas decoloniais.

Outra possibilidade é investigar como os quadrinhos podem ser utilizados para discutir questões contemporâneas, como sustentabilidade, justiça social e direitos humanos, conectando os temas trabalhados às realidades dos estudantes. Finalmente, considerando a influência das HQs como fenômeno global, há um campo fértil para examinar seu impacto em contextos educacionais de diferentes culturas e países, propondo análises comparativas que evidenciem as particularidades e as convergências. Estas pesquisas futuras poderiam ajudar a solidificar ainda mais o papel das HQs como ferramentas poderosas e transformadoras na educação.

Além disso, abre-se também a possibilidade de um estudo mais abrangente, com mais tempo e recursos, que leve essa proposta de trabalhos com HQs em uma Perspectiva Decolonial para formações docentes e explore sua aplicabilidade a partir de docentes multiplicadores. Isto viabilizaria a coleta de informações sobre a vivência tanto do curso de formação, quanto dos resultados práticos da aplicação dessa metodologia de trabalho com quadrinhos na prática escolar do dia-a-dia.

Essa dissertação representa mais do que uma análise acadêmica; é um convite para repensar práticas educativas e culturais por meio do uso das histórias em quadrinhos e da Perspectiva Decolonial. Ao longo desse trabalho, ficou evidente que as HQs são ferramentas extraordinárias e poderosas, capazes de transcender seu papel de entretenimento e provocar reflexões críticas sobre estruturas de poder, saberes e identidades. Essa abordagem não apenas valoriza os quadrinhos enquanto arte, mas também como instrumentos que humanizam e conectam os estudantes às suas e outras realidades sociais e históricas.

Ao propor o uso das HQs no ensino de História alinhado a uma pedagogia decolonial, a pesquisa reforça a importância de construir um ambiente educativo que promova a criatividade, o senso crítico e a autonomia dos estudantes. Acima de tudo, este trabalho busca transformar a relação dos estudantes com o conhecimento, mostrando que o aprendizado pode ser envolvente, significativo e libertador. Os esforços aqui realizados reafirmam o papel da educação como um espaço de resistência, inovação e, principalmente, como uma ferramenta para regenerar vidas e visões de mundo em um contexto marcado pela colonialidade.

Quanto ao produto técnico, são apresentados alguns materiais de suporte para o trabalho com quadrinhos a partir dessa perspectiva e metodologia construídos ao longo da pesquisa e

³⁰ Tendência ou moda principal dominante.

organizados na forma de um guia de apoio para o preparo e planejamento da Proposta Metodológica de Trabalho de Pedagógico com HQs em uma Perspectiva Decolonial: sendo a primeira parte, as tabelas de esquemas de cenas de cada quadrinho analisado, em que foi feita a síntese da análise das unidades de registro; e a segunda, os modelos de planos de aula elaborados para cada uma das cenas escolhidas. A intenção é que ambos os materiais sirvam de referência para quem desejar trabalhar esses ou outros quadrinhos passíveis a escrutínio decolonial em sala de aula a partir dessa proposta metodológica desenvolvida durante a pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, T. T.; GOMES, N. D. S. **A Ideologia nas Histórias em Quadrinhos**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2014.
- ARIAS, P. G. CORAZONAR EL SENTIDO DE LAS EPISTEMOLOGÍAS DOMINANTES DESDE LAS SABIDURÍAS INSURGENTES, PARA CONSTRUIR SENTIDOS OTROS DE LA EXISTENCIA. **Calle14: revista de investigación en el campo del arte**, p. 80-94, 2010.
- BADIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, J. D. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais** para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF.
- BRENZEL, J. Por que os super-heróis devem ser bons? Os quadrinhos e o anel de Gíges. In: WILLIAN IRWIN (COORD.) **Super-Heróis e a Filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático**. São Paulo : Madras, 2005. p. 145-156.
- CAÑETE, L. S. C. **O DIÁRIO DE BORDO COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO CRÍTICA DA PRÁTICA DO PROFESSOR**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (Dissertação), 2010.
- CARRASCO, L. L. C.; DRINOT, P.; SCORER, J. **Cómic y memoria en América Latina**. Madrid: Cátedra, 2019.
- CARMO, J. D. S. **Aprendizagem: contribuições da Psicologia**. São Carlos: SEaD - UFSCar, 2012.
- CHARTIER, R. E. A. **A história cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.
- CHICO, M. T. Uma proposta de metodologia para a análise de histórias em quadrinhos. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, n. n. 43, p. 121-131, abril 2020.
- CUNHA, R. M. HISTÓRIA EM QUADRINHO: UM OLHAR HISTÓRICO. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, p. 1-15, 10 Julho 2013. Disponível em: <<https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/historiaemquadrinhoulharhistorico.pdf>>.
- D´SALETE, M. **Cumbe**. São Paulo : Veneta, 2018.
- DANTAS, H. J.; E PEREIRA, A. L. O uso das imagens no ensino de História. **Artigo Científico - UEPB**, Dezembro 2012.
- EVARISTO, C. A escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrivência: a escrita de nós**. Rio de Janeiro: MINA Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

FAORO, E. Guerra Fria no universo dos super-heróis.. **Projeto: Super-Heróis no contexto escolar**, 20 Junho 2010. Disponível em: <(site não está mais disponível)>.

FERREIRA, A. D. S.; CALIL, E. **Imagem e texto: criação de histórias em quadrinhos em sala de**. V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais: O Ensino em Foco. Caxias do Sul: Universidade Federal de Alagoas. 2009. p. 1-23.

FERREIRA, K. A. A. **Decolonialidade Quadrinística na Educação em Ciências: um olhar para heróis de Histórias em Quadrinhos brasileiras**. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, A. L. S. D. Enseñar y Aprender (Verbete). In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 149-151.

GOMES, I. L. Histórias em quadrinhos: Um balanço bibliográfico desde a América Latina. **Latin America Research Review**. Oxford: Cambridge University Press, 2020. p. 192-198.

GOULART, M. I. M. Aprendizagem. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

GROSGOUEL, R.; ONESKO, G. A complexa relação entre modernidade e capitalismo: uma visão decolonial. **Revista X**, p. 6-23, 2021.

GUZZO, M. Conceição Evaristo: a escrivência das mulheres negras reconstrói a história brasileira. **Portal Geledés**, 29 Julho 2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-das-mulheres-negras-reconstrui-a-historia-brasileira/?form=MG0AV3>>.

HISTÓRIA. In: PRIBERAM, Dicionário Online de Português, 2024. Disponível em: Acesso em: 12/12/2024.

JARCEM, R. G. R. História das Histórias em Quadrinhos. **História, imagem e narrativas**, v. 5, ano 3, p. 1-9, setembro 2007. Disponível em: <https://www.appai.org.br/Media/Arquivos/BEC/06-historia-hq-jarcem_092530.pdf>.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: velhos e novos temas**. Edição do autor. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, E. S. . G. R. . F. R.; ALL., E. Super-Heróis contam a história do século XX. **História Viva**, n. n. 52, outubro 2014.

LITZ, V. G. **O uso da imagem no ensino de História (caderno PDE)**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação/UFPR, 2008.

LUCKESI, C. Por uma compreensão da ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. [S.l.]: [s.n.], 2022. Disponível em: <[https://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas\(1\).pdf](https://portal.unemat.br/media/files/ludicidade_e_atividades_ludicas(1).pdf)>.

LUCKESI, C. C. Ludicidade e aprendizagens: a experiência lúdica na educação. **Revista Com Censo (RCC)**, Brasília, v. 4, nº 3, p. 100-102, agosto 2017.

MACHADO, R. D. C. D. F. Autonomia (Verbetes). In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 53.

MALTA, M. J. Uma Imagem Vale Mais: o uso da imagem na educação como elemento potencializador. **Conhecimento & Diversidade**, n. n. 9, p. 130-139, Janeiro/Junho 2013.

MELO, J. M. de. **Quadrinhos no Brasil**: estrutura industrial e conteúdo das mensagens. Petrópolis: Vozes, 1970.

MENDONÇA, F. L. D. R.; SILVA, D. N. H. A educação estética em sala de aula: para além da instrumentalização da arte e da vida na escola. In: PEDERIVA, P. L. M.; GONÇALVES, A. C. A. B.; [ORG.], F. S. D. D. A. **Educação estética**: a arte como atividade educativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 23-40.

MIGNOLO, W.. DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA, PENSAMENTO INDEPENDENTE E LIBERDADE DECOLONIAL. **Revista X**, v. 16, n. 1, p. 24-53, 2021.

MIGNOLO, W. D. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifesto y un caso. **Tabula Rasa**, p. 243-281, 2008.

MINAYO, M. C. D. S. (). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis - RJ: Vozes, 2021.

MORAES, K. N. de; ZARA, R. A. As histórias em quadrinhos suas relações com o ensino e o uso das tecnologias: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Valore**, Volta Redonda, 6 (Edição Especial): 1131-1142, 2021.

NAVARRETE, E. Roger Chartier e a literatura. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, v. 2, n. 3, p. 23-56, 2011.

NEVES, S. D. C. **A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO RECURSO DIDÁTICO EM SALA DE AULA (TCC)**. Palmas: Universidade Aberta do Brasil - UNB, 2012.

PACHECO, J. **Dicionário de valores em Educação**. São Paulo: Edições SM, 2012.

PACHECO, J. **Inovar é assumir um compromisso ético com a educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

PINHEIRO, M. C. A História em Quadrinhos como ferramenta pedagógica. **Revista Igapó**, p. 11-17, janeiro 2009.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: (ORG.), E. L. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. E. A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

RODRIGUES, S. A. **A linguagem dos quadrinhos no ensino de história na educação básica nas últimas décadas**: Explorando a narrativa como instrumento de aprendizagem. Brasília: Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (TCC), 2021.

SACCO, J. **Palestina**. São Paulo: Veneta, 2021.

SANTOS, D. V. C. D. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**, v. 6, ano 3, p. 27-53, dezembro 2011.

SATRAPI, M. **Persépolis**. 34ª reimpressão. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SEVERO, M. F.; E FERREIRA SEVERO, D. As HQ como ferramentas pedagógicas em sala de aula. **REVISTA INCELÊNCIAS**, v. 4, n. 1, janeiro/junho 2013. Disponível em: <<https://revistas.cesmac.edu.br/incelencias/article/view/289>>.

SILVA, F. T. "Currículo Festivo" e suas vozes ausentes. **Revista Multidebates**, Palmas-TO, v. 7, n. 3, p. 10-19, agosto de 2023.

SILVA, R. L. A Contribuição das Histórias em Quadrinhos de Super-Heróis para a Formação de Leitores Críticos. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, setembro/novembro 2005.

SILVA DE ANDRADE, D. A. Educação e ludicidade: um diálogo com a Pedagogia Waldorf. **Educar em revista**, Curitiba, v. n. 56, p. 101-113, Abril/Junho 2015.

SILVA, J. D. S. LA PEDAGOGÍA DE LA FELICIDAD EN UNA EDUCACIÓN PARA LA VIDA El paradigma del “buen vivir”/“vivir bien” y la construcción pedagógica del “día después del desarrollo”. In: (ORG), C. W. **Pedagogías decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistit, (re)existir y (re)vivir (Tomo I). Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. p. 469-507.

SILVA, M. A. D. **História - O Prazer em Ensino e Pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TANINO, S. **Histórias em Quadrinhos como recurso metodológico para os processos de ensinar (TCC)**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011.

VERGUEIRO, W. Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos. São Paulo: Criativo, 2017.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma "alfabetização" necessária. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. E. A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 31-64.

VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2010.

VILELA, T. Os Quadrinhos na Aula de História. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. E. A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 105-130.

WALSH, C. (.). **Pedagogías decoloniales:** Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. TOMO I. Quito: Abya-Yala, 2013.

WALSH, C. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas Y POLÍTICAS. **Visão Global**, p. 61-74, 2012.

PRODUTO TÉCNICO: GUIAS DE ORGANIZAÇÃO TEMÁTICA E PLANEJAMENTO DA PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRABALHO PEDAGÓGICO COM HQ'S EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

A Metodologia de Trabalho Pedagógico com HQs em uma Perspectiva Decolonial é fruto da integração entre a metodologia de Análise de Conteúdos, do Método de Análise de Histórias em Quadrinhos de Márcia Tavares Chico e da Perspectiva Decolonial na busca demonstrar mais uma forma em que as histórias em quadrinhos podem transcender sua função de entretenimento e se transformar em poderosas ferramentas pedagógicas. A proposta consiste nos seguintes passos:

1. **Selecionar quadrinhos decoloniais**, narrativas gráficas que possibilitem desconstruir as perspectivas eurocêntricas e hegemônicas, promovendo representações que valorizam culturas, saberes e vozes marginalizadas ou historicamente silenciadas. Esses quadrinhos questionam as estruturas de poder que perpetuam a colonialidade, seja por meio de temas, personagens, estilos artísticos ou abordagens narrativas. Eles podem abordar questões como identidade cultural, resistência à opressão, impacto do imperialismo, ou promover epistemologias locais. Frequentemente, utilizam metáforas visuais e críticas sociais para desafiar estereótipos e apresentar histórias sob um olhar plural e inclusivo. Obras como essas incentivam reflexões críticas sobre desigualdades e relações históricas globais.
2. **Submeter a(s) obra(s) escolhida(s) ao Método de Análise de Conteúdo**, o que significa seguir um processo sistemático de categorização e interpretação. Primeiro, defina os objetivos da análise, como identificar símbolos que criticam a colonialidade ou destacar vozes marginalizadas. Depois, estabeleça categorias de análise, como representação de identidade cultural, resistência ideológica ou epistemologias locais. Em seguida, selecione unidades de registro (textos e imagens) que exemplifiquem essas categorias. Classifique os dados em função dessas categorias, buscando padrões e contrastes. Por fim, interprete os resultados considerando o contexto de produção da obra e suas intenções narrativas. Esse método permite uma leitura crítica e detalhada, ampliando o impacto decolonial do quadrinho.
3. **Escolher as unidades de registro e categorias que deseja trabalhar e aplicar nos respectivos trechos da obra o Método de Análise de Histórias em Quadrinhos** de Márcia Tavares Chico. Para isso deve seguir 3 etapas principais: análise estrutural, que examina elementos visuais, como balões e composição, e seu impacto na narrativa; análise contextual, que considera o contexto interno (eventos e personagens da obra) e externo (período de produção e intenções do autor); e análise qualitativa, que interpreta os dados sob enfoques

específicos, como a Perspectiva Decolonial. Esse processo permite uma interpretação interdisciplinar e crítica da obra.

4. Fazer seu planejamento aplicando os conhecimentos adquiridos nas etapas anteriores.

Elabore um plano de aula ou sequência didática, para isso considere conteúdos, objetivos, metodologias (estratégias pedagógicas), recursos, forma de avaliação e o tempo disponível para cada etapa de sua(s) aula(s). Para construir esse planejamento é necessário consultar os aparatos curriculares que estiverem a disposição (PCN's, BNCC, outros currículos regionais ou institucionais) e adaptar os conteúdos e objetivos (competências/habilidades) curriculares aos conhecimentos advindos das análises feitas previamente, sem perder de vista a Perspectiva Decolonial e os quadrinhos que deseja utilizar. É essencial que as estratégias escolhidas permitam uma construção do conhecimento pautada na prática dialógica, senso crítico/reflexivo e ludicidade (momento de vivência plena).

Para facilitar o preparo da análise das obras pode ser feita a utilização das tabelas da parte I desse guia, em que são organizados alguns dos elementos chave para o registro-síntese das obras analisadas na pesquisa. Já a parte II trás modelos de planejamento de aula tendo como referência algumas cenas das três obras analisadas. A intenção é que ambos os materiais sirvam de referência para quem desejar trabalhar estes quadrinhos ou outros quadrinhos decoloniais em sala de aula a partir dessa proposta metodológica desenvolvida durante a pesquisa.

Parte I

Tabelas de esquema cenas (unidades de registro/contexto) por obra

TABELA 1 – CUMBE: ESQUEMA DE CENAS				
Conto	Cena	Resumo	Temática	Páginas
Calunga	1	Este conto segue a trajetória de Valu, um homem escravizado que planeja a fuga de sua opressão. Ele encontra forças na busca por liberdade, mas o sistema colonial e a brutalidade dos capatazes oferecem barreiras imensas. A narrativa mergulha na tensão entre o desejo de escapar e o custo pessoal dessa resistência, destacando os riscos e sacrifícios enfrentados pelos escravizados ao sonhar com a liberdade.	Resistência individual à colonialidade: Este conto destaca a luta pela liberdade como um ato de desafiar o sistema escravista colonial. Calunga mostra como as ações de indivíduos escravizados, mesmo diante de punições severas, são um rompimento com a lógica de desumanização que sustentava o colonialismo.	9 - 13
	2			14 - 27
	3			28 - 34
	4			35 - 38
	5			39 - 46
Sumidouro	6			49 - 51

	7	Aqui, acompanhamos uma mulher escravizada que resiste à crueldade diária de seus opressores. Sua história foca no abuso físico e psicológico que enfrenta, mas também no poder de sua determinação e dignidade em meio ao desespero. O conto examina como a resistência feminina, mesmo em pequenas ações, serve como um desafio à desumanização imposta pelo sistema escravista.	Gênero e colonialidade: A história traz à tona como as mulheres escravizadas enfrentavam tanto a opressão colonial quanto o patriarcado, muitas vezes sofrendo abusos específicos. Ao retratar a resistência dessa mulher, o conto enfatiza a força e o papel das mulheres como agentes de mudança dentro do sistema colonial.	52 - 58
	8			59 - 60
	9			61 - 67
	10			68 - 72
	11			73 - 80
	12			81 - 83
Cumbe	13	Este é o conto que dá nome ao livro e se concentra na resistência coletiva. Homens e mulheres escravizados conspiram para escapar e formar um quilombo, um ato de união e esperança. No entanto, o enredo também retrata a fragilidade dessa luta, expondo como a traição e as condições adversas podem ameaçar até mesmo os sonhos mais organizados de liberdade.	Resistência coletiva e quilombismo: Este conto aborda a construção de quilombos como espaços de resistência e autonomia, desafiando a colonialidade ao reivindicar a terra, a liberdade e a identidade dos africanos escravizados. É uma narrativa que celebra a organização coletiva como uma forma de confrontar a opressão.	87 - 90
	14			91 - 97
	15			98 - 104
	16			105 - 108
	17			109 - 123
	18			124 - 129
Malungo	19	Neste conto, a amizade e a solidariedade entre os escravizados ganham destaque. Mostra como essas conexões eram essenciais para suportar a opressão e preservar a humanidade. A narrativa captura momentos de companheirismo, mesmo diante da violência constante, iluminando a força do vínculo humano como forma de resistência emocional e psicológica.	Solidariedade e humanização: O conto destaca como a construção de laços entre os escravizados era uma forma de preservar a humanidade e resistir à desumanização promovida pelo sistema escravista. Esses laços não apenas ajudavam os indivíduos a suportar as dificuldades, mas também questionavam a lógica do isolamento e da fragmentação imposta pelo colonialismo.	133 - 136
	20			137 - 146
	21			147 - 150
	22			151 - 158
	23			159 - 164

TABELA 2 – PERSÉPOLIS: ESQUEMA DE CENAS³¹

Cena/ Título	Resumo	Estruturas Temáticas da Obra	Temáticas
1 – O Véu	Começa a Revolução Iraniana e vemos seu efeito na vida de Marjane. Em paralelo exploramos sua relação com a religião e a política ainda jovem.	Infância e a Revolução: Marjane começa sua história relembrando o ambiente de liberdade relativa no Irã antes da Revolução Islâmica de 1979. Ela mostra como sua infância foi interrompida pelo surgimento de um regime teocrático que trouxe mudanças drásticas, como a obrigatoriedade do uso do véu e a opressão às mulheres. Essa parte reflete a perda da inocência, tanto da protagonista quanto da sociedade, conforme a repressão e a violência política começam a moldar suas vidas.	Resistência às narrativas hegemônicas: A obra desmistifica a visão eurocêntrica da Revolução Islâmica como um evento simplificado de "barbárie oriental". Satrapi humaniza a experiência do povo iraniano, mostrando como as ações de potências estrangeiras, como o colonialismo britânico e americano (exemplificado no apoio ao Xá), influenciaram profundamente a sociedade iraniana. Exploração da colonialidade do poder: A imposição de valores ocidentais no Irã pré-revolução, seguida pela reação teocrática que também exerce controle opressivo, revela o ciclo de dominação colonial e pós-colonial.
2 – A Bicicleta	A protagonista é influenciada por revolucionários e pelo pensamento marxista, o incêndio do cinema e seus atritos com a religião.		
3 – A Cella de Água	Na escola Marjane “aprende” sobre o Xá e seu pai a explica a relação de seu avô com o atual governante.		
4 – Persépolis	A avó de Marjane conta sobre a vida da família quando sua mãe era jovem enquanto esperam o retorno de seu pai da manifestação. O pai chega e conta um caso dos revolucionários e instiga Marjane a querer entender.		
5 – A Carta	Vemos a algumas interações de Marjane com a empregada/irmã e sua percepção das diferenças entre as classes sociais em um caso de namoro com o vizinho descoberto pelo pai. Primeira ida a uma manifestação.		
6 – A Festa	O Xá é removido do poder e Marjane percebe as contradições do dia a dia quanto ao “sucesso” da revolução e a reação das pessoas. Ela discute com o filho de um apoiador do Xá e repensa suas ações.		
7 – Os Heróis	Entra em contato com os heróis revolucionários que foram presos e com os horrores da prisão e isso afeta sua relação com os colegas e a faz se sentir culpada.		

³¹ O livro não é paginado, por isso não foi colocada a coluna com especificação de páginas.

8 - Moscou	O tio Anuch, um revolucionário comunista, conta sua história para Marjane.		
9 – As Ovelhas	Marjane dá sua opinião sobre a política para seu pai e tio, descobre que um de seus amigos vai para os Estados Unidos e fica sabendo da morte de alguns heróis da revolução pelos defensores da República Muçulmana.		
10 – A Viagem	Novas mudanças opressivas afetam sua vida com a instituição da República Muçulmana, a mãe de Marjane é assediada e ela vai a uma manifestação com a família. Eles viajam e voltam após o início da guerra Irã x Iraque.	Vida sob o regime islâmico: À medida que o regime se fortalece, Marjane vivencia o endurecimento das leis e as imposições culturais que visavam eliminar qualquer oposição ou liberdade individual. Ela testemunha o impacto brutal sobre sua família, com parentes sendo presos ou mortos, enquanto tenta entender a complexidade do que é viver sob um governo autoritário. Essa seção explora a resistência, a conformidade e as pequenas formas de rebeldia no dia a dia.	Colonialidade e controle corporal: O regime islâmico impõe uma ordem social que regula os corpos, principalmente das mulheres, obrigando o uso do véu e limitando sua liberdade. Isso remete à colonialidade do poder, que utiliza tanto a religião quanto o autoritarismo como ferramentas de controle. Resistência cotidiana: As pequenas formas de resistência, como o uso de roupas "subversivas" (tênis, jeans) por Marjane e seus amigos, exemplificam como os indivíduos desafiam a opressão, ecoando a luta decolonial contra formas de dominação cultural.
11 – Os F-14 ³²	A família Satrapi é afetada pelos efeitos da guerra, todos acompanham a guerra e Marjane vê os efeitos da guerra nas pessoas.		
12 – As Joias	Marjane e sua mãe vão às compras e a família recebe refugiados da zona de guerra e presenciam o discurso contra os refugiados.		
13 – A Chave	Marjane conhece o ritual dos mártires e fica sabendo do recrutamento de jovens de até 14 anos sobre promessa do paraíso, também foi a sua primeira festa.		
14 – O Vinho	A família volta a passar por bombardeios e tomam medidas para evitar denúncias de condutas impróprias. São abordados após ir a uma festa clandestina.		
15 – O Cigarro	Marjane cabula aula com as amigas e mente para mãe, causando uma discussão. A oposição ao regime é reprimida e Marjane faz atos de rebeldia com relação a mãe.		
16 – O Passaporte	Ela houve o tio Taher se queixar da guerra, da tristeza com não poder ver o filho e depois acompanha a piora de sua saúde		

³² O Grumman F-14 Tomcat é um caça supersônico, impulsionado por dois motores, provido de asas de geometria variável e tripulado por duas pessoas.

	por causa da guerra e do cigarro. Seu pai tenta conseguir um passaporte, mas a perseguição da oposição atrapalha.		
17 – Kim Wilde	Seus pais viajam e trazem alguns produtos importados proibidos para Marjane, ela é pega pelas guardiãs da revolução usando esses itens e escapa por pouco.		
18 – O Shabat	Marjane vê seus pais e amigos deles conversando sobre a guerra, faz compras com a amiga e descobre seus vizinhos vítimas de um bombardeio.		
19 – O Dote	Marjane é expulsa da escola por brigar com a diretora e advertida na nova escola por discutir com a professora. Seus pais contam o destino das garotas levadas pelos guardiões da revolução e ela acaba indo estudar na Áustria.		
20 – A Sopa	Marjane é recebida de forma pouco entusiasmada e depois é encaminhada a uma pensão de freiras. Ela tenta se integrar ao novo ambiente.	Exílio na Europa: Após confrontos com as autoridades e os riscos crescentes no Irã, os pais de Marjane decidem enviá-la para Viena em busca de segurança. Lá, ela enfrenta o choque cultural, preconceitos e uma sensação constante de deslocamento, tentando encontrar seu lugar entre dois mundos. Essa parte aborda o amadurecimento de Marjane, os desafios de viver longe da família e as consequências do exílio	Deslocamento cultural e identidade fragmentada: A experiência de Marjane no exílio reflete o sentimento de "não-pertencimento", que é uma consequência da colonialidade. Ela enfrenta o preconceito ocidental e é tratada como "o Outro", mesmo enquanto tenta se integrar. Isso expõe as hierarquias globais de poder e a marginalização de culturas não ocidentais. Crítica ao orientalismo: Satrapi aborda
21 - Tirol	Acompanhamos a vida de Marjane com a colega de quarto (Lúcia) e seu processo de se enturmar na nova escola, assim como seu fim de ano com a família de Lúcia.		
22 – O Macarrão	Durante as férias ela lê bastante e é enxotada da pensão após discutir com uma freira, sua amiga Julie e a mãe dela a acolhem.		
23 – A Pílula	Na nova casa, ela se dá bem com a mãe da amiga e se surpreende com as diferenças de comportamento entre ela e a amiga no dia a dia e participa de uma festa.		
24 – O Legume	Marjane passa por muitas mudanças físicas e de adaptação aos amigos, conversa com os pais e discute com algumas garotas.		
25 – O Cavalo	Em um novo alojamento temporário, Marjane recebe sua mãe e passa um tempo feliz com		

	ela enquanto procura um lugar para ficar.	emocional e cultural.	como o Ocidente simplifica e torna exóticas culturas orientais, mostrando como essa perspectiva contribui para a exclusão e o isolamento de indivíduos que vêm desses contextos.
26 – Esconde-Esconde	No novo alojamento surgem alguns problemas, seu círculo de amigos muda e vemos sua interação com o primeiro namorado que apresenta a um grupo anarquista jovem.		
27 – Love Story	Conhece a família de um professor, tem um encontro fracassado e se apaixona novamente e começa a trabalhar. Sofre preconceito por ser imigrante e se envolve com drogas.		
28 – O Croissant	Marjane divide seus esforços entre trabalho, estudo e namoro, é assediada e traída.		
29 – O Véu	Destruída emocionalmente, discute com a proprietária de seu alojamento e sai sem rumo até adoecer, acorda no hospital e contata a família. Ela recebe ajuda e decide voltar ao Irã.		
30 – A Volta	Marjane tenta se readaptar ao Irã, passeia pela capital devastada pela guerra e conversa com o pai sobre o estado do país.	Retorno ao Irã: De volta ao Irã, Marjane enfrenta a dificuldade de se reconectar com sua terra natal, agora transformada por anos de guerra e repressão. Ela tenta se ajustar às expectativas sociais e familiares, mas encontra um ambiente sufocante e conservador, que entra em conflito com sua identidade construída no exterior. Essa etapa culmina na	Choque entre modernidade e tradição: A volta de Marjane destaca a tensão entre sua identidade "ocidentalizada" e as expectativas de conformidade ao regime teocrático no Irã. Essa luta reflete os impactos do colonialismo cultural, que cria cisões identitárias em sociedades pós-coloniais. Rejeição da colonialidade interna: Marjane eventualmente rejeita a opressão imposta pelo regime
31 – A Piada	Os parentes e amigas visitam Marjane e ela encontra um amigo de infância.		
32 – O Esqui	Marjane é sobrecarregada com os conselhos dos outros, interage com as amigas e se percebe deprimida. Ela procura ajuda psicológica, passa por uma crise enquanto seus pais viajam e decide mudar de vida e se cuidar.		
33 – O Concurso	Em uma festa conhece um novo interesse romântico, pensam no futuro e se preparam juntos para a universidade, conseguindo ser aprovados.		
34 – A Maquiagem	Com medo de ser pega usando batom para se encontrar com o namorado, Marjane consegue se salvar acusando um inocente e briga com a avó por isso.		

35 – A Convocação	Início das aulas na universidade, desafios e críticas aos instrutores religiosos e convocação pela diretora. Ela faz as pazes com a avó.	sua decisão final de deixar o Irã novamente, agora mais consciente de quem ela é e do que significa ser livre.	islâmico, reconhecendo que a continuidade da dominação, seja ela colonial ou teocrática, perpetua a desumanização. Sua decisão de partir novamente sugere uma resistência tanto à colonialidade do poder quanto à sua internalização.
36 – As Meias	Novos atritos na universidade e fora dela, Marjane percebe outras formas de resistência, se enturma com novo grupo de amigos. Eles são pegos em uma festa clandestina e um amigo morre.		
37 – O Casamento	Após ser pedida em casamento, Marjane conversa com o pai e decide se casar. Ela se casa e enfrenta vários desafios no casamento.		
38 – A Parabólica	Vemos a chegada dos refugiados do Kwait e o choque cultural. O casamento vai mal e a chegada da antena parabólica abre novos horizontes e problemas. Após conversar com o pai ela volta a focar nos estudos e pensar no futuro.		
39 – O Fim	Marjane trabalha junto com seu marido e se reaproximam, mas percebe não o amar após alguns acontecimentos e conversas. Ela decide voltar a Europa e seguir a vida.		

TABELA 3 – PALESTINA: ESQUEMA DE CENAS				
Capítulo	Cena/ Título	Resumo	Temática	Páginas
1	1	Introdução: Joe Sacco chega à Palestina e começa sua exploração, oferecendo um vislumbre inicial da vida sob ocupação, enquanto compartilha sua abordagem única como jornalista e desenhista.	Introdução e a perspectiva do observador: a obra introduz o olhar do autor como "estrangeiro", destacando a narrativa ocidental dominante e como ela molda a percepção do conflito; Sacco confronta essa visão com as vozes locais, propondo uma narrativa decolonial ao dar destaque aos palestinos.	1 - 4
	2			5 - 10
	3			11 - 15
	4			16 - 24
2	5	Os campos de refugiados: Sacco mergulha nos campos superlotados, documentando histórias pessoais de desalojamento, sofrimento contínuo e a resiliência dos palestinos que vivem ali.	Campos de refugiados: o deslocamento forçado e a condição dos refugiados refletem o impacto direto do colonialismo sobre populações nativas, mostrando como a ocupação marginaliza e reduz as comunidades a condições precárias.	27 - 28
	6			29 - 36
	7			37 - 40
	8			41 - 50
3	9	Prisão e repressão: Ele apresenta relatos impactantes de palestinos que enfrentaram prisões arbitrárias, tortura e repressão militar, destacando a constante tensão e violência.	Repressão e resistência: explora a violência estrutural do poder colonial (prisões arbitrárias, tortura, controle militar) e evidencia as formas de resistência cotidiana, desafiando a narrativa de passividade das populações ocupadas.	53 - 58
	10			59 - 71
	11			72 - 76
	12			77
4	13	As mulheres palestinas: Este capítulo foca na experiência feminina, mostrando o papel das mulheres na resistência e os desafios que enfrentam em um sistema duplamente opressor: ocupação e patriarcado.	Mulheres palestinas: Sacco aborda a interseção de colonialismo e gênero, mostrando como as mulheres, frequentemente invisibilizadas, desempenham papéis importantes na resistência e sofrem opressões específicas.	81 - 92
	14			93 - 96
	15			97 - 101
	16			102 - 113
5	17	Infância perdida: Sacco explora o impacto da ocupação nas crianças, muitas	Infância e trauma geracional: o impacto da ocupação colonial na	117 - 126
	18			127 - 132
	19			133 - 137

	20	delas traumatizadas por violência, e como o conflito molda uma geração inteira.	formação de gerações futuras reflete a perpetuação da violência, explorando como crianças crescem em um ambiente de trauma e desigualdade.	138 – 140
	21			141
6	22	Vida urbana sob ocupação: Retrato de cidades palestinas, onde Sacco captura o contraste entre a luta diária e os pequenos atos de normalidade em meio à ocupação.	Vida urbana sob ocupação: mostra como o espaço urbano é controlado e segregado, revelando a colonialidade do poder que molda a paisagem física e social.	145 – 149
	23			150 – 163
	24			164 – 165
	25			166
	26			167 – 174
	27			175 – 177
7	28	Relatos de dor: Sacco narra entrevistas com pessoas que perderam parentes, casas ou tiveram vidas devastadas pela violência, oferecendo uma perspectiva humana sobre o custo do conflito.	Relatos de dor e perda: a dor pessoal é narrada como parte de uma desumanização sistêmica, destacando como o sofrimento individual é reflexo de políticas coloniais mais amplas.	181 – 189
	29			190 – 194
	30			195 – 201
	31			202 – 205
	32			206 – 207
	33			208 – 212
	34			213
8	35	Conflitos religiosos e políticos: Ele examina como religião, identidade e política se entrelaçam no contexto da ocupação, exacerbando tensões e divisões.	Conflito religioso e político: analisa como a religião e a identidade cultural são usadas para justificar ou questionar projetos coloniais, expondo as tensões entre narrativas hegemônicas e locais.	217 – 249
9	36	Conclusão pessoal: Sacco reflete sobre o que vivenciou e registrou, encerrando com suas observações pessoais sobre a complexidade do conflito e a resiliência humana.	Reflexões finais: Joe Sacco reflete sobre suas próprias descobertas e a luta por justiça, encerrando com um tom que questiona o legado do colonialismo e a necessidade de narrativas descolonizadas.	253 – 259
	37			260 – 264
	38			265 – 268
	39			269 - 272
	40			273 - 275
	41			276 – 278
	42			279 - 285

Planos de aula por obra

LOGO INSTITUCIONAL		PLANO DE AULA - PROJETO _____ ____/____/____ Instituição de Ensino: _____ Docentes: _____ Público Alvo: Estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental.			
CONTEÚDOS	OBJETIVOS	DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO	RECURSOS	AValiação	CRONOGRAMA
BRASIL COLONIAL E ESCRAVIDÃO I – Brasil Colonial - Conceito de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões no período colonial; - Aplicar os conceitos acima para entender a situação do Brasil enquanto colônia portuguesa;	- Desenvolver a capacidade de compreender como os conceitos de Estado, nação, território, governo e país estão interligados e como eles influenciam a formação de identidades, fronteiras e relações de poder; - Analisar conflitos históricos e contemporâneos a partir desses conceitos, promovendo uma visão crítica sobre as disputas políticas e territoriais;	6. Abertura: apresentação do projeto de leitura de quadrinhos; contextualização histórica quanto ao Brasil Colonial; revisão rápida dos conceitos de Estado, nação, território, governo e país utilizando material impresso.	- Computador - Esquema impresso sintetizando os conceitos de Estado, nação, território, governo e país; - Uso do livro didático escolar para trabalhar o período colonial no Brasil; - Questionário ou atividade voltada para comparações entre conflitos relacionados a questão racial no período colonial e nos dias atuais;	- Participação nos debates e discussões (individual e em grupo); - Compreensão (avaliada a partir das colocações durante as discussões e respostas escritas dadas aos estudos dirigidos); - Momento posterior as aulas, geralmente em coordenações para análise dos estudos	6. 50 min.
		7. Exposição dialogada quanto a situação do Brasil Colonial em relação aos conceitos estudados anteriormente e estudo dirigido com questões envolvendo comparações entre conflitos do período colonial e atuais envolvendo práticas racistas e/ou antirracistas.			7. 50 min.

II – Escravidão - Contexto histórico do sistema escravocrata, incluindo a economia baseada nos engenhos de açúcar e mineração; - Condições de vida dos escravizados e as formas de resistência, como os quilombos.	- Identificar e interpretar os elementos que compõem um Estado e suas relações com o território e a população; - Relacionar os conceitos de nação e identidade com os processos históricos de formação de países e governos. - Ao abordar os conceitos de Estado e nação, discutir como esses elementos foram construídos em contextos coloniais para servir aos interesses das potências europeias, excluindo ou silenciando as vozes dos povos originários e africanos. - Analisar os conflitos e tensões em torno do território e da formação de Estados à luz da resistência dos povos oprimidos, como comunidades indígenas e negras, que desafiaram a imposição de fronteiras e governos coloniais. Essas resistências são exemplos	8. Exposição dialogada relativa ao início do processo de escravização de africanos no Brasil ressaltando os ciclos econômicos relacionados aos engenhos e mineração; Debate em que grupos tenham que criar hipóteses de como os conceitos de Estado e nação foram usados para servir aos interesses das potências coloniais; pesquisa em grupos sobre as condições de vida dos africanos no Brasil durante o período colonial (casos exemplares). 9. Exposição do caso selecionado por cada grupo e debate; Exposição dialogada sobre racismo estrutural e colonialidade do saber; disponibilização do conto “Sumidouro” do livro Cumbe, digitalmente ou impressa para cada grupo para leitura. 10. Estudo dirigido com trechos selecionados do quadrinho para debater cada questão levantada a partir de cenas específicas ressaltando as formas de resistência e os	- Uso de slides (projektor) para tratar dos ciclos econômicos, imagens e/ou textos de impacto para impulsionar debates sobre como os conceitos de nação e Estado foram usados para servir os interesses das potências coloniais em relação aos povos submetidos; - Link com o conto “Sumidouro” do livro Cumbe em formato pdf ou cópias impressas do conto, uma para cada grupo; - Estudo dirigido montado com questões que façam referência direta a cenas do conto lido, usando o recurso visual (projektor ou imagens grandes impressas) para análise de elementos das cenas previamente selecionados e que	dirigidos e tomar notas das dinâmicas que funcionaram ou não durante as aulas, além de planejar adaptações para aulas futuras.	8. 50 min. 9. 50 min. 10. 50 min.
--	---	--	---	---	--

	de como identidades e territórios foram ressignificados fora da lógica colonial.	traços identitários das comunidades negras que permeiam a cultura brasileira.	passaram pela aplicação da Metodologia de Análise de Histórias em Quadrinhos.		
--	--	---	---	--	--

LOGO INSTITUCIONAL	PLANO DE AULA - PROJETO _____ / ____ / ____ Instituição de Ensino: _____ Docentes: _____ Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.				
CONTEÚDOS	OBJETIVOS	DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO	RECURSOS	AVALIAÇÃO	CRONOGRAMA
GUERRA IRÃ-IRAQUE I – Contexto histórico e geopolítico do Oriente Médio - Impactos da guerra na sociedade: Reflexão sobre as consequências humanas e sociais dos conflitos armados; - Manipulação ideológica e propaganda de guerra: Análise de discursos e narrativas políticas; - Religião e política: Uso da religião como ferramenta de controle social.	- Análise crítica de fontes históricas: Desenvolver a capacidade de interpretar narrativas históricas e visuais; - Interpretação de narrativas visuais: Explorar o uso de imagens como fontes históricas; - Compreender acontecimentos históricos e relações de poder para analisar e intervir no mundo contemporâneo; - Analisar as relações de poder e as	1. Abertura: apresentação do projeto de leitura de quadrinhos; Exposição dialogada para contextualização histórica e geopolítica quanto ao Oriente Médio; Guerra Irã-Iraque (causas, cronologia, acontecimentos chave, consequências); Leitura de capítulos selecionados do livro “Persépolis” (Introdução, O véu, A sela de água, Persépolis, A festa, A viagem, A chave) para casa. 2. Reconto dos trechos lidos com slides e debate com questões geradoras escolhidas previamente (orientadas para a discussão das temáticas: propaganda de guerra, relação	- Computador - Uso do livro didático escolar para trabalhar os conflitos no Oriente Médio. - Uso de slides (projektor) para tratar contextualização histórica e geopolítica, mostrar trechos do quadrinho e apresentar as questões geradoras do debate e as situações de referência para o estudo dirigido; - Link com os trechos	- Verificar a capacidade de interpretação de fontes e narrativas visuais, além da capacidade de associação com assuntos previamente estudados; - Observar se os estudantes foram capazes de identificar problemáticas provenientes das desigualdades sociais, elaborar suas problematizações e os associar com os direitos humanos ao propor soluções;	1. 50 min. 2. 50 min.

II – História das classes sociais e Direitos Humanos - Exploração das desigualdades sociais e econômicas (paralelo entre questões trabalhistas na Era Vargas, impactos nas relações de poder e nas dinâmicas sociais, comparativo com a situação das classes sociais no Irã); - Discussão sobre a exploração de populações vulneráveis (relacionar o uso de narrativas religiosas e ideológicas no Irã e no Brasil da Era Vargas).	desigualdades sociais em diferentes contextos históricos; - Reflexão sobre desigualdades sociais: Identificar e problematizar as relações de poder e exclusão social (questionar as estruturas que mantém hierarquias sociais, econômicas e culturais).	entre religião e política, interpretação de fontes históricas e narrativas visuais). 3. Exposição dialogada sobre a divisão de classes sociais no Irã e no Brasil e direitos humanos; Estudo dirigido em grupos explorando a identificação de desigualdades sociais e seus problemas a partir de situações reais escolhidas previamente em discussões no grupo e exposição das considerações de cada grupo com propostas de intervenção associadas aos direitos humanos; entregar uma síntese escrita das conclusões do grupo na aula seguinte.	selecionados do “Persépolis” em formato pdf ou cópias impressas, uma para cada grupo.	- Momento posterior as aulas, geralmente em coordenações para análise dos estudos dirigidos e tomar notas das dinâmicas que funcionaram ou não durante as aulas, além de planejar adaptações para aulas futuras.	3. 50 min.
---	--	---	--	---	-------------------

LOGO INSTITUCIONAL	PLANO DE AULA - PROJETO _____ / ____ / ____ Instituição de Ensino: _____ Docentes: _____ Público Alvo: Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.				
CONTEÚDOS	OBJETIVOS	DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO	RECURSOS	AVALIAÇÃO	CRONOGRAMA
CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO: ISRAEL-PALESTINA I – Contexto histórico e geopolítico do conflito Israel-Palestina, abordando suas raízes, consequências e impacto global - Colonialismo e resistência: dinâmicas do colonialismo contemporâneo, como o controle territorial e político imposto à Palestina, e as diferentes formas de resistência desenvolvidas pela população local; - Direitos humanos e conflitos: violações de direitos humanos no	- Identificar a diversidade de fontes históricas, como as narrativas orais, artísticas e culturais, valorizando assim perspectivas não eurocêntricas; - Identificar e questionar desigualdades geradas por colonialismos históricos e contemporâneos; - Refletir sobre como narrativas ocidentais frequentemente distorcem ou silenciam a realidade de populações	1. Abertura: apresentação do projeto de leitura de quadrinhos; exposição dialogada para contextualização histórica e geopolítica quanto ao Oriente Médio; Conflito Israel-Palestina (causas, cronologia, acontecimentos chave, consequências) usando reportagens e notícias da mídia; leitura coletiva do prefácio do “Palestina”. 2. Estudo dirigido: separar a turma em 3 grupos para a leitura coletiva do capítulo 5, cada um com uma das cenas (a quarta junto com a terceira); pedir aos estudantes que façam um relato da leitura e identificarem a diferença entre as notícias e reportagens da	- Computador - Uso do livro didático escolar para trabalhar os conflitos no Oriente Médio. - Uso de slides (projektor) para mostrar trechos do quadrinho e de notícias veiculadas pela mídia sobre o conflito Israel-Palestina; - Link com o capítulo 5 e prefácio do “Palestina” em formato pdf e cópias impressas de cada cena do capítulo, uma para cada grupo.	- Tomar nota das diferenças identificadas pelos estudantes entre os diversos tipos de fontes observados; - Observar sua capacidade de análise crítica e questionamento quanto à ocupação da Palestina, violação de direitos humanos, estereótipos e formas de resistência ao ouvir suas opiniões quanto ao relato do estudo dirigido e análises escritas; - Momento posterior as aulas, geralmente	1. 50 min. 2. 50 min.

contexto da ocupação e justiça social e autodeterminação; II – Representações e estereótipos - Desconstrução de imagens preconceituosas sobre os palestinos, narrativas culturais; - Identidade e cultura: identidade cultural e a identidade palestina como formas de resistência, memória coletiva e identidade em meio ao conflito.	colonizadas, como os palestinos; - Compreender as dinâmicas de poder que perpetuam opressões e os movimentos de resistência que as contestam e valorizar as estratégias de resistência das populações subjugadas; - Analisar a construção da memória coletiva palestina, bem como sua relação com a resistência cultural em meio à ocupação, desconstruir visões estereotipadas e reconhecer a agência histórica dos palestinos.	mídia e os relatos do quadrinho expondo suas opiniões sobre o assunto. 3. Analisar a cena 3 (p. 133 a 140 do “Palestina”) com os estudantes, enquanto revisitam esse trecho do capítulo 5 com slides, destacando a desconstrução de estereótipos e as formas de resistência das mulheres palestinas; fazer um debate a partir de tópicos pré-estabelecidos (analisar: estereótipos, formas de resistência, elementos identitários) a partir de momentos/acontecimentos da história lida. Pedir aos estudantes que escolham um dos momentos comentados no debate e para escrever sua análise sobre ele e entregar na aula seguinte.		em coordenações para análise das anotações sobre o debate e estudo, além de planejar adaptações para aulas futuras tendo em vista o funcionamento ou não das atividades propostas.	3. 50 min.
---	---	--	--	---	-------------------